



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O OUTRO LADO DO PARAÍSO: A NATURALIZAÇÃO DA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS NOVELAS
BRASILEIRAS**

MARIA EDUARDA COSTA DA ROCHA

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**O OUTRO LADO DO PARAÍSO: A NATURALIZAÇÃO DA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS NOVELAS
BRASILEIRAS**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de

Comunicação Social – Jornalismo.

MARIA EDUARDA COSTA DA ROCHA

Orientadora: Profa. Dra. Suzy dos Santos

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

ROCHA, Maria Eduarda Costa da

O Outro Lado do Paraíso: a naturalização da violência contra a mulher nas novelas brasileiras. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O Outro Lado do Paraíso: a naturalização da violência contra a mulher nas novelas brasileiras**, elaborada por Maria Eduarda Costa da Rocha.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profª. Dra. Suzy dos Santos
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profª. Dra. Chalini Torquato Gonçalves de Barros
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Departamento de Comunicação – UFRJ

Profª. Dra. Tatiane Cruz Leal Costa
Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT)

Rio de Janeiro

2019

PRELÚDIO

A todas as Marias que me fizeram chegar até aqui, pra mim, a melhor parte das festas em família é a preparação. Tem que separar os talheres! Vou comprar o queijo provolone pro macarrão! Já viu se está faltando o leite condensado pra sobremesa?; Já confirmou com seus avós?; Pega aquele tupperware lá em cima?. Chega o dia e tá tudo pronto: os guardanapos estão no porta-guardanapos em forma de árvore de Natal - que os netos se juntaram e pintaram em algum ano -, os talheres estão separados, as sobremesas estão prontas. Nem todo mundo chega na hora. Vamos comer? Vamos, já está demorando demais! Coloca o azeite, o vinagre e o sal na mesa! Todo mundo já comeu? Já pode ir pra sobremesa! Vou pegar um pouco de cada, mousse com pavê de chocolate e sorvete de creme! Quem ajuda a tirar a mesa? Tem que lavar os pratos, os talheres, os recipientes e guardar tudo no armário depois. E tudo começa e termina na cozinha da dona Alice. O coração está lá.

Porque naquela casa, a comida tem um sabor diferente. Não importa se é a farofa, o macarrão com provolone ou o mousse de maracujá, que competem com a lasanha de berinjela, os legumes refogados ou a salada de tomate, beterraba e cebola roxa lá de casa; cada sabor me lembra conforto.

Conforto. Me lembra uma cama king size, um edredom branquinho, fofo e cheiroso de amaciante, um dia meio chuvoso e um café com leite na cama. Mas, ultimamente, "zona de" conforto tem me feito repensar, até mesmo este trabalho. Sair da zona de conforto é trabalhoso, precisa de coragem, custa alguns erros, algumas certezas. Ela está lá, me cozinhando em banho maria, acinzentando os dias - e não de um jeito que me lembra o edredom branco com chuva lá fora. Algum dia tem que fazer sentido sair do raso, do seguro, do igual.

Quando chegavam com um lanche do Mc Donald's em casa, a primeira coisa que minha avó falava era "já perguntou o que a Duda quer?". Ainda não encontrei meu lugar no mundo, nem o que eu quero, mas tenho colhido no meu jardim algumas pessoas essenciais que me fazem percorrer esse caminho sempre incerto.

Tudo. Vai. Dar. Pé!

Eu precisava ler este texto que escrevi.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai que sempre acreditaram em mim; que a educação transforma a vida; e que ninguém pode te tirar o conhecimento.

Ao meu irmão, que sem ele eu não teria com quem brigar pela TV da sala, a quem ofender sem querer querendo por ter comido meu chocolate e a quem defender quando o mundo parece se voltar contra.

Às melhores tias que todos deveriam ter: Aline, que desenvolveu minha curiosidade pelos livros, e Tininha, que sempre tem uma solução para tudo.

A todas as Marias da minha família que me fizeram chegar até aqui.

Ao meu avô, que não teve acesso à sabedoria acadêmica, mas cujos aprendizados da vida valem mais que mil trabalhos de conclusão de curso.

Às minhas amigadas do Cruzeiro que me fazem ter certeza de que escolhi o colégio certo, após ralar o joelho a metros da segunda opção, só para podermos crescer e nos apoiar durante os anos.

Àqueles que não se sentiam pertencentes, mas se encontraram: Bianca, Higor e Cainã, sem eles os dias de palácio teriam sido mais cinzas.

À minha orientadora, que fez meus pensamentos iniciais criarem forma e continuação, e à banca, meu dream team para fechar a ECO.

“Que nada nos limite, que nada nos defina,
que nada nos sujeite. Que a liberdade seja
nossa própria substância, já que viver é ser livre”.

(Simone de Beauvoir)¹

¹ BEAUVOIR, Simone de. A Força da Idade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Texto original: “Rien ne nous limitait, rien ne nous définissait, rien ne nous assujettissait; nos liens avec le monde c’est nous qui les creions; la liberté était notre substance même”.

ROCHA, Maria Eduarda Costa da. **O Outro Lado do Paraíso: a naturalização da violência contra a mulher**. Orientadora: Suzy dos Santos. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa mostrar o processo da banalização da violência contra a mulher nas telenovelas brasileiras ao longo de 50 anos utilizando como estudo de caso a novela O Outro Lado do Paraíso (2017). O objetivo é jogar luz a um padrão construído da naturalização da agressão de gênero para entender o porquê desta normalização e o que é possível fazer para mudar este quadro. A metodologia inclui fazer uma revisão de cenas clássicas de violência contra o sexo feminino, analisar a reação em duas redes sociais, com públicos-alvo diferentes, e na mídia. Além disso, o estudo procura entender mulheres e sua representação nas telenovelas, a cultura da mídia e a cultura do estupro na sociedade contemporânea e o real impacto dos debates levantados na teledramaturgia a partir de um produto tão brasileiro. Ao final, ponderam-se hipóteses para mudar o caminho traçado nas narrativas ficcionais televisivas até aqui.

Palavras-chave: violência contra a mulher; gênero; novelas brasileiras; O Outro Lado do Paraíso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sexo do agressor X décadas.....	10
Figura 2 - Vítima após agressão em Água Viva (1980).....	11
Figura 3 - Vítima após agressão em Celebridade (2003).....	11
Figura 4 - Diferença de gênero entre autores.....	13
Figura 5 - Diferença de gênero entre diretores.....	14
Figura 6 - Qualificação da agressão X décadas.....	15
Figura 7 – Qualificação do agressor X décadas.....	16
Figura 8 – Qualificação da vítima X décadas.....	17
Figura 9 – Qualificação do agressor x qualificação da vítima.....	18
Figura 10 – Sexo do agressor X qualificação da agressão.....	18
Figura 11 – Sexo do agressor x qualificação da vítima.....	19
Figura 12 – Tipo de agressão X qualificação da vítima.....	20
Figura 13 – Tipo de agressão X qualificação da agressão.....	20
Figura 14 – Sexo do agressor X qualificação do agressor.....	21
Figura 15 - A direção da novela utilizou um recurso metafórico para passar a cena de estupro.....	34
Figura 16 - Clara na primeira fase da novela.....	37
Figura 17 - Clara no dia de seu casamento com Gael.....	39
Figura 18 - Clara durante a gravidez e sob situação de violência doméstica.....	41
Figura 19 – A audiência reage às cenas de violência da novela O Outro Lado do Paraíso (2017).....	49
Figura 20 - Diretor fez críticas à narrativa.....	50

Figura 21 - Telespectadora relata vivência parecida.....	51
Figura 22 – Uma mulher faz piada com a narrativa apresentada.....	52
Figura 23 - Observação feita por uma mulher sobre Clara.....	52
Figura 24 - Críticas à Clara voltar a se relacionar com seu agressor.....	53
Figura 25 - O elo entre a ficção e a justiça que se espera na vida real.....	54
Figura 26 - Críticas à romantização de um relacionamento abusivo.....	55
Figura 27 - Lista de alguns problemas na narrativa segundo um perfil.....	57
Figura 28 - Pautas feministas em discussão.....	58
Figura 29 - Redenção do agressor é criticada.....	59
Figura 30 - A Lei Maria da Penha foi citada.....	60
Figura 31 - O final feliz para Gael não foi bem recebido.....	61
Figura 32 - Público torce por uma cena de briga entre mulheres.....	66
Figura 33 - Opinião e sugestão de uma telespectadora.....	67
Figura 34 - Mais uma lembrança da clássica cena de Celebridade (2003).....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 VALE A PENA VER DE NOVO: NOVELAS CUJO TÓPICO ERA O ABUSO FÍSICO E PSICOLÓGICO CONTRA A MULHER

2.1 Violência de gênero nas novelas em dados

2.2 Do Assédio à cultura do estupro

3 CLARA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS NOVELAS DA GLOBO

3.1 O perfil construído

3.2 Da beira da estrada à dama de vermelho

3.3 Clara e o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT)

4 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS MÍDIAS

4.1 Amor & sexo na violência de gênero: quando o médico é o monstro

4.2 Spoiler de novela: explorando a violência contra a mulher

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APÊNDICE A

1 Introdução

Em 2017, 4.936 mulheres foram mortas, o maior número registrado em dez anos. 13 feminicídios por dia. A taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 1,6% entre 2007 e 2017, enquanto a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Do total de homicídios contra mulheres, 28,5% ocorrem dentro da residência - muito provavelmente estes são casos de feminicídios íntimos, que decorrem de violência doméstica. O crescimento mais acentuado nos últimos dez anos tem sido na taxa homicídios dentro das residências, com o uso da arma de fogo, que cresceu 29,8% - o que causa preocupação com a possibilidade da flexibilização da posse e do porte de armas de fogo no Brasil.

Apenas em 2017, mais de 221 mil mulheres procuraram delegacias para registrar episódios de agressão (lesão corporal dolosa) em decorrência de violência doméstica - número que pode ser maior dada a subnotificação nestes tipos de casos. Estes números alarmantes são do Atlas da Violência divulgados em junho de 2019¹.

É urgente tratar do tema violência contra a mulher. Eu, como mulher, como feminista e como romancista, considero pertinente para a reflexão juntar estas três pontas que estão, de uma forma ou de outra, em voga e/ou na raiz da cultura brasileira contemporânea. A Quarta Onda Feminista começada em 2012 teve efeito contínuo chegando até o ano passado, durante a eleição presidencial mais dividida em anos. Sara Ahmed acredita que um movimento é forte quando nós testemunhamos um *momentum*.

Acho que nos últimos anos temos testemunhado um momentum crescente do feminismo. [...] na maior visibilidade do ativismo feminista nas redes sociais; em como a palavra ‘feminismo’ pode incendiar um palco por artistas e celebridades, como Beyoncé. Como professora, eu tenho visto este crescimento em primeira mão: aumento do número de estudantes que se identificam como feministas, que demandam que nós ensinemos cursos sobre feminismo; [...] O feminismo está unindo pessoas em uma sala (AHMED, 2017, p. 9, tradução da autora²)

¹ Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.

² Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1XAmFaYqv3YdxLY7SNu6_wyF1b6vp5oKy. Acesso em: 18 jun. 2019. Texto original: “I think we have in recent years witnessed the buildup of a momentum around feminism [...] in the high visibility of feminist activism on social media; in how the word feminism can set the stage on fire for women artists and celebrities such as Beyoncé. And as a teacher, I have witnessed this buildup firsthand: increasing numbers of students who want to identify themselves as

A novela é o veículo midiático que mais precisamente capta e narra a sociedade em que estamos. Então, o objeto de estudo deste trabalho é a violência contra a mulher nas novelas brasileiras – e sua banalização ao longo de quase 50 anos –, com a narrativa *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018) como objeto de estudo.

O objetivo inicial é entender como se estruturam os discursos sobre pautas que impactam a vida das mulheres, com base nas telenovelas. Analisar se há uma padronização e, portanto, a naturalização da agressão contra a mulher na dramaturgia de um meio de comunicação tão enraizado em nossa cultura que alcança um público amplo de várias classes sociais, raça e gênero. Assim, estudar como essa mensagem se transforma em comentários, engajamento nas redes sociais oficiais e em posts comentados sobre a história ao longo da novela.

Sendo afirmativa a segunda ponderação colocada, se elas impactam na mudança do imaginário popular sobre a mulher em situação de violência. Os capítulos são, portanto, divididos: no segundo, a série histórica de novelas passadas (até 2018) que já mostraram agressões a mulheres; no terceiro, Clara, a protagonista-vítima, como a representação da mulher em situação de violência doméstica; no quarto como a discussão deste tema se deu em dois programas da mesma emissora e, depois, nas redes sociais.

No segundo capítulo deste estudo, faremos um retrospecto desde *Verão Vermelho* (1969)³, primeira novela desde a criação da TV Globo, em 1965, que exibiu algum tipo de violência de gênero, até *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018). Perpassando por algumas novelas marcantes e grandes cenas memoráveis de brigas e agressões que o público lembra até hoje. A metodologia usada neste momento será ler e analisar cada trama principal, cenas marcantes e tramas paralelas de todas as novelas de 1965 até 1975, por meio do site Memória Globo. Separaremos cada telenovela que houver a mínima menção a alguma forma de agressão contra mulheres. Após este processo, o próximo passo é coletar os vídeos de cenas icônicas colhidas no YouTube, juntar aos dados das novelas previamente já sinalizadas e contextualizar o cenário televisivo.

feminists, who are demanding that we teach more courses on feminism; [...] Feminism is bringing people into the room”.

³ VERÃO VERMELHO. Marlos Andreucci e Walter Campos. Atores: Dina Sfat, Jardel Filho, Paulo Goulart. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1969.

Ainda no mesmo capítulo, após análise, a violência contra a mulher nas novelas será posta em números e gráficos, para podermos nos basear para discutir possíveis saídas para modificar para melhor este padrão de construção histórica-social que vemos nas novelas. Todas as informações serão separadas para serem confrontadas entre si e, com base nelas, desenvolveremos uma regra geral do que foi apresentado nas novelas até hoje. Então, depois da pesquisa sobre as narrativas audiovisuais ao longo dos anos, compararemos *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018) com duas produções recentes: *Segundo Sol* (2018), uma novela, e *Assédio* (2018), uma minissérie de 10 capítulos.

No terceiro capítulo desta análise, a primeira semana da telenovela e alguns capítulos específicos serão vistos para entender como a personagem foi construída – suas roupas, sua origem, seus hábitos -, como ela se transformou durante o casamento sob agressões constantes, e se ela demonstrava algum tipo de mudança comportamental ou psicológica em seus atos e suas roupas em comparação com antes do matrimônio e durante casamento. Após assistidos, uma base teórica e os episódios darão uma linha geral de como a mulher foi representada e qual foi o caminho escolhido pelo autor a ser seguido para mostrar o que acontece em situações como esta. Passaremos por Clara como a standardização da personagem feminina, subserviente ao marido, dócil e frágil.

É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras "mulher" ou "feminino" não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: "no estado atual da educação e dos costumes". Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular. (BEAUVOIR, 1967, p. 7)

No quarto capítulo do presente trabalho, veremos como os ecos do tema violência contra a mulher reverberam na esfera pública, direta e indiretamente. Pra isso, os comentários dos telespectadores da página oficial do Gshow – editoria de entretenimento da TV Globo – em posts no Facebook e todos os tweets nas hashtags #OOutroLadoDoParaíso e #OOLDP no Twitter serão examinados. A partir dos comentários e dos tweets, é possível darmos forma ao entendimento de como o público da

novela reage às cenas no ar e o que eles pensavam sobre o roteiro enquanto a narrativa ia se desenrolando. Neste sentido, será possível julgar se a qualificação do ato de agredir é recebida positiva ou negativamente, se o público enxerga a vítima como vítima e, ainda, se entende que “não é não” e que há estupro mesmo – e principalmente, como mostra o Atlas da Violência citado acima - entre casais.

Além disso, dois programas serão também escolhidos para apurar a repercussão: *Amor & Sexo* e *Conversa com Bial*. Duas exposições serão propostas para estudo, uma de quando o primeiro discutiu a violência contra a mulher, o feminismo e a liberdade sexual da mulher e uma de quando o segundo recebeu no programa de entrevistas duas vítimas do ex-médico Roger Abdelmassih e a roteirista, a diretora e uma das atrizes que interpretou uma mulher que foi estuprada na então mais renomada clínica de fertilização do país. Os comentários da diretora Amora Mautner e da escritora Maria Camargo serão utilizados para fazer críticas ao modelo de representação que observamos no capítulo dois deste estudo. As possibilidades de mudança tanto na hora de dirigir quanto na hora de escrever o formato – que reforce a dramaturgia do que está sendo passado – das produções poderão ser o começo para mudarmos o padrão já estabelecido.

O quarto capítulo segue então para uma observação realizada após a pesquisa dos comentários entre os telespectadores: o spoiler e as chamadas explorando a violência contra a mulher para chamar mais público – até mesmo os indivíduos que não acompanham todos os dias. O quanto cenas marcantes, como a briga entre Maria Clara e Laura em *Celebridade* (2003)⁴, ou como o espancamento de Nazaré por Maria do Carmo em *Senhora do Destino* (2004)⁵, deixam o público querendo ver quando a mocinha se vinga da vilã para começar a virada da jornada do herói ao ponto inicial. Passaremos então para um subtópico sobre as violências justificáveis e injustificáveis no contexto da novela, dependendo do caráter e da personagem das tramas. Se for vilã, pode. Se for mocinha, é condenável.

A hipótese central levada antes de começarmos é que a representação da mulher em situação de violência – doméstica ou não – está ainda longe de ser minimamente parecida com o que passa uma vítima real. A mudança de comportamento, as possíveis

⁴CELEBRIDADE. Amora Mautner e Vinícius Coimbra. Atores: Malu Mader, Cláudia Abreu, Hugo Carvana. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2003.

⁵SENHORA DO DESTINO. Wolf Maya. Atores: Susana Vieira, Renata Sorrah, Carolina Dieckmann. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2004.

consequências psicológicas e físicas, o processo até ter coragem de oficializar uma denúncia, a provável descrença enfrentada em delegacias, o exame de corpo de delito não estão retratados nas narrativas. Isso leva a uma parcela da população, que não tem contato com esse tipo de circunstância, não saber o que passa e, eventualmente, questionar a palavra da vítima logo de primeira quando uma denúncia surge na mídia ou ao seu redor cotidiano.

Em última instância, a novela tem o poder de levantar discussões e funcionar de gancho para reportagens e matérias especializadas. Neste sentido, surge a pergunta: de que modo a novela impacta uma sociedade que apresenta uma cultura do estupro e está constantemente – ainda mais nos últimos meses – sendo informada de mais e mais casos de feminicídios, agressões e abusos contra mulheres? Essa e outros questionamentos que motivaram este estudo serão analisados e aprofundados durante os próximos capítulos.

2 Vale A Pena Ver De Novo: novelas cujo tópic era o abuso físico e psicológico contra a mulher

A primeira menção a um abuso físico contra uma mulher é feita na novela *Verão Vermelho*, exibida entre 17 de novembro de 1969 e 17 de julho de 1970, de autoria de Dias Gomes. Na trama, o marido dá uma surra de chicote na esposa quando descobre que ela, em sua ausência, acobertou um médico, parte do triângulo amoroso central, foragido e única testemunha capaz de delatar os autores de uma chacina feita por jagunços.

Por meio do arquivo do site Memória Globo⁶, é possível identificar a série de novelas que apresentaram em sua narrativa cenas em que mulheres, filhas, sobrinhas são castigadas por alguma situação condenável aos costumes da época. Desde *Verão Vermelho* (1969)⁷, passando por *O Espigão* (1974)⁸ – personagem de Betty Faria sofreu violência física do pai e fugiu de casa –, *Gabriela* (1975)⁹ – Malvina, interpretada por Elizabeth Savalla, apanhou de cinto do pai por se recusar a se casar em um casamento arranjado –, até chegar a *Segundo Sol* (2018) e *Assédio* (2018).

É sabido que na América Latina as novelas desempenham um importante papel cultural nas experiências cotidianas das pessoas. Sabe-se também que elas são altamente lucrativas e um produto capitalista com espaço complexo de mediações e representações. Transmitidas diariamente (de segunda a sábado), os capítulos duram cerca de uma hora e ficam no ar de seis meses a um ano.

Ainda que aqui estas produções dominem as grades de programação à noite nos canais abertos, a popularização dos canais por assinatura e o crescimento de provedores de filmes e séries via streaming, como a Netflix, o Hulu e a Amazon Prime, iniciaram uma onda de novos formatos de consumir audiovisual. É curioso destacar que muitas destas séries se inspiram no universo dos profissionais de saúde, como psicólogos, psicoterapeutas, psicanalistas e psiquiatras, entre outros. Em alguns deles, a questão da violência contra a mulher pode ser observada.

⁶ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>. Acesso em: 01 mai. 2019.

⁷ VERÃO VERMELHO. Marlos Andreucci e Walter Campos. Atores: Dina Sfat, Jardel Filho, Paulo Goulart. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1969.

⁸ O ESPIGÃO. Régis Cardoso. Atores: Milton Moraes, Suely Franco, Betty Faria. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1974.

⁹ GABRIELA. Walter Avancini e Gonzaga Blota. Atores: Atores: Sônia Braga, Armando Bógus, Marco Nanini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1975.

Mesmo com essas inovações tecnológicas recentes, as novelas se apresentam como elemento básico da programação de TV no Brasil até hoje, há mais de seis décadas. Para se manterem renovadas, as telenovelas buscam a otimização dos processos identificatórios e passam a captar, expressar e atualizar padrões comportamentais e situacionais que se desenvolvem no âmbito social. “Nesse sentido, as temáticas abordadas nas telenovelas apontam para um determinado momento histórico, suscitam questões à reflexão e problemas a serem resolvidos – os indivíduos são impelidos a tomarem uma posição” (PIRES, 2016, p.80).

Tratar assuntos delicados e polêmicos não é novidade para Walcyr Carrasco, que foi o autor de *Verdades Secretas* - trama cujo ponto central era a prostituição. Mas em *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018), ele tem como foco a violência contra mulher. Diferente de outras novelas que já trataram do assunto, desta vez a violência doméstica é o tema da protagonista, não é mais uma personagem mulher coadjuvante que apanha do marido mau.

Exemplos na teledramaturgia brasileira não faltam: desde Joana Fomm e Sônia Braga em *Dancin' Days* (1978)¹⁰ e a releitura da cena com Tamara Taxman e Betty Faria em *Água Viva* (1980)¹¹ e com Malu Mader e Cláudia Abreu em *Celebridade* (2003)¹²; até Helena Ranaldi em *Mulheres Apaixonadas* (2003)¹³ - apanhava de raquete (na época a situação acabou virando uma espécie de piada nacional) -, Paolla Oliveira em *O Profeta* (2006)¹⁴, Lília Cabral em *A Favorita* (2008)¹⁵, Dira Paes em *Fina Estampa* (2011)¹⁶ e Adriana Esteves, Paula Possani, Hermila Guedes, Fernanda D'Umbra e Jéssica Ellen em *Assédio* (2018).

¹⁰ DANCIN' DAYS. Daniel Filho, Gonzaga Blota, Dennis Carvalho e Marcos Paulo. Atores: Sônia Braga, Joana Fomm, Gloria Pires. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1978.

¹¹ ÁGUA VIVA. Roberto Talma e Paulo Ubiratan. Atores: Raul Cortez, Betty Faria, Gloria Pires. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1980.

¹² CELEBRIDADE. Amora Mautner e Vinícius Coimbra. Atores: Malu Mader, Cláudia Abreu, Hugo Carvana. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2003.

¹³ MULHERES APAIXONADAS. José Luiz Villamarim, Marcelo Travesso, Rogério Gomes e Ary Coslov. Atores: Christiane Torloni, Helena Ranaldi, Dan Stulbach. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2003.

¹⁴ O PROFETA. Alexandre Boury e Vinícius Coimbra. Atores: Paolla Oliveira, Thiago Fragoso, Dalton Vigh. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2006.

¹⁵ A FAVORITA. Paulo Silvestrini, Roberto Naar, Roberto Vaz, Gustavo Fernandez, Pedro Vasconcelos, Marco Rodrigo, Isabella Secchin. Atores: Mariana Ximenes, Claudia Raia, Patricia Pillar. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2008.

¹⁶ FINA ESTAMPA. Marcelo Travesso, Ary Coslov, Claudio Boeckel, Marco Rodrigo e Marcus Figueiredo. Atores: Christiane Torloni, Lília Cabral, Dalton Vigh. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2011.

Um ponto importante levantado por Carrasco é a quebra do estereótipo do agressor. Gael não é o homem mau, sádico ou viciado que bate na mulher por causa de suas frustrações. É considerado relevante que o nosso imaginário sobre os agressores não seja resumido a um monstro, um homem naturalmente mau e que só de olharmos para ele já o reconhecemos. Gael é novo, bonito, rico, vive momentos ótimos com a Clara e ele até chora, pede desculpas, arrepende-se. Diz que ama e que não vai fazer mais. Ele é um homem real, machista e que poderia ser seu vizinho.

Apesar de cada vez mais as mulheres terem acesso a pautas e discussões feministas e de repensar seu papel na sociedade, esses assuntos ainda ficam restritos a quem pode participar dos debates, mulheres com certo poder aquisitivo, que tem acesso amplo a internet, que tem acesso à academia. Não se pode subestimar o poder da televisão no sentido de alcançar mulheres que não conseguem participar destes ambientes, porém, a normalização do feminicídio e da violência contra a mulher é constante durante a história de produções globais.

2.1 Violência de gênero nas novelas em dados

O padrão de agressão de gênero começa em 1969 e é visto até hoje. Ao longo dos 54 anos de produção, uma pesquisa é capaz de demonstrar a frequência com que o assunto é abordado. Os dados de 30 novelas foram analisados e mostram 12 categorias de abusos, desde tapa no rosto a surra de chicote. Os títulos analisados foram: *Verão Vermelho* (1969)¹⁷, *O Espigão* (1974), *Gabriela* (1975)¹⁸, *Escrava Isaura* (1976)¹⁹, *Dancin' Days* (1978), *Pai Herói* (1979)²⁰, *Coração Alado* (1980)²¹, *As Três Marias* (1980)²², *Água Viva* (1980), *A Próxima Vítima* (1995)²³, *Laços de Família* (2000)²⁴, *Mulheres Apaixonadas*

¹⁷ VERÃO VERMELHO. Marlos Andreucci e Walter Campos. Atores: Dina Sfat, Jardel Filho, Paulo Goulart. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1969.

¹⁸ GABRIELA. Walter Avancini e Gonzaga Blota. Atores: Atores: Sônia Braga, Armando Bógus, Marco Nanini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1975.

¹⁹ ESCRAVA ISAURA. Herval Rossano e Milton Gonçalves. Atores: Lucélia Santos, Beatriz Lyra, Rubens de Falco. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1976.

²⁰ PAI HERÓI. Walter Avancini, Roberto Talma e Gonzaga Blota. Atores: Tony Ramos, Lima Duarte, Paulo Autran. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1979.

²¹ CORAÇÃO ALADO. Roberto Talma e Paulo Ubiratan. Atores: Tarcísio Meira, Vera Fischer, Carlos Vereza. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1980.

²² AS TRÊS MARIAS. Herval Rossano. Atores: Gloria Pires, Maitê Proença, Kadu Moliterno. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1980.

²³ A PRÓXIMA VÍTIMA. Jorge Fernando, Rogério Gomes e Marcelo Travesso. Atores: Susana Vieira, Deborah Secco, Tony Ramos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1995.

(2003), *Chocolate com Pimenta* (2003)²⁵, *Celebridade* (2003), *Senhora do Destino* (2004)²⁶, *Belíssima* (2005)²⁷, *Páginas da Vida* (2006)²⁸, *Paraíso Tropical* (2007)²⁹, *A Favorita* (2008), *Caminho das Índias* (2009)³⁰, *Viver a Vida* (2009)³¹, *Passione* (2010)³², *Fina Estampa* (2011), *Avenida Brasil* (2012)³³, *Salve Jorge* (2012)³⁴, *Amor à Vida* (2013)³⁵, *Império* (2014)³⁶, *Babilônia* (2015)³⁷, *A Força do Querer* (2017)³⁸, *Segundo Sol* (2018).

A partir da análise de cenas das novelas, é possível dizer se, no contexto, a violência foi qualificada como positiva ou negativa, se quem agrediu é considerado positivo (mocinho) ou negativo (vilão) e, ainda, se quem sofreu a violência é positivo ou negativo, seguindo os mesmos padrões. Tais percepções ajudam a traçar um comportamento de como a sociedade ainda trata mulheres como tratava há 50 anos.

²⁴ LAÇOS DE FAMÍLIA. Ricardo Waddington, Rogério Gomes e Marcos Schechtman. Atores: Vera Fischer, Carolina Dieckmann, Reynaldo Gianecchini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2000.

²⁵ CHOCOLATE COM PIMENTA. Jorge Fernando, Fabrício Mamberti e Fred Mayrink. Atores: Mariana Ximenes, Drica Moraes, Osmar Prado. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2003.

²⁶ SENHORA DO DESTINO. Wolf Maya. Atores: Susana Vieira, Renata Sorrah, Carolina Dieckmann. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2004.

²⁷ BELÍSSIMA. Flávia Lacerda, Gustavo Fernandez e Natália Grimberg. Atores: Gloria Pires, Leticia Birkheuer, Marcello Antony. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2005.

²⁸ PÁGINAS DA VIDA. Jayme Monjardim, Fabrício Mamberti, Teresa Lampreia, Fred Mayrink, Luciano Sabino. Atores: Fernanda Vasconcellos, Lilia Cabral, Regina Duarte. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2006.

²⁹ PARAÍSO TROPICAL. José Luiz Villamarim, Amora Mautner, Maria de Médicis, Cristiano Marques. Atores: Alessandra Negrini, Wagner Moura, Camila Pitanga. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2007.

³⁰ CAMINHO DAS ÍNDIAS. Fred Mayrink, Luciano Sabino, Roberto Carminati e Leonardo Nogueira. Juliana Paes, Marcio Garcia, Carolina Dieckmann. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2009.

³¹ VIVER A VIDA. Adriano Melo, Teresa Lampreia, Maria Rodrigues, Leonardo Nogueira, Frederico Mayrink, Luciano Sabino. Atores: Taís Araújo, Lilia Cabral, Adriana Birolli. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2009.

³² PASSIONE. Natalia Grimberg, Allan Fiterman e André Câmara. Atores: Mariana Ximenes, Tammy Di Calafiori, Werner Schünemann. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2010.

³³ AVENIDA BRASIL. Gustavo Fernandez, Joana Jabace, Paulo Silvestrini, Thiago Teitelroite e Andre Camara. Atores: Adriana Esteves, Heloísa Périssé, Débora Falabella. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

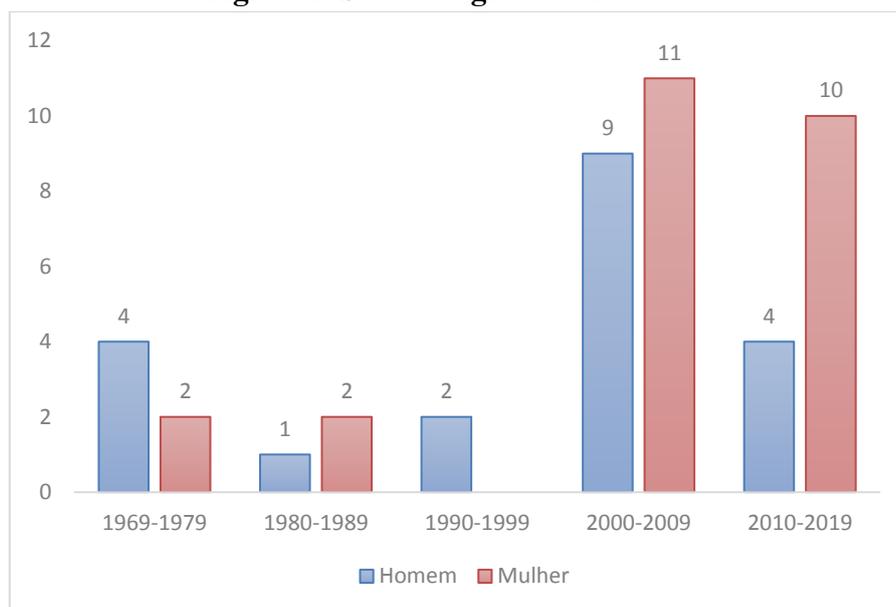
³⁴ SALVE JORGE. Luciano Sabino, Alexandre Klemperer, Adriano Melo, João Boltshauser e João Paulo Jabur. Atores: Nanda Costa, Carolina Dieckmann, Rodrigo Lombardi. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

³⁵ AMOR À VIDA. André Filipe Binder, Allan Fiterman, Marco Rodrigo, Marcelo Travesso e André Barros. Atores: Paolla Oliveira, Susana Vieira, Vanessa Giacomini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2013.

³⁶ IMPÉRIO. Cláudio Boeckel, Luciana Oliveira, Roberta Richard, Tande Bressane e Davi Lacerda. Atores: Lilia Cabral, Alexandre Nero, Leandra Leal. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2014.

³⁷ BABILÔNIA. Dennis Carvalho. Atores: Adriana Esteves, Gloria Pires, Camila Pitanga. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2015.

³⁸ A FORÇA DO QUERER. Cláudio Boeckel, Davi Lacerda, Fábio Strazzer, Luciana Oliveira, Allan Fitterman e Roberta Richard. Atores: Maria Fernanda Cândido, Ísis Valverde, Débora Falabella. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2017.

Figura 1: Sexo do agressor X décadas

Na figura 1 acima, é possível perceber que o perfil de quem comete a violência contra a mulher vêm mudando: mais mulheres batem em mulheres em rede nacional. A cena icônica protagonizada por Betty Faria e Tamara Taxman em *Água Viva* (1980) de tapas dentro do banheiro foi reproduzida em *Celebridade* (2003) por Malu Mader e Cláudia Abreu, em *Império* (2014) por Cris Vianna e Ana Carolina Dias e em *A Força do Querer* (2017) por Maria Fernanda Cândido e Débora Falabella. Na cena de *Celebridade* (2003) e de *Água Viva* (1980), primeiro as atrizes conversam em frente ao espelho, depois brigam em pé, até a agredida cair no chão, onde os tapas continuam. Na original, as novelas ainda eram em preto e branco, mas na segunda vez as cores mostram mais graficamente o estrago da surra de tapas.

Figura 2 - Vítima após agressão em Água Viva (1980)



Fonte: Youtube³⁹

Figura 3 - Vítima após agressão em Celebridade (2003)



Fonte: Youtube⁴⁰

Na versão mais recente desta cena clássica, o espancamento contou ainda com tapas com salto alto no rosto e uma cúmplice que ajuda a agressora a segurar a vítima. É

³⁹Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1AVL40JpQUTssl2U_zZuGDeHXeBDcu--p. Acesso em: 01 mai. 2019.

⁴⁰Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1AVL40JpQUTssl2U_zZuGDeHXeBDcu--p. Acesso em: 01 mai. 2019.

interessante ressaltar que nos quatro casos as agressoras de mulheres eram mulheres, o que nos leva à mesma conclusão mostrada na figura 1: das 46 cenas de novelas escolhidas, em 25 delas quem cometia o ato era outra mulher. Mais da metade do total instiga a velha e socialmente construída rivalidade feminina.

Um ponto interessante a notar nesta altura é que, quando as vilãs sofrem agressões, geralmente é para reforçar o seu desvio de caráter, expor publicamente seus atos vis e acabar com seu plano de farsa. A violência, nestes casos, é episódica e até justificada, como nos exemplos de *Amor à Vida* (2013) e *A Força do Querer* (2017). O efeito de obviedade na separação entre mocinhas e vilãs enfatiza a possibilidade das últimas apanharem, porque suas ações geram graves consequências, inclusive a agressão.

Tais cenas de violência estão sempre posicionadas em meio a um antes e um depois: primeiro, quando a vilã está conquistando seus objetivos por meios imorais e depois no momento em que são desmascaradas - e precisam de punição. Elas também apanham de homens próximos a elas, inclusive com os quais têm relações íntimas (marido, pai, amante, etc), como em *Segundo Sol* (2018). Uma das funções das agressões contra as vilãs é corrigir o comportamento inadequado para então afirmar o correto – além disso, uma problemática é que, após as agressões, as vilãs tendem a se redimir e acabam se arrependendo de seus erros ou acabam presas, loucas ou mortas.

Ao analisar os dados de 30 novelas, chega-se a outra informação: a influência do gênero de quem produz as cenas de violência contra a mulher. O impacto da diferença entre homens e mulheres em posição de decisão em uma novela – seja como autor (a) ou diretor (a) – é visto em como ainda as mulheres são vistas apenas como esposas, filhas ou mães, sempre a partir de outro alguém ao seu redor.

A maioria dos filmes de TV (e outras formas narrativas de TV) aprisionam mulheres em uma forma muito tradicional. Não importa o que aconteça nos filmes, sua última mensagem é que mulheres são predominantemente – podemos dizer essencialmente – representadas como esposas e mães (LENNING & KOWITZ, 2009, p.112, tradução da autora⁴¹).

⁴¹ Texto original: *Most TV movies (and other forms of TV narrative) lock women into a very traditional mold. No matter what happens in the movies, their ultimate message is still that women are predominantly—we may say essentially—represented as wives and mothers.*

É interessante notar que, em 1967, Simone de Beauvoir já consoava a mesma posição:

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (BEAUVOIR, 1967, p.2)

Figura 4 - Diferença de gênero entre autores

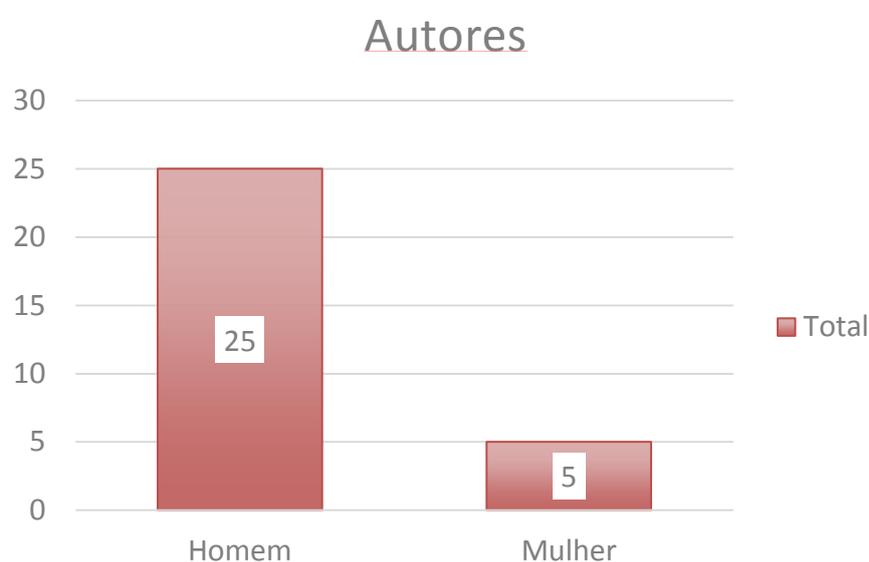
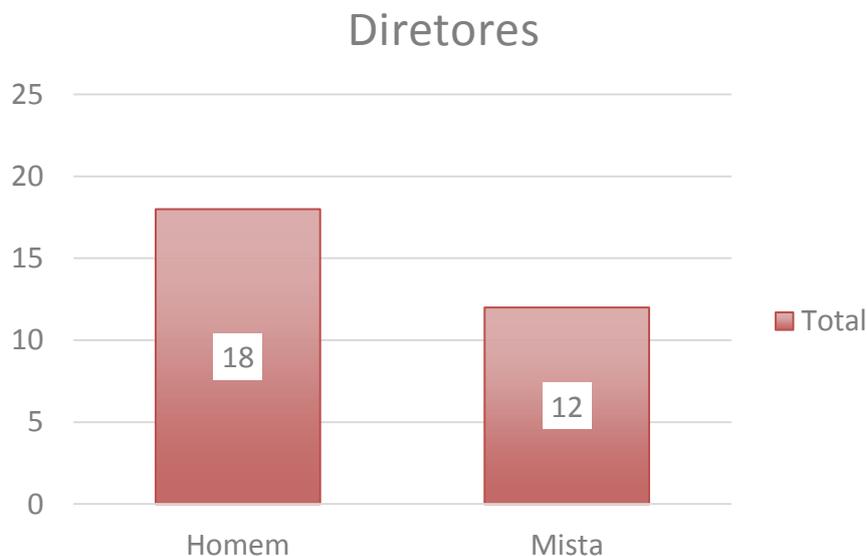


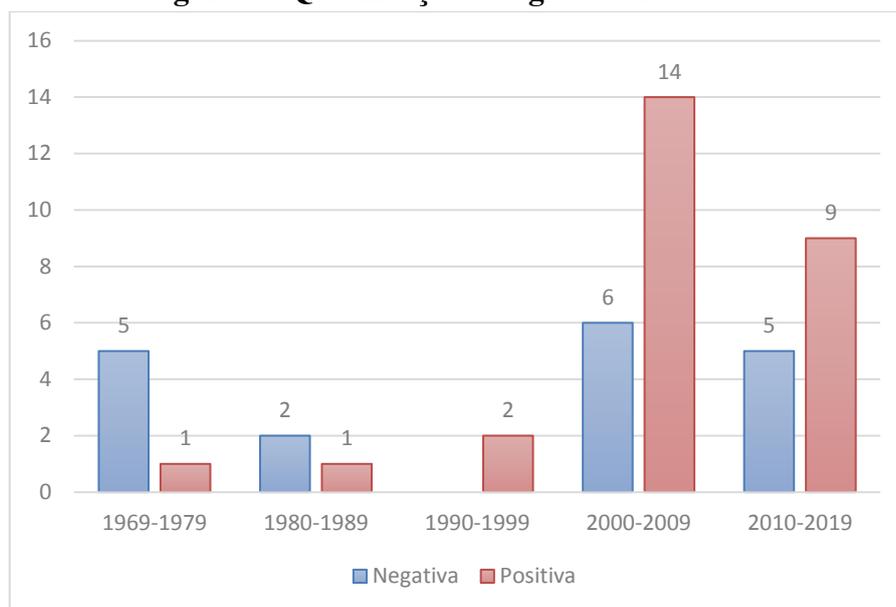
Figura 5 - Diferença de gênero entre diretores

Nas figuras 4 e 5 acima, compreende-se a disparidade entre os gêneros na hora das decisões executivas de uma produção massiva de grande porte como as telenovelas. Na amostra de 30 novelas, apenas cinco foram escritas por mulheres. Duas por Janete Clair (nos anos 70,80) e três por Gloria Perez (no final da década de 00, início da de 10). Sobre a figura 5, o gráfico dos diretores, até 2003, não havia nenhuma mulher na direção das novelas escolhidas. A primeira foi *Celebridade* (2003), com Dennis Carvalho e Marcos Schechtman na direção geral e Amora Mautner e Vinícius Coimbra na direção.

A primeira a ter uma mulher na direção-geral foi só em *Belíssima* (2005), com Denise Saraceni, Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios. Outro detalhe considerável é que não houve nenhuma novela somente com mulheres diretoras, sendo a primeira direção mista com homens e mulheres na direção a de *Celebridade* (2003), totalizando 12 até 2018, dentro da amostra.

Um ponto problemático apresentado por meio da coleta é a grande quantidade de pais e mães batendo em filhas já adultas, como pode ser visto na figura 6 abaixo. A partir de *Gabriela* (1975), com a personagem Malvina de Elizabeth Savalla apanhando após contrariar o pai e não aceitar um casamento arranjado, passando pela odiada Dóris (Regiane Alves) de *Mulheres Apaixonadas* (2003) que apanhou duas vezes de cinto do pai, até Márcia em *Chocolate com Pimenta* (2003) que apanhou de cinto. Os exemplos se seguem: *Belíssima* (2005), *Páginas da Vida* (2006), *Viver a Vida* (2009) e *Passione* (2010).

Figura 6 - Qualificação da agressão X décadas



Tal problemática remete à violência infantil além da de gênero. Em algumas, as surras são consideradas educativas, como se a agressão fosse para usada positivamente para ensinar. Na cena de *Páginas da Vida* (2006), Marta (Lilia Cabral) dá vários tapas em sua filha Nanda (Fernanda Vasconcellos) enquanto ela está grávida. Em *Viver a Vida* (2009), há duas cenas de pais dando surras de cinto nas filhas. Em *Passione* (2010), o pai dá um tapa no rosto da filha e diz “Patricinha de merda! Tá pensando o quê? (...) Eu bati, sim, pra ver se você acorda! Acorda! Não adianta ter um rosto bonito se não serve pra nada! Tem que ter algum talento!”⁴².

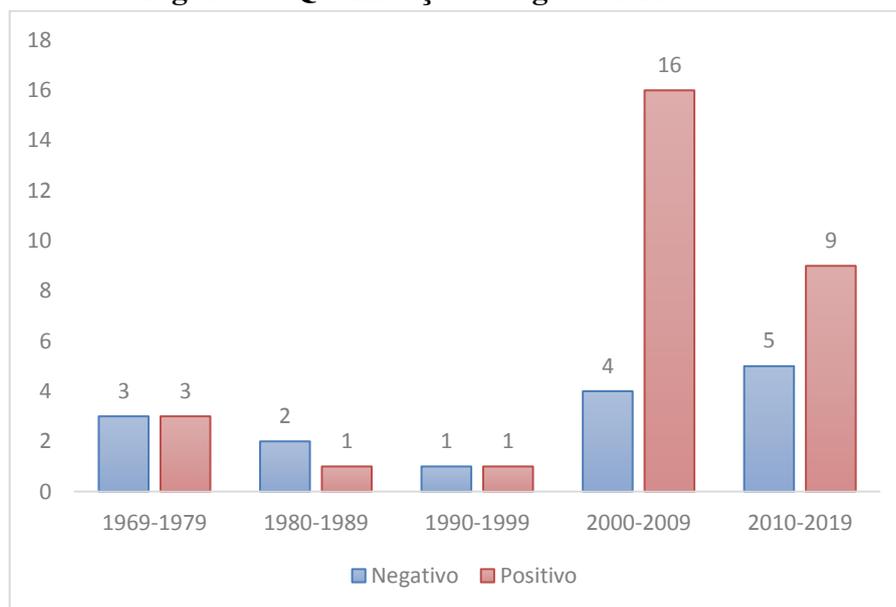
Outra cena que vale destacar é uma de *Páginas da Vida* (2006) em que Carmem (Natália do Vale) dá uma surra de cinto em Sandra (Danielle Winits) e fala “Para que homem não bate em mulher...deixa isso pra mim!”. Mais uma questão válida a ser enfatizada é que os xingamentos também estão presentes. Em sua maioria, variam de “vagabunda”, “vigarista”, “puta”, “sem vergonha”, “piranha”, “interesseira”, “cachorra” a “louca” – adjetivos que aludem à liberdade e à sexualidade da mulher. “Elas são

⁴² Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1AVL40JpQUTssl2U_zZuGDeHXeBDcu--p. Acesso em: 15 mai. 2019.

sexualmente promiscuas ou provocativas. Elas são medíocres como mães ou infiéis como esposas.” (LENNING & KOWITZ, 2009, p.113, tradução da autora)⁴³

Dentre as 30 produções, o autor Manoel Carlos escreveu quatro delas: *Laços de Família* (2000), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Páginas da Vida* (2006) e *Viver a Vida* (2009). As cenas têm vícios em comum, são sempre mulheres batendo em mulheres e, em sua maioria, são cenas das mais violentas possíveis – surra de cinto, de chicote, raquetada, surra de tapa em filha grávida. Curiosamente, esta década, de 2000 a 2010, é quando mais se percebe mocinhos ou mocinhas agredindo vilãs ou mocinhas, na amostra. Gilberto Braga também se destaca por perpassar quatro décadas com este tema em seus roteiros: *Escrava Isaura* (1976), *Dancin' Days* (1978), *Água Viva* (1980), *Celebridade* (2003), *Paraíso Tropical* (2007) e *Babilônia* (2015). É de se imaginar que o autor pudesse diminuir as cenas de violência contra a mulher durante os anos, mas não é o que acontece.

Figura 7 – Qualificação do agressor X décadas

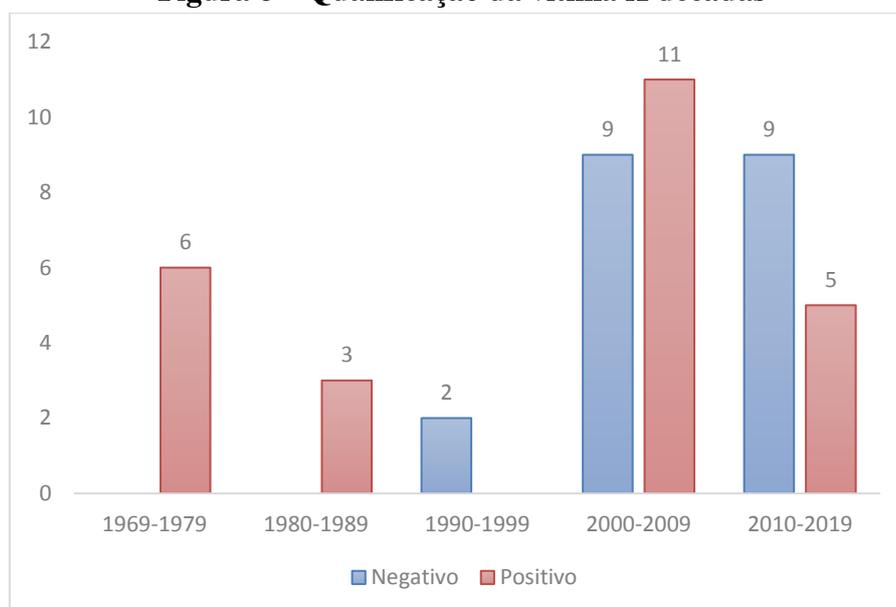


A década 00-10 é a mais problemática da amostra. É quando, a partir da seleção das novelas, o gráfico mostra a ascensão da qualificação positiva do ato de agredir mulheres. Gilberto Braga, Ricardo Linhares, Manoel Carlos, Silvio de Abreu, Wacyr Carrasco,

⁴³ Texto original: “They were sexually promiscuous or provocative. They were mediocre as parents or unfaithful as wives.”

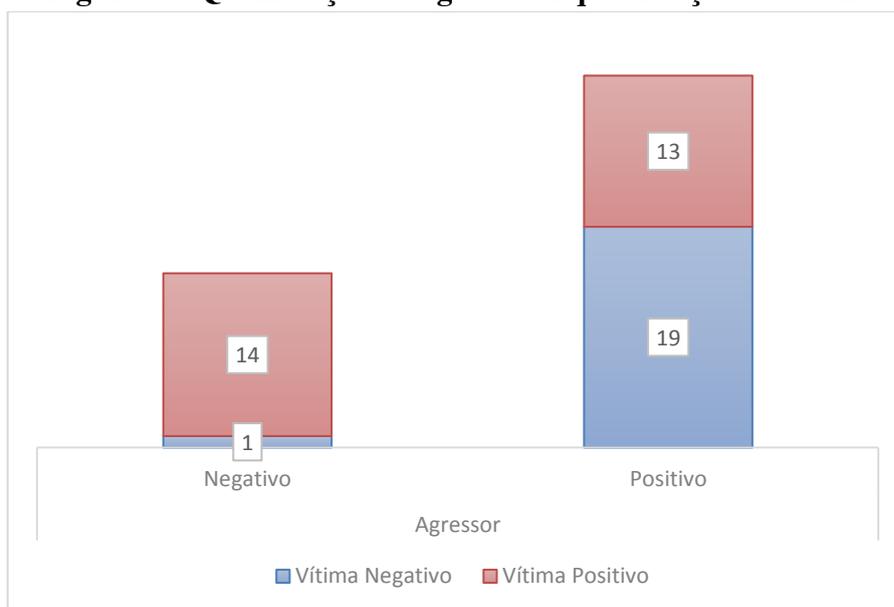
Aguinaldo Silva, João Emanuel Carneiro e Gloria Perez se destacam ao serem os autores mais recorrentes nestes anos. Também, neste período, houve um aumento no número de violência contra as vilãs, como se fosse justiça pelo mal feito, como se pode averiguar no figura 8 abaixo.

Figura 8 – Qualificação da vítima X décadas



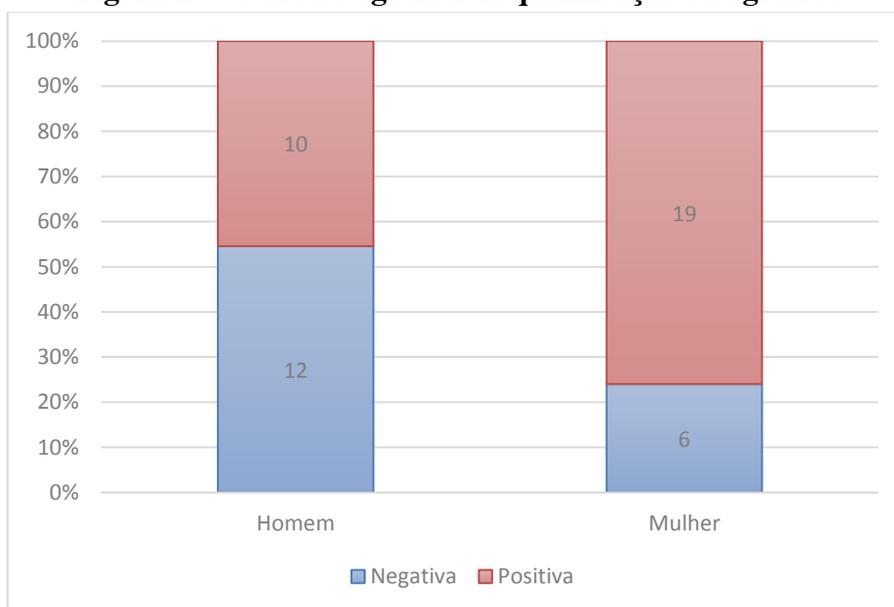
Além disso, quando o agressor é positivo (mocinho, num contexto geral da trama), cresce o número de vítimas também positivas. Apesar da figura 9 abaixo não mostrar a evolução ao longo dos anos, a violência, quando partida de alguém com um senso moral estabelecido como bom, é considerada algo sem tanta importância ou gravidade quanto quando cometida pelo vilão ou vilã.

Figura 9 – Qualificação do agressor x qualificação da vítima



Neste sentido, a agressão, quando vinda de um homem – aqui, não é relevante se foi desferida por vilão ou mocinho -, mais de 50% é considerada positiva. E um dado adicional importante é que em 76% dos casos, a violência vinda de uma mulher contra outra é lida como positiva.

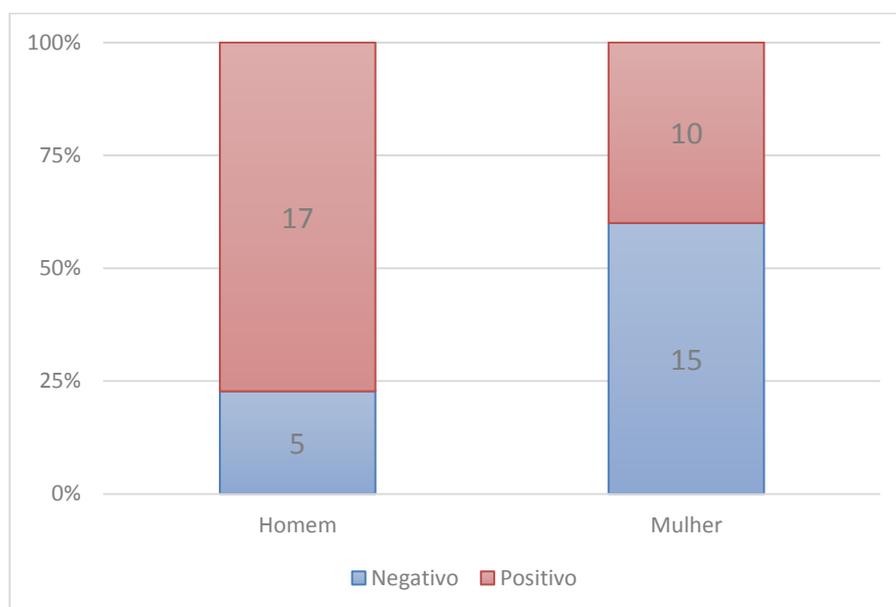
Figura 10 – Sexo do agressor X qualificação da agressão



Na figura abaixo, a análise feita é sobre o sexo do agressor e a qualificação da vítima. Os dados demonstram a já conhecida e bem explorada dramaturgicamente agressão do vilão contra a mocinha (77%), que é geralmente antes da virada de jogo acontece. Um exemplo é na novela *Salve Jorge* (2012), quando Jéssica (Carolina Dieckmann) é levada

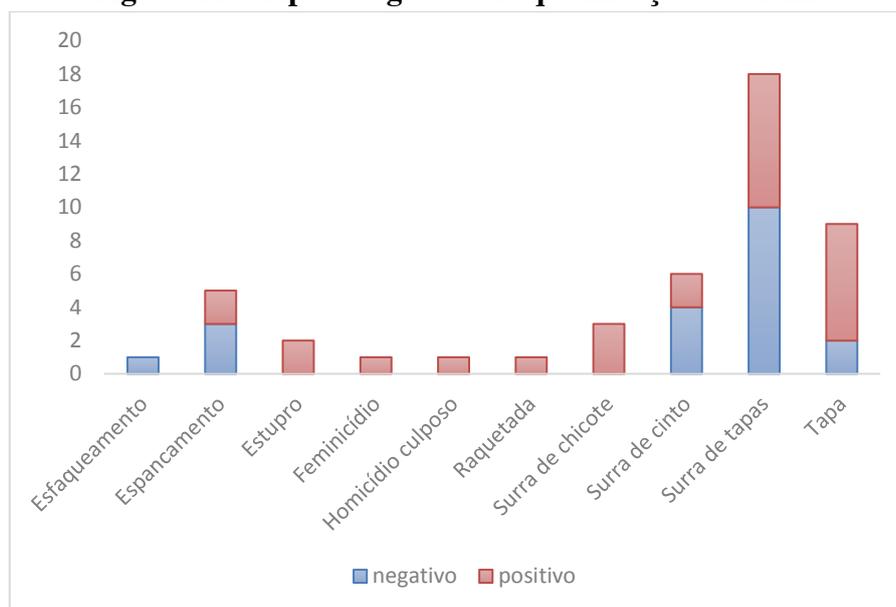
como tráfico humano e sofre nas mãos de Russo (Adriano Garib). A moça é xingada, mantida em cárcere privado e, depois de tentar pedir ajuda a um cliente da boate onde é obrigada a se prostituir, é espancada e estuprada.

Figura 11 – Sexo do agressor x qualificação da vítima



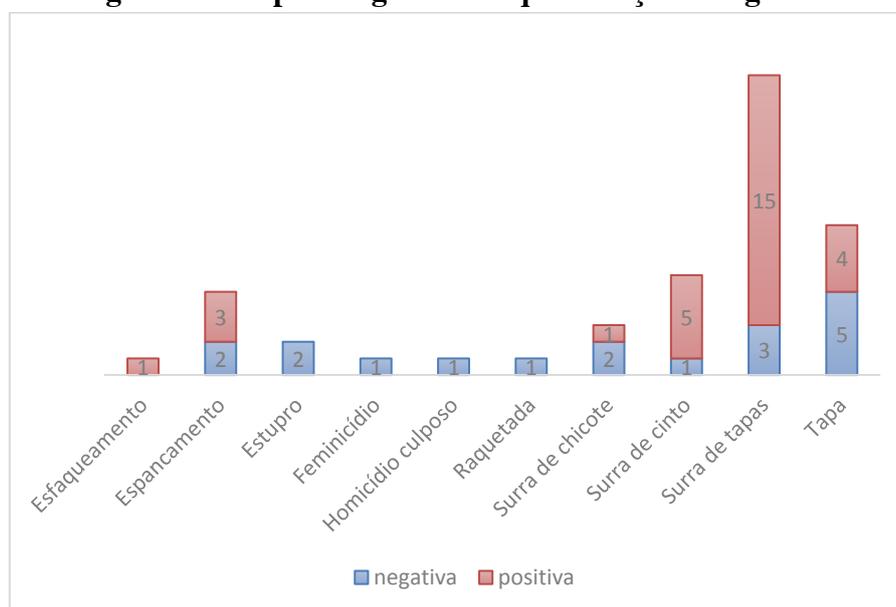
Ao categorizar os tipos de violência e cruzar as referências com a qualificação da vítima, pode-se concluir, a partir do gráfico da figura 12 abaixo, que as agressões menos violentas – se é que é possível adjetivar assim -, como a surra de tapas, apresentam uma equidade quanto a vítima ser positiva ou negativa. É como se fosse a saída mais fácil e menos dispendiosa de narrativa – pois não é como uma raquetada, um feminicídio ou um estupro, que requer que ter uma raquete, ocultar um corpo ou se preocupar com uma possível gravidez de um estuprador, do ponto de vista do desenrolar do roteiro.

Figura 12 – Tipo de agressão X qualificação da vítima



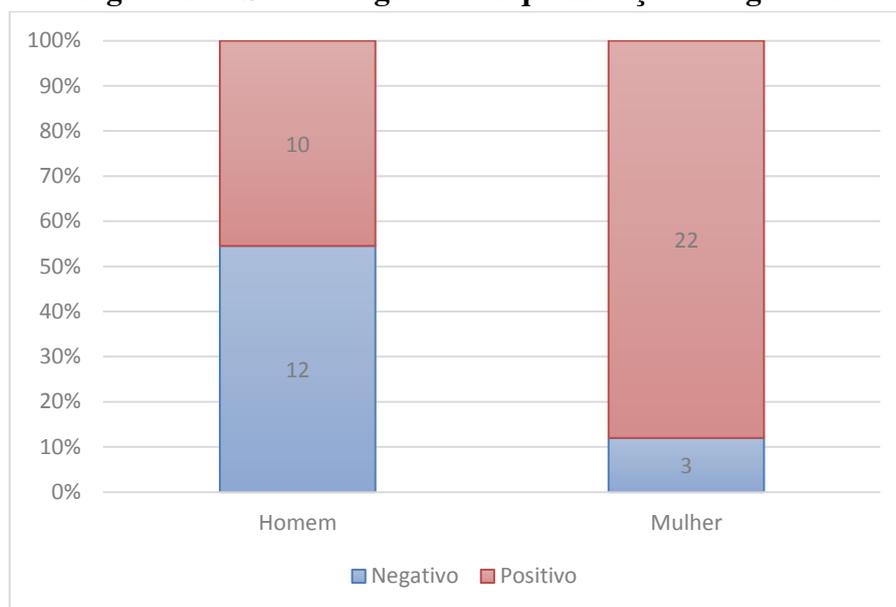
Ainda na mesma conclusão acima, a figura 13 abaixo demonstra o mesmo padrão, mas, desta vez, conta a qualificação do ato. A surra de tapas é maioria quando se categoriza as agressões: chega a 38% entre 10 tipos de violência.

Figura 13 – Tipo de agressão X qualificação da agressão



Ao se pensar sobre a parte final da jornada do herói, quando ele consegue sair do mundo desconhecido e consegue voltar a sua zona de conforto – como sua vida era antes do plot da história acontecer –, o arquétipo imposto nas novelas brasileiras é que a mocinha deve se vingar de quem iniciou esse movimento. Este é um dos pontos que pode explicar a quantidade de mocinhas que agrediram outras mulheres, visto na figura 14 abaixo.

Figura 14 – Sexo do agressor X qualificação do agressor



“De acordo com o ponto de vista teórico feminista, histórias sobre mulheres e para mulheres devem ser contadas por mulheres para poder ser algo diferente da reprodução da tradicional ideologia patriarcal” (LENNIN & KOWITZ, 2009, p.111, tradução da autora)⁴⁴. Mas não é o que acontece: das 30 novelas analisadas, só 20% eram escritas por mulheres e nenhuma era dirigido apenas por mulheres – há exceções se analisarmos as produções com direção mista, homens e mulheres. Majoritariamente, cerca de 66% das cenas são dirigidas por homens – 34% quando a direção é mista.

Além da escassez do ponto de vista feminino sobre uma violência contra a mulher, é preciso ressaltar a falta da ótica da vítima nas narrativas. Muito se mostra sobre o impacto na trama de um modo geral, de engrenagem de histórias, mas quem sofreu a agressão, em primeira pessoa narrando o acontecido, é raro. Em *Assédio* (2018), o desenrolar do fio das violências sofridas é feito por meio das vozes e dos rostos das vítimas. A reprodução da ideologia patriarcal nas telenovelas pode mudar se, partindo dos resultados da amostra, mais mulheres estejam à frente dos processos de tomada de decisão, na produção, na direção-geral, no vídeo e na autoria.

⁴⁴ Texto original: “According to feminist standpoint theory, stories about women and for women must be told by women in order to be something other than a reproduction of traditional patriarchal ideology”.

2.2 Do Assédio à cultura do estupro

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2018 indicam que o Brasil registra 606 casos de violência doméstica e 164 estupros por dia – quase sete casos de estupro e 25 de violência doméstica por hora. Durante muito tempo, o estupro foi considerado um crime contra o pai ou marido da vítima, em vez de um crime contra a mulher. Isso demonstra como, mesmo passada essa fase – numa esfera legal -, ainda vivemos em uma sociedade com uma cultura do estupro. A mulher é transformada em objeto, tem seu poder retirado e é considerada um patrimônio. Com essa construção histórica, o fato de uma mulher ser violentada diariamente não causa o estranhamento que deveria trazer, mas, sim, a banalização da violência de gênero.

Os números do Atlas da Violência 2018 ainda revelam que, das 49.497 ocorrências policiais de estupro, apenas 22.918 registros foram feitos no sistema de saúde. Cultura do estupro não é apenas o ato violento em si, é “um complexo conjunto de crenças que estimulam a agressão sexual por parte dos homens e apoiam a violência sexual contra a mulher”. (BUCHWALD et al apud QUINAN, 2016, p. 5). Tal cultura se baseia em mitos de socialização que aprendemos desde cedo, ainda na infância. A mulher deve ser calma e passiva e tentar agradar a todos – mesmo que isso vá de encontro à sua subjetividade. Enquanto o homem deve ser forte, imponente e insensível. É maniqueísta, mas se instaura com facilidade no imaginário social as posições de vítima e de agressor, reproduzidos na cultura do estupro.

Para efeito de comparação, o presente estudo utilizará outras tramas da mesma emissora: *Segundo Sol* (2018) e *Assédio* (2018). Assim, pode-se analisar as diferenças entre as abordagens da história, os diálogos, o comportamento e a reação das personagens. A comparação visa também mostrar se a sociedade evoluiu - ou não - e como o mesmo assunto pode ser tratado de modo diferente em produções de série e de novela.

Segundo Sol (2018) é de autoria de João Emanuel Carneiro, o mesmo dos sucessos *Da Cor do Pecado* (2004)⁴⁵ e *Avenida Brasil* (2012). Embora não tenha a temática como linha principal, algumas personagens sofreram abusos psicológicos, físicos e outras, verbais. Uma delas, Karola: uma das vilãs da novela, casada com o protagonista. Amantes

⁴⁵ DA COR DO PECADO. Denise Saraceni e Luís Henrique Rios. Atores: Taís Araújo, Giovanna Antonelli, Reynaldo Gianecchini. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2004.

desde o começo da trama, ela - interpretada por Deborah Secco - e Remy - interpretado por Vladimir Brichta - têm uma relação nada saudável.

Na cena que foi ao ar dia 2 de agosto de 2018, Remy revela a Karola que sabe que a vilã havia roubado o bebê de Luzia (protagonista interpretada por Giovanna Antonelli) há 20 anos. Ela então pede para que Remy “dê seu preço”⁴⁶ para não contar toda a verdade para seu marido Beto Falcão (Emílio Dantas), Valentim (Danilo Mesquita) - o bebê sequestrado - e seu Dodô (José de Abreu), o avô da criança. É aí que Remy manda que ela tire a roupa.

Karola fica visivelmente incomodada: dá para ver na atuação da atriz que ela está se sentindo violentada. Depois, deitado na cama dela e de Beto, Remy ofende Karola repetidas vezes. Dá a entender que os dois fizeram sexo – contra a vontade dela, portanto, a estuprando – e ele afirma que a humilhação está apenas começando.

A ideia de estupro ser castigo e que, por ser vilã - com um roteiro longe do maniqueísmo -, ela *merece* ser estuprada é insustentável. Outro desenrolar lamentável de história ainda na mesma novela foi o da personagem Rochelle, papel de Giovanna Lancellotti. A menina acusa falsamente o tio, Roberval (Fabrício Boliveira), de tentativa de estupro. Ela simula falsos machucados usando maquiagem roxa, se aperta para deixar marcas, bagunça o cabelo e rasga a roupa. A situação levanta alguns questionamentos e discussões: Roberval é o único negro da história em posição de destaque, com poder econômico, além de a personagem reportar uma falsa acusação de estupro; a conjuntura remete ao mito do negro selvagem e estuprador.

Seja de forma inocente ou consciente, suas exposições facilitaram a restauração do desgastado mito do estuprador negro. [...] A imagem fictícia do homem negro como estuprador sempre fortaleceu sua companheira inseparável: a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua. Uma vez aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animais, toda a raça é investida de bestialidade. (DAVIS, 2016, p. 196)

Em outra cena⁴⁷, ainda envolvendo o mesmo personagem, Roberval, prestes a se casar com Cacau (Fabiúla Nascimento), descobre que a noiva estava o traindo e decide se vingar. No altar, na hora do “sim”, ele diz enfaticamente “não” e, em seguida, agride a

⁴⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6918377/programa/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

⁴⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6904440/programa/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

mulher oral e fisicamente enquanto rasga seu vestido de noiva, deixando-a seminua na frente dos convidados, incluindo repórteres e fotógrafos presentes. Ao chegar em casa, Cacau diz merecer tais agressões, já que não deveria ter traído Roberval.

Em um país que apresenta um aumento de 6,4% de feminicídio em uma década, de acordo com o Atlas da Violência de 2018⁴⁸, esta cena é, no mínimo, irresponsável. A ideia de que a mulher, ou toda a vítima de violência, pode ser a responsável pelo que sofre é um clichê, que a essa altura não deveria estar sendo reforçado, mas combatido.

Os agressores das novelas ao longo dos anos eram completamente diferentes dos perfis apresentados por Remi e Roberval: em *Mulheres Apaixonadas* (2003), o personagem de Dan Stulbach era alguém com algum transtorno psicótico; em *O Profeta* (2006), Dalton Vigh era um vilão clássico, e não se espera coisas boas e corretas de vilões maniqueístas; *A Favorita* (2008) e *Fina Estampa* (2011) seguem a linha dos agressores viciados e frustrados.

Em *Assédio* (2018), de autoria de Maria Camargo, o roteiro foi livremente inspirado no livro “A Clínica: A Farsa e os Crimes de Roger Abdelmassih”, de Vicente Vilardaga, que conta a história real do médico condenado, em 2010, a 278 anos de prisão por 56 estupros de pacientes. Na minissérie, Roger (Antonio Calloni) – com outro sobrenome, Sadala - é reconhecido na área de fertilização humana e respeitado publicamente, mas esconde outra face por trás da falsa integridade. Quando sua recepcionista Daiane (Jéssica Ellen) o denuncia por assédio mostrando seu rosto, diversas outras vítimas se juntam a ela com histórias semelhantes, de abuso sexual. Quem dá voz às vítimas é a jornalista Mira (Elisa Volpato), que reúne as histórias contadas a cada episódio por outras mulheres: Stela (Adriana Esteves), Eugênia (Paula Possani), Maria José (Hermila Guedes) e Vera (Fernanda D'Umbra).

A história impacta não só a carreira do médico, como também sua família: a esposa Glória (Mariana Lima) e os quatro filhos Clarice (Sílvia Lourenço), Olímpia (Juliana Carneiro da Cunha), Tamires (Bianca Müller) e Henrique (Gabriel Muglia) sempre desconfiaram das traições de Roger, mas nunca imaginaram que ele estuprova suas pacientes. Ao tomarem conhecimento das denúncias, eles o abandonam.

⁴⁸Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdfv. Acesso em: 20 abr. 2019.

Disponibilizada em 21 de setembro de 2018 na plataforma Globoplay com 10 episódios, *Assédio* teve sua primeira exibição no dia 15 de outubro do mesmo ano, sem intervalos comerciais, como parte de divulgação da produção e da plataforma online. A minissérie registrou 24,9 pontos, maior média na comparação com as séries que estrearam na faixa das 22h30. “Sob Pressão” começou com 22,5 pontos e “Carcereiros” apresentou 18,7. Também no mesmo horário, “Globo Repórter” atingiu 22,3 pontos⁴⁹. Em decorrência do sucesso, a série voltou ao ar, com todos os episódios, a partir de 3 de maio deste ano.

Coincidentemente, três dias depois da estreia de *Assédio* na plataforma digital, houve a exibição da cena de Segundo Sol em que Karola sofre um *pornvenge* – exposição pública de vídeo íntimo como forma de vingança – e, logo depois, a simulação de assédio sexual de Rochelle. Ambas situações soaram como desserviço por deslegitimar o esforço produzido pela série para expor situações que não poderiam nunca terem sido normalizadas.

Em dez capítulos, a narrativa transcorre – sem ordem cronológica – 20 anos (entre 1994 e 2014) da carreira de Roger, da ascensão ao ostracismo e ao tribunal. A linha entre o ficcional e o real é fina, mas as acusações, a cobertura nacional e as sentenças da Justiça estão presentes. Sadala aparece como um homem vaidoso, megalomaniaco, odiável, egocêntrico, religioso, de família e hipócrita.

A música de abertura de *Assédio* (2018) é *Silent Night*, Noite Silenciosa em inglês, com a letra “Tudo é calmo, tudo é brilhante/ Em volta da Virgem Maria e criança/ Sagrado bebê, tão meigo e suave/ Dorme em paz celestial!/ Dorme em paz celestial!”(tradução da autora)⁵⁰. A história mostra duas linhas do tempo: uma com as consultas, os procedimentos das vítimas e sua vida pessoal e outra com uma grande festa que Roger promove para homenagear a si mesmo e comemorar os 30 anos da primeira fertilização in vitro, onde se gaba que, das 14.000 realizadas no Brasil, 6.500 foram em sua clínica.

Os objetos de arte colocados nas salas de procedimento e nos corredores se alternam entre religiosos e científicos. Cruzes, santos, fetos, úteros e diversas fotos dos casais e respectivos filhos conseguidos por meio do tratamento se complementam no

⁴⁹ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2018/10/16/exibicao-especial-de-assedio-tem-mais-audiencia-que-series-da-faixa-i-120901.php>. Acesso em: 13 mai. 2019.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/kari-jobe/silent-night/>. Acesso em: 25 abr 2019. Texto original: “All is calm, all is bright/Round yon Virgin Mother and Child!/Holy Infant, so tender and mild/Sleep in heavenly peace!/Sleep in heavenly Peace!”.

espaço. O primor estético e a direção menos engessada habituais das produções de série da Globo estão presentes na direção, com planos quebrados, e no roteiro, com um monólogo com os pensamentos do médico – que mais tarde se descobre ser uma entrevista a um de seus últimos aliados - e os depoimentos das vítimas intercalados entre as duas linhas temporais.

Os cinco primeiros episódios apresentam, em cada um, uma nova vítima. No primeiro, o monólogo do médico mistura ego e religião: “Deus...Deus sabe quem fala a verdade. Ele me conhece. É isso que me deixa calmo, você entende? Deus sabe que eu trabalho antes de tudo com a fé. É o que faz tudo dar certo. E está dando tudo muito certo. Nenhum outro médico ganhou o apelido de ‘Doutor Vida’. Agora, se eu tenho desafetos? Desafetos, claro que tenho. Sucesso é uma faca de dois gumes, meu amigo. Quanto mais você cresce, mais querem te derrubar”. Ao final de cada episódio, uma ação: “Quando a violência gritar, grite. Denuncie. Ligue 180”⁵¹.

No segundo episódio, o texto do médico indica um comportamento consciente da quebra de barreira ética paciente/médico e de negação de crime: “Eu dou beijo, pego no rosto, dou abraço...todo mundo sabe disso. É coisa da minha família, eu sou assim. E a mulher que me procura, já vem fragilizada, querendo ser acolhida. E um médico não precisa ser frio para mostrar que é bom profissional”⁵².

Em um dos depoimentos das vítimas – a primeira apresentada na narrativa-, Stela, interpretada por Adriana Esteves, diz: “Tava na minha mão. Era a nossa esperança, era o nosso filho. Eu tinha que voltar lá, eu tinha que fazer a inseminação. Nosso filho ia apagar tudo de ruim que tinha acontecido. Eu fui fraca...não consegui. Não consegui. E aí, tudo acabou. Acabou a gente (o casamento). Acabou”⁵³.

O *modus operandi* do médico nas duas primeiras vítimas foi o mesmo: se aproveitou delas estarem sedadas do procedimento para abusar sexualmente. Após a cena de estupro da paciente Eugênia, ela senta na cama e logo vê a imagem de uma santa e repara que o lençol está manchado e que está sangrando. Ainda sem ter a certeza de que foi violada, ela volta à clínica para implantar os óvulos fertilizados, e é quando Roger a beija

⁵¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6953210/programa/>. Acesso em: 22 abr. 2019.

⁵² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6954412/programa/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

⁵³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6954412/programa/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

forçadamente. Ao chegar em casa, conta ao marido, que liga para um amigo advogado para saber quais providências eles podem tomar.

“Todo dia tem denúncia de violência contra a mulher, Eugênia. É barra pesada mesmo. Mas mesmo assim a coisa complica quando você não tem nada para mostrar, só pra contar. Se tivesse alguma marca...Tinha mais alguém na sala, além de vocês dois? [ela nega com a cabeça] Então, você chega na delegacia, e aí? É a sua palavra contra a dele. [a cena é intercalada com um monólogo de pensamentos do Roger] Para piorar, o sujeito tem ótima reputação, só se fala maravilhas dele, o médico das estrelas!”⁵⁴, diz Gregório, o advogado, quando a vítima relata a ele o que aconteceu.

Como ela indica que só houve o beijo, o conselho é de que o casal faça um registro em cartório, um documento de fé pública que pode ser apresentado a autoridades. Ao final do terceiro episódio, Eugênia desabafa com o marido de que acha que o beijo não foi a única vez que Roger a violou.

A jornalista responsável pela reportagem com as histórias das vítimas começou a apurar quando uma delas ligou na redação e disse que o médico famoso entre as celebridades era um “monstro”. Mas não resultou em nada. Anos mais tarde, a mesma vítima liga e insiste que “ninguém viu, mas alguém ouviu”, e Mira (Elisa Volpatto) tem um *insight* de que a única testemunha do crime pode ser cega. Ela então vai a Campinas-SP, onde o médico se formou e fez residência, para entrevistar uma paciente cega de Roger Sadala internada em 1973.

“Ele tratava de nós duas, na mesma enfermaria. Ela sentia dor, reclamava. Ela pedia pro doutor Roger parar. Ele não tinha paciência, não, brigava com ela. Mandava ela calar a boca. Até que uma noite ela não aguentou mais e fugiu”⁵⁵, disse Conceição, a única testemunha de uma das primeiras vítimas de abuso sexual do médico.

Quando a história de violência de Maria José é mostrada, ela quebra com o *modus operandi* conhecido do médico. A terceira vítima retratada é estuprada no banheiro do quarto, quando ela acorda do procedimento de inserção dos óvulos fertilizados, já sem os efeitos do sedativo. A vítima ficou sem reação na hora. O recurso da direção foi mostrar a cena com a porta entreaberta, e não explicitamente, com Ave Maria como trilha sonora.

⁵⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6956177/programa/>. Acesso em: 23 abr. 2019.

⁵⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6960773/programa/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

Maria José, ao contar a uma amiga sobre o ocorrido, não menciona a palavra “abuso” ou “estupro”: “O doutor me atacou, Socorro. Me pegou, me empurrou à força, me lambeu”. A amiga então pergunta se ela não tinha dado a entender que queria alguma coisa, porque “homem é tudo igual, às vezes um olhar meio de lado eles já acham que é a gente que...”, mas é interrompida pela vítima, que responde: “Olha o que tu tá dizendo, Socorro! Eu não fiz nada. Eu não queria nada. Eu só queria um filho, eu só quero um filho, só isso”⁵⁶.

O furo de reportagem começa a ter provas quando Roger é convidado para ir ao programa televisivo de Haydée (interpretada por Vera Fischer, inspirada em Hebe Camargo) e uma comunidade de vítimas do médico é criada na internet para os relatos serem postados. Mira vê os posts e entra em contato, mas em questão de dias a comunidade é retirada do ar pelos advogados do médico. Durante a grande festa organizada por Sadala, Stela reconhece a jornalista e envia um e-mail comum entre as vítimas, sob o pseudônimo de Eva, confirmando as suspeitas. Algumas horas depois, o blog volta ao ar.

Após o médico tentar abusar da secretária da clínica, Daiane, sua esposa e seu assessor de imprensa descobrem e confirmam os relatos das outras pacientes. A jornalista contata uma fonte no Ministério Público, que a aconselha a gravar depoimentos com algumas vítimas para abrir inquérito contra Roger. Ao final do processo, o médico é condenado a 181 anos de prisão por 56 condutas de abuso de pacientes caracterizadas como estupro.

Uma característica comum às vítimas apresentadas na minissérie é que o trauma acarretou em prejuízos em outras áreas de suas vidas. Stela que, na série, ainda sofreu abusos na infância cometidos pelo padrasto, atenta contra a própria vida depois de tentar ir à clínica confrontar Roger por seus atos. Ela chega a saltar do carro quando avista o médico e entra em pânico. Seu casamento acaba, ela sai do emprego por não conseguir mais conviver com crianças e, mais tarde, se interna em uma clínica psiquiátrica para se tratar.

A segunda vítima, Eugênia, convive com a dúvida se sua filha é de seu marido ou fruto do estupro, o que deteriora seu matrimônio. O mesmo fim de Stela coube à Maria José: o marido a culpou pela violência sofrida e ela acabou se separando. Vera é a última

⁵⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6970543/programa/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

paciente que surge na história, mas é o ponto inicial de todo o desenrolar da denúncia: descobre-se no final que ela é quem fez a primeira ligação à redação para Mira.

A história contada partindo da vítima é um caso raro na teledramaturgia. Este caso contado em Assédio (2018) é pontual, já que foi inspirado nas mulheres reais que sofreram na mão do médico Roger Abdelmassih. Mas cabe notar a diferença contraposta aos casos de *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018), que será aprofundado no próximo capítulo deste estudo, e *Segundo Sol* (2018) e *Assédio* (2018) – duas novelas e uma série.

Uma novela é uma obra de ficção aberta, que é escrita enquanto está no ar, enquanto séries já são apresentadas fechadas, escritas, dirigidas e atuadas, sem poder de transformação quando o público responde ao que vê. A narrativa ficcional pode ser mudada, alguns personagens ganham mais cenas, outros atores mudam o tom da atuação, a direção muda o ritmo de fala de certos núcleos. Os grupos focais dão o *feedback* para isso: pergunta-se sobre personagens, temas, preferências e caminhos tomados. O termômetro social do público alvo é traduzido nestas pesquisas. As opiniões, as crenças, a cultura que recebe a história influenciam e são influenciadas por meio dos dramas apresentados. A retroalimentação constrói a novela durante nove meses.

Em uma sociedade de cultura do estupro, “muito do que aceitamos como inevitável é, na verdade, a expressão de valores e atitudes que podem ser modificados” (BUCHWALD et al apud QUINAN, 2016, p.6). A partir do que é visto nas telas de suas casas, as discussões de gênero e violência saem da academia e passam a frequentar os salões de beleza, as revistas de fofoca, os pontos de ônibus, as conversas do dia a dia. Nas novelas analisadas, existem padrões distintos de retratação das agressões sofridas por mulheres. Essas narrativas demonstram como situações de violação física e psicológica de homens e mulheres contra mulheres podem ser relativizadas, consideradas legítimas ou ilegítimas a depender de quem é a vítima em qual contexto. A padronização da violência contra a mulher e a naturalização dela ao longo de 50 anos de produções chegou até *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018), que é o objeto de estudo a ser analisado e aprofundado no próximo capítulo deste trabalho.

3 Clara: a representação da mulher em situação de violência doméstica nas novelas da Globo

Só em janeiro deste ano, 179 mulheres foram vítimas de feminicídio ou sobreviveram a uma tentativa de feminicídio noticiados no país – é uma média alarmante de seis crimes por dia⁵⁷. Desse número, 119 morreram e 60 sobreviveram. O levantamento foi feito pelo Jornal Folha de São Paulo em parceria com Jefferson Nascimento e indica que 71% dessas mulheres foram atacadas pelo atual ou ex-companheiro. A cada quatro suspeitos, um tinha ficha criminal ou histórico de violência.

Feminicídio é crime hediondo, com pena de 12 a 30 anos, prevista no Código Penal desde 2015. É um tipo de homicídio cometido “contra uma mulher por sua condição de sexo feminino” – a palavra “gênero”, na redação inicial do projeto, foi trocada por “sexo feminino” para aprovação do Congresso. Ainda assim, o crime é subnotificado.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, para 9 entre 10 pessoas entrevistadas a violência contra a mulher aumentou no último ano. Nos últimos dados disponíveis no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os feminicídios cresceram 21% de 2016 para 2017, chegando a 1.133 casos em 2017 – 1,1 a cada 100 mil mulheres⁵⁸.

A percepção de que há mais exposição de casos de feminicídio, estupro e violência contra mulheres passa também pelo aumento da discussão entre os indivíduos e pela utilização deste tópico não apenas nos telejornais e veículos impressos, mas também nas produções audiovisuais recentes, especificamente as novelas.

No arquivo Memória Globo, há resumos e curiosidades de todas as telenovelas produzidas pela emissora desde abril de 1965. A primeira a apresentar, na sinopse, algum tipo de abuso contra mulheres foi *Verão Vermelho*, de Dias Gomes, exibida entre 17 de novembro de 1969 e 17 de julho de 1970. Com 209 capítulos, no meio da trama Carlos (Jardel Filho) dá uma surra de chicote na mulher Adriana (Dina Sfat) ao descobrir por meio da ex-noiva Selma (Arlete Salles) que, em sua ausência, ela havia escondido o foragido Flávio (Paulo Goulart), parte do triângulo amoroso principal da trama, por uma noite, já que ele era a única testemunha viva de uma carnificina feita por jagunços da região.

⁵⁷Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/71-dos-feminicidios-e-das-tentativas-tem-parceiro-como-suspeito.shtml>. Acesso em: 17 de abr. de 2019.

⁵⁸Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Infografico_an12_atualizado.pdf. Acesso em: 17 abr. 2019.

Surra para educar, espancamento por “amor”, tapa para humilhar, entre outras situações, são constantes nas produções da Globo. Começa em *Verão Vermelho*⁵⁹ e é possível ser visto até *Segundo Sol* (2018). A retrospectiva de novelas particularmente com essas cenas foi feita no primeiro capítulo deste estudo. É a naturalização e a banalização do uso da força contra a mulher, seja uma esposa, uma mãe, uma irmã. E a produção de significados sociais e culturais são os principais fatores a serem levados em conta para qualificarmos a televisão – especialmente a telenovela.

Apesar de vir perdendo espaço devido à concorrência com outras mídias, a TV ainda é o meio predominante no Brasil em penetração e alcance. Em fevereiro de 2018, o IBGE liberou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua 2016: de 69,3 milhões de domicílios particulares permanentes no Brasil, apenas 2,8%, ou 1,9 milhão, não tinham televisão - com destaque para o Norte do país, onde o percentual é o mais elevado (6,3%)⁶⁰.

Devido a uma programação fixa, é próprio deste meio o fluxo de conteúdo contínuo e constante. Na televisão sempre haverá conteúdo sendo exibido simultaneamente para todos que estiverem assistindo aquele veículo em um horário específico. Assim, a TV propicia a constituição de uma experiência comum entre a audiência. Segundo Wolton, ela possui a capacidade de "reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar, e oferecelhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva" (WOLTON apud OLIVEIRA, 2015, p.11).

Ao estabelecer um diálogo intenso com a sociedade brasileira ao longo dos anos, as novelas se tornaram arena de representação, disputa de narrativas e produção de sentido - abriu-se a discussões sociais, culturais e políticas do país. Por meio do tecido melodramático, valores, discursos e identidades são expostos e visões de país são criadas, podendo ressignificar seu passado e seu futuro.

Ao longo de 50 anos, as telenovelas brasileiras criaram um vínculo com seus telespectadores e o encontro diário é um compromisso fiel ainda de alguns brasileiros. A novela tornou-se uma narrativa ativa da nação, através de uma construção cultural e discursiva do país. "[...] O que permite dizer que hoje quem melhor fala da nação não é a literatura, nem o cinema, mas sim a telenovela brasileira" (LOPES, 2016, p. 167).

⁵⁹ VERÃO VERMELHO. Marlos Andreucci e Walter Campos. Atores: Dina Sfat, Jardel Filho, Paulo Goulart. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1969.

⁶⁰ Dados disponíveis em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

Na concepção sociológica clássica da questão de concepção de identidade do sujeito, ela é "formada na 'interação' entre o eu e a sociedade" (HALL, 2006, p.11). Diferente do sujeito do Iluminismo, o indivíduo pós-moderno de hoje não tem uma identidade fixa, permanente ou essencial.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado. [...] De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da 'identidade mestra' da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (HALL, 2006, p. 11-13)

Segundo Hall (2006), as identidades nacionais não são características, comportamentos e pensamentos com os quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Para ele, as culturais nacionais em que nascemos funcionam como uma das principais fontes de identidade cultural (HALL, 2006, p.48). Nas telenovelas, a identidade é construída a partir de representações simbólicas que buscam corresponder a uma identificação delas com o seu público.

Lopes acredita que o papel de protagonista na construção de uma teledramaturgia nacional deve ser atribuído às novelas da Rede Globo (LOPES apud MARTINS, 2008, p.7). A novela trabalha com o desejo, não com a realidade nua e crua. Para Martins (2008), "a TV capta as tendências e as devolve para os telespectadores, e a telenovela é a representação dos papéis sociais" (MARTINS, 2008, p. 8). Troca de filhos, golpe da barriga, briga por herança, retorno por vingança, identidades falsas, pais desconhecidos, ascensão social via casamento são temáticas presentes em vários folhetins e repertórios nacionais e atuais de acordo com a época em que vão ao ar. O telespectador tem mais facilidade a manifestar solidariedade a uma figura de televisão, que tem a "construção de personagens retratados com maior realidade, promovendo maior identificação com público" (MARTINS, 2008, p.8).

Michel Foucault em "A arqueologia do saber" (FOUCAULT apud GREGOLIN, 2007, p.15) sistematiza uma série de conceitos determinantes para a abordagem do discurso. A partir deste livro é possível pensar uma teoria do discurso, que pode ser resumida em cinco pontos. O primeiro: o discurso é uma prática que se articula com outras práticas não discursivas. O segundo diz que ele é um jogo estratégico e polêmico, por meio do qual o *Zeitgeist* é constituído. O terceiro ponto refere-se aos dizeres e aos fazeres, pois

eles se inserem em formações discursivas, cujos elementos são regidos por determinadas regras de formação.

Os dois últimos pontos discorrem sobre o discurso ser um espaço em que saber e poder se articulam – quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente – e sobre a produção do discurso ser controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que viam a determinar aquilo que pode ser dito ou não em um momento histórico.

Foucault propõe uma arqueologia do saber para analisar as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros. "A discursividade tem, pois, uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas." (GREGOLIN, 2007, p. 15). Para Foucault, as práticas discursivas fabricam noções, conceitos, temas de um momento histórico. Por isso, a análise dos discursos deve investigar “noções históricas, densas em sua materialidade, carregadas de tempo, definidoras de espaços, que nascem em algum momento e que têm efeitos práticos” (RAGO apud GREGOLIN, 2007, p.14).

3.1 O perfil construído

"Espera aí, Gael, está machucando! Eu to com medo. Para, Gael! Para!"⁶¹. No segundo capítulo da telenovela *O Outro Lado do Paraíso*, veiculada entre 23 de outubro de 2017 e 11 de maio de 2018 – com 172 capítulos -, o autor Walcyr Carrasco deixa claro o primeiro tópico importante a ser discutido ao longo da obra: a violência contra a mulher. A exibição que foi ao ar em 24 de outubro de 2017 trouxe os personagens principais na primeira noite após o casamento e teve como ponto central do capítulo o estupro.

⁶¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6238696/programa/>. Acesso em: 03 abr. 2019.

Figura 15 - A direção da novela utilizou um recurso metafórico para passar a cena de estupro



Fonte: Globoplay (2017)⁶²

Com direção artística de Mauro Mendonça Filho, a trama mostra a personagem principal de *O Outro Lado do Paraíso* vivendo em Palmas, no Tocantins. Uma jovem simples, que vive com o pai e com o avô na beira da estrada do Jalapão, uma região paradisíaca, onde construíram o bar da família. Ambientada em 2007, a primeira fase da novela mostra Clara Tavares - interpretada por Bianca Bin -, uma moça cujo pai é obcecado em achar dentro de seu terreno o veio principal de uma mina - as terras da família ficam próximas de onde antigamente funcionava uma mina de esmeraldas. Tragicamente, ao usar explosivos para tentar achar esmeraldas, ele morre no embaixo da terra.

Algum tempo após enterrar seu pai, a jovem continua a trabalhar no bar da família, mas já se prepara para dar aulas para crianças em um quilombo em Pedra Santa. Renato - interpretado por Rafael Cardoso - é um dos clientes regulares e conta a Clara que presta assistência médica voluntária no mesmo lugar. Pelos olhares da conversa, implicitamente entende-se que ele se interessa pela jovem. Mais tarde, ela o rejeita, pois só o vê como amigo.

Enquanto brinca com as crianças no campo de Capim Dourado, ela encontra pela primeira vez Gael Monserrat - interpretado por Sérgio Guizé -, herdeiro de uma família decadente de Palmas que já teve seus anos de poder e dinheiro há tempos, mas agora

⁶² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6238696/programa/>. Acesso em: 03 abr. 2019.

atravessa uma fase de contenção de gastos. A moça se apaixona à primeira vista por ele, que está de visita na cidade. O romance se torna sério muito rápido e logo eles marcam de se casar.

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razões de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, inscreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação, entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que, ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de plumas como um selvagem, ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação. (WOLF apud BOURDIEU, 2012, p.8)

Sophia Monserrat - interpretada por Marieta Severo - é mãe de Gael e a vilã da história. Ambiciosa com pouca ética ou moral, viveu a vida toda às custas da exploração de minas em suas terras, porém agora esconde a situação financeira da família aos amigos e conhecidos. Ela pretende acabar com as aspirações do filho de se casar mais uma vez, mas, ao descobrir que as terras da futura nora têm uma jazida de esmeraldas, passa a apoiar a relação.

Clara vai ao sítio onde Mercedes - uma velha amiga e grande amor de Josafá interpretada por Fernanda Montenegro - mora falar sobre o casamento com Gael. A senhora, ao abençoá-la, pressente que algo de ruim acontecerá com ela. Mística, ela é uma mulher que cura as pessoas tanto física quanto espiritualmente e escuta vozes. Ela vive de forma simples, num sítio em Pedra Santa que faz de abrigo para receber pessoas quando o fim do mundo se aproximar, e viu Clara crescer ao longo dos anos.

Antes do casamento, Gael já dava sinais de instabilidade e agressividade. A amizade de Clara com Renato é um dos assuntos de duas brigas. A primeira aconteceu ainda quando os dois estavam namorando, quando os três - e sua amiga de trabalho, Raquel - se encontram em Pedra Furada, um ponto turístico da região. Enquanto sobem a pedra, Clara diz: "Você está se comportando cada vez mais como um príncipe!". Em minutos, os quatro se encontram, e Gael muda de fisionomia.

A direção, para explicitar os sentimentos e o ponto de vista de Gael, mostra o diálogo subsequente e repete em *slowmotion* os toques e sorrisos que foram interpretados como flerte pelo personagem. Ele se intromete pela primeira vez na conversa entre Clara, Renato e Raquel: "Vai encontrar com ela? No quilombo? Entendi...você veio atrás dela. A Clara deve ter dito pra alguém que vinha pra Pedra Furada e você veio atrás." Raquel o

responde dizendo que foi ideia dela. "Não defende que eu não sou tonto, não!", ele insiste. Renato contesta que é um lugar público e que não vai baixar a cabeça para o herdeiro da família Monserrat.⁶³

"Eu sei que você veio faz pouco tempo pro Tocantins e não conhece nosso modo de ser. Aqui, homem é homem. Não leva ofensa pra casa, não", ameaça Gael. A partir desta frase, a briga começa, e termina com Gael segurando Renato pelo braço em um precipício. Alguns segundos de tensão, com Clara e Raquel observando, e ele o puxa de volta. "Cara, me desculpa! Que bobagem! Você ficou na beira do precipício, olha só que perigo...Desculpa de novo, viu, *vêi*. Desculpa mesmo. Às vezes eu entro numas...acabo perdendo a razão", diz Gael em tom irônico, enquanto o médico tenta se soltar para ir embora da pedra.⁶⁴

A segunda aconteceu ainda no dia do casamento. Clara havia convidado Renato para a festa, já que haviam concordado em serem apenas amigos. Ao subir no barco onde estava acontecendo a festa, ele esbarra em Josafá, o avô de Clara, e depois avista a mocinha, que logo vai ao seu encontro para cumprimentá-lo.

Ao ver a cena, Gael se sente incomodado: "Que conversa é essa aí?"⁶⁵, questiona ele. O clima fica tenso e a professora explica que o convidou para o casamento. Nervoso, Gael empurra Renato e o clima da festa muda. O noivo resolve acabar com a festa e expulsa todos do barco.

Estas duas brigas foram uma previsão de como seria o casamento. Como já referenciado, na noite de núpcias Gael abusa sexualmente de Clara. A partir disto, o período de recém casados escala para abusos verbais e físicos constantes. Em todas as situações, depois das brigas e dos machucados e roxos, Gael se desculpa, puxando para o lado sentimental da personagem - um caso clássico de comportamento quando em situação de violência contra a mulher. É aqui que Clara vai do céu ao inferno e o outro lado do que parecia ser um paraíso começa a se mostrar.

3.2 Da beira da estrada à dama de vermelho

O arco dramático da personagem principal pode ser dividido em três partes: antes de conhecer o par romântico, durante o casamento e após a volta dela à cidade de Palmas. Ellen Milet é a figurinista responsável por desenvolver o visual de Clara. Uma moça

⁶³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6238696/programa/?s=45s>. Acesso em: 06 abr. 2019.

⁶⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6238696/programa/?s=45s>. Acesso em: 06 abr. 2019.

⁶⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6241378/programa/>. Acesso em: 06 abr. 2019.

simples e ingênua é o que o figurino, as palavras e atitudes devem mostrar na primeira fase da novela. Uma menina romântica do interior do Tocantins. Roupas práticas, uma vez que trabalha em um bar. Peças em cores pastéis, já que o bar é na beira de uma estrada de barro. Sem acessórios supérfluos. Cabelo longo, sem futilidades, mas ainda assim cuidado.

Figura 16 - Clara na primeira fase da novela



Fonte: Raquel Cunha/TV Globo (2017)

Na figura 16 podemos ver a personagem na primeira fase. Na fotografia acima, é possível ver o cabelo com franja e tranças, vestido despojado e romântico, uma tendência country, com botas e chapéu. A animação *Toy Story* (1995)⁶⁶ foi a principal fonte de desenvolvimento de peças a partir dos personagens Woody e Jessie. Ellen revelou referências iniciais para a construção deste primeiro estilo:

No início da novela, Clara era uma jovem do interior, criada pelo pai e pelo avô. Era uma menina pobre que usava vestidos com um ar de camisola antiga, com biquíni por baixo, e botas masculinas, uma vez que ela ajudava no sítio. As cores eram lavadas e seguiam os tons terrosos do Jalapão.⁶⁷

A standardização das personagens femininas ao longo de 50 anos e, neste caso, a personagem Clara ter como base de construção uma personagem de desenho animado é

⁶⁶ TOY STORY. John Lasseter. Atores: Tom Hanks, Tim Allen, Don Rickles. EUA: Pixar, 1995.

⁶⁷Entrevista disponível em: <http://estilosafashionistas.blogspot.com/2018/02/o-estilo-da-personagem-clara-da-novela.html>. Acesso em: 15 mar. 2019.

curioso. É relevante juntar a esta análise o conceito de gênero, fundamental para se debater as diferenças criadas entre os sexos, e construído dentro da convivência social. Além das distinções óbvias biologicamente, a mídia – incluindo as novelas - vira referência na disseminação desses conceitos padronizados que se repetem em um conjunto de ideais do feminino.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

A mulher representada na TV ora é esposa ou mãe, tendendo a serem retratadas no espaço doméstico, na busca de um amor encontrado em um homem. Clara, a protagonista, sempre chama Gael de “príncipe gentil”, o que ajuda a reforçar o ideal de personagem de desenho animado, cujo objetivo é a busca de um grande amor.

A telenovela pode suprir, ideologicamente, algumas necessidades do telespectador, e, nesse sentido, sua receptividade parece ter ligação com a maneira como esta narrativa se constrói, sobretudo, através das estratégias utilizadas e da identificação mimética proporcionada por estas mesmas estratégias. (SILVA, 2010, p.1)

Ironicamente, a personagem Jessie de *Toy Story* (1995) é uma *cowgirl* que recusa a caixinha mulher frágil e é corajosa, atlética e animada. Ela como brinquedo, entretanto, foi abandonada por seu dono, o que a deixou desconfiada e um pouco triste. Na continuação da franquia, ela entra para a coleção de Andy e volta a ser motivo de alegria a alguém. No início do terceiro filme, ela volta a se sentir insegura por acreditar estar sendo jogada fora por seu novo dono, mas, ao desenvolver e construir uma relação romântica com *Buzz Lightyear* ao longo da história, ela volta a se sentir confiante, útil e leal aos outros.

Este último ponto é intrigante: a personagem Jessie, assim como Clara, se sente confiante e útil ao se envolver com um amor. Apesar de não ser um desenho animado, a protagonista da novela segue o mesmo padrão de comportamento ao sofrer agressões. Gael se exalta com algum detalhe, eles brigam, ele bate nela, ela tenta se proteger, depois ela interpreta os abusos de alguma forma que a deixe continuar com seu marido. .

Para o casamento, o vestido de noiva foi desenhado em parceria com a estilista carioca Carol Nasser. A referência do modelo simples e romântico foi o filme "Romeu e Julieta"⁶⁸, de 1968, do diretor Franco Zeffirelli. Cabelo dividido no meio, trança e um arco.

⁶⁸ ROMEU E JULIETA. William Shakespeare. 1597.

Maquiagem simples, como se estivesse sem. Vestido tomara-que-caia com renda transparente para deixá-lo com mangas compridas, deixando-a com um ar quase virginal – corroborando a inspiração na literatura de “Romeu e Julieta” - e angelical.

Figura 17 - Clara no dia de seu casamento com Gael



Fonte: Globo/Raquel Cunha (2017)⁶⁹

Ainda analisando as figuras 16 e 17 e o contexto inicial da trama, é possível captar a mensagem que a construção discurso, atitude e figurino querem passar; ela remete à velha história em que a pobre mocinha, depois de devidamente equipada pela fada madrinha, muda de vida temporariamente e realiza o sonho de ir ao palácio dançar com o príncipe. Mas, como tudo tem seu preço, o tempo é delimitado até certa hora, momento em que o encanto acaba e sua vida voltará a ser como era antes, sem pompa nem realce. Então, a pobre moça sairá correndo, perderá o sapatinho de cristal e o conto maravilhoso, tal como o registra nossa tradição iluminista, arruma sempre um jeito de providenciar o *happy ending* – no caso, um marido rico que porá fim aos seus dias de infortúnio.

Essa memória da narrativa tradicional pura e simples transportada para os dias atuais produz desqualificação e riso. Ainda há a possibilidade de o público engolir um felizes para sempre quando todos os personagens ganham o que objetivam? A partir desta

⁶⁹ Disponível em: <http://noticias.cennoticias.com/7077628?origin=relative&pageId=0f57f4cb-08bf-4ce8-9ca4-6962fa60a3f2&PageIndex=1>. Acesso em: 18 out. 2018.

primeira fase dos sonhos, Walcyr Carrasco coloca sua protagonista na lua de mel e seu encanto desaparece.

No dia seguinte, Clara muda de semblante. E o padrão dos momentos seguintes aos abusos começa:

Gael: Fui bruto, não fui? Desculpa. Eu te amo muito. Eu te desejava tanto...tanto que não tive como te esperar, ser carinhoso como você merecia. Me desculpa.

Clara: Eu sonhei tanto com essa noite. Pensei que fosse ser de outro jeito. [pausa] To aqui com o rosário [na mão] que era da minha mãe. Essa aqui é a única lembrança que eu tenho dela. [Gael encosta na mão de Clara e ela não desvia]

Gael: É lindo.

Clara: Minha mãe morreu logo quando eu nasci. Foi meu pai e meu vô que me criaram. Eles sempre me amaram muito, mas eles nunca foram de fazer carinho, não. Quando eu te disse 'sim', eu tava era sonhando com um príncipe gentil.

Gael: Desculpa.

[Clara mostra para Gael manchas roxas no braço]

Clara: Ó aqui a marca que cê deixou no meu braço.

[Gael beija o ombro de Clara]

Gael: Perdão. Me perdoa. Eu vou provar que eu sou o príncipe do teu sonho. [dá um beijo na bochecha dela] Príncipe gentil. Eu te amo. Te amo.

Na viagem de lua de mel ao Rio de Janeiro, Gael cerceia mais uma amizade da esposa, quando ela conhece uma mulher que a ajuda a escolher um presente para o marido. Além disso, Clara, que antes não tinha celular, compra um e Gael questiona o porquê dela ter comprado, querendo saber com quem ela queria falar. Em seguida, ele o joga em um balde de gelo e ela indaga se era assim que ele queria "um príncipe gentil". O padrão se repete: ele pede desculpas. "Você muda tão de repente, eu nunca sei o que pensar".⁷⁰

Após o casamento, Clara manteve as cores pastel e vestidos femininos em suas aparições. Os tons terrosos, nudes e rosados também seguiram no figurino - só que a moça passou a usar saias mais modernas com a tradicional blusa amarrada e cabelos mais soltos após o casamento, além de vestidos estampados. Do ponto de vista mítico grego, a personagem de Bianca estaria alinhada com Hera, a consorte de Zeus - a imagem do

⁷⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6241378/programa/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

feminino que só existe em função do marido, do masculino. No período pós gravidez, os tecidos soltos e vestidos longos foram as escolhas da figurinista para a personagem.

Figura 18 - Clara durante a gravidez e sob situação de violência doméstica



Fonte: Divulgação/TV Globo (2017)⁷¹

Após ter o filho, Tomaz, Clara é vítima de um golpe. Sua sogra, com a ajuda do juiz Gustavo (Luís Melo), do psiquiatra Samuel (Eriberto Leão) e do delegado Vinícius (Flávio Tolezani), interna Clara em uma clínica psiquiátrica, em uma ilha isolada. Dez anos se passam e ela planeja voltar para resgatar sua vida e, sobretudo, ver seus algozes pagarem por anos de sofrimento. Sua única saída será uma senhora internada na clínica, de quem herda uma valiosa fortuna em obras de arte que estavam escondidas. O sobrinho-neto dela, Patrick (Thiago Fragoso), o melhor advogado criminalista do país, ajudará Clara a executar seu plano de vingança. Outro baque para ela é descobrir que Renato, que acreditava estar do seu lado, aliou-se a Sophia.

A mudança protagonizada por Clara por meio dos diferentes tecidos, da postura, da fala, do olhar e das cores usadas em cena pode ser considerada uma “iconofagia”, no sentido dado por Baitello (2014). No livro "*A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*", este autor trata das relações entre corpos e imagens

⁷¹ Disponível em: <https://www.sidrolandianews.com.br/noticia/novelas/o-outro-lado-do-paraiso-gravida-clara-e-espancada-e-leva-cadeira-de-gael>. Acesso em: 10 abr. 2019.

vivendo o processo em que ora as imagens devoram os homens e ora eles as devora, muitas vezes simultaneamente. Bomba de Hiroshima, disco de vinil, ovelhas, satélite, jornais, TV de plasma, velas, armas, índios, atiradores e uma cobra são algumas das imagens expostas num colorido painel que contorna e parece sufocar o título do livro escrito em vermelho e caixa alta. Essa cor simboliza alerta, poder, desejo, paixão; é usada pela publicidade para o estímulo a tomada de decisões e o consumo, presente nos sinais de trânsito, ambulâncias, marcas de alimentos, bandeiras de espírito revolucionário. A escolha é proposital, convidativa e premonitória.

Vermelho; assim como a cor escolhida para ser o norte do visual de Clara para sua volta. A protagonista era uma mulher romântica na primeira fase e, na sua volta, passou por uma mudança imediata de visual, de comportamento, de postura. Bodys, vestidos, botas, brincos e o corte de cabelo a deram um novo tom. A cor vermelha se tornou a principal em todas as suas aparições, inclusive na primeira: "Fiz algumas adaptações na peça para que ela funcionasse melhor no corpo da atriz. Esse vestido tinha um "X" no peito e me lembrou muito uma referência do filme Kill Bill, através da personagem Beatrix Kiddo, vivida por Uma Thurman. Esse vestido, com as botas, os brincos e o cabelo novo coroaram o momento da personagem", disse Ellen Milet.⁷²

Baitello (2014) apresenta três tipos de mídia: o corpo é a primária e a sobancelha, o órgão comunicativo à distância. Ele se baseia em premissas de Harry Pross e Dieter Wyss - estudiosos que não consideram o jornal impresso, TV, rádio, cinema e internet como os únicos meios de comunicação. O corpo humano, ao portar-se de memória, habilidade, história e cultura, ocupa tanto a ponta geradora da comunicação quanto à ponta alvo.

Três aspectos são enfatizados no terceiro capítulo do livro, A sedação, na parte I da obra. Sobre as imagens, 1) elas se tornaram *mediadoras* por estarem ancoradas no mundo da vida. As pessoas se identificam com imagens que lhes são familiares, que falam de vivências e lugares que já experimentaram; assim, 2) as imagens midiáticas são entendidas como *potencialmente reais*. E 3) considerando que a percepção de mundo das pessoas é o que lhes dá base para agir no mundo, pode-se afirmar que, ao se colocarem enquanto realidade possível, as imagens midiáticas influenciam o olhar dos sujeitos e, conseqüentemente, suas ações. Portanto, as imagens midiáticas são *mobilizadoras*, incitam

⁷²Entrevista disponível em: <https://vogue.globo.com/beleza/gente/noticia/2018/05/ellen-milet-revela-curiosidades-sobre-os-figurinos-e-bastidores-de-o-outro-lado-do-paraiso.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

uma ação concreta, expondo modelos de comportamento apropriados aos mais diferentes momentos da vida cotidiana.

É possível aliar o conceito de “iconofagia” ao fetichismo do corpo da mulher – mais presente na linguagem audiovisual – que coloca o espectador em uma posição de sujeito masculino, com a mulher como objeto de desejo. É a situação de *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018), mais presente ainda na primeira fase da novela. Na segunda fase, com a personagem regressa à cidade natal, a história passa a ser o plano de vingança, centrando o ponto de vista em suas opiniões e ações. Nesta cultura, o corpo é o meio de expressão (ou representação) que é valorizado a partir de padrões de significativos e significantes para interação social. “A sustentação de uma estética leva a um condicionamento social que traz ao indivíduo uma identidade com significados atribuídos à aparência e à forma física” (GOLDENBERG apud SILVA, 2016, p. 29).

A estandardização da mocinha dócil, frágil e submissa ao marido foi o começo do caminho para a protagonista, que teve como base uma personagem de desenho animado. A representação da mulher em situação de violência doméstica foi além da rotina de abusos e transbordou em seu jeito de olhar, em suas roupas, nas cores utilizadas no figurino e na escolha do cabelo. Clara, ao passar por seu processo de transformação, consegue ser *mediadora, potencialmente real e mobilizadora*, os três aspectos descritos por Baitello sobre imagens. A violência sofrida por ela é vivida no dia a dia de muitos brasileiros; ela se torna um canal reprodutivo da realidade; e ela inspira que uma ação seja tomada, para acabar com as agressões.

3.3 Clara e o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT)

No dia da fuga da protagonista do hospício onde foi mantida contra sua vontade, a novela cravou 39 pontos⁷³ e manteve o mesmo recorde nos dois dias seguintes. O plano de vingança – ao melhor estilo Conde de Monte Cristo, inspiração do autor – incluía expor a homossexualidade velada do psicólogo Samuel (Eriberto Leão), o abuso cometido pelo delegado Vinícius (Flávio Tolezani) em sua enteada durante a infância e a corrupção do juiz Gustavo (Luís Melo), além de atingir a ex-sogra Sophia, o ex-marido Gael e a ex-cunhada Lívia, que ficaram com suas terras e seu filho.

⁷³ Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2017/11/29/o-outro-lado-do-paraiso-tem-novo-recorde-com-fuga-de-clara-saiba-como-ela-se-livra-do-caixao-112489.php>. Acesso em: 13 abr. 2019.

É interessante lembrar que, em um dos episódios de violência de Gael, no capítulo exibido em 30 de outubro de 2018, Clara é atendida por Renato no hospital. Durante a consulta, ele começa a ligar para a polícia e ela o impede: “Não! O Gael não me bateu, eu caí da escada. Tava esperando pelo Gael, ele foi levar a mãe embora, aí tava me arrumando toda, quando eu vi o carro chegar, desci correndo a escada, tropecei e caí”. Ao que o médico responde: “Você tem ideia de quantas mulheres chegaram aqui dizendo que caíram da escada e realmente foram espancadas?”.

Mas, como em várias histórias de agressão, a violência não terminou ali. Clara foi parar no hospital com o braço quebrado, com o rosto inchado, com os olhos vermelhos algumas vezes e não reportou em momento algum. Até que, no capítulo exibido dia 17 de novembro de 2017, após o nascimento do filho, Gael mais uma vez empurra a esposa, que bate com uma bandeja em sua cabeça por trás, se tranca no quarto e liga pedindo socorro para o médico Renato. Ao contar na delegacia o ocorrido, o delegado diz que vai abrir um boletim de ocorrência, mas liga para Sophia, que vai ao juiz e o chantageia a assinar o habeas corpus preventivo do filho.

“Calma, eu preciso tomar uma posição sobre o assunto”, diz Vinícius, enquanto Clara rebate: “Uma posição? Não é óbvio, não? Cadê meus direitos, delegado? O Gael me espanca, ele me bate, se não fosse eu me defender, ele podia me matar!”. Sophia pede calma e fala que não precisava ter ido à delegacia porque “é uma questão de família, que não precisava expor a estranhos”. A protagonista exige o divórcio ali mesmo antes de ir para casa.

No levantamento feito por Jefferson Nascimento em parceria com a Folha sobre os casos noticiados de feminicídio só em 2019, em 8% das ocorrências crianças presenciaram o crime⁷⁴. Tal possibilidade é citada por Clara no mesmo capítulo: “Eu não quero criar meu filho num ambiente de lágrimas, de violência. Como é que o Tomaz vai crescer e ser um homem bom, saudável vendo o pai batendo na mãe, vendo a mãe gritar, chorar?”.

Dez anos após este episódio, a volta triunfal de Clara a Palmas, no dia 14 de dezembro de 2017, marcou 42,2 pontos de média de audiência⁷⁵. Quando estava internada na clínica psiquiátrica, ela conheceu Beatriz, uma senhora milionária internada pela neta Fabiana (Fernanda Rodrigues), que roubou todo o seu dinheiro. Durante o tempo de

⁷⁴Dados disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/71-dos-feminicidios-e-das-tentativas-tem-parceiro-como-suspeito.shtml>. Acesso em: 03 abr. 2019.

⁷⁵Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/o-outro-lado-do-paraiso-tem-recorde-de-audiencia-com-retorno-de-clara-confira-os-consolidados-desta-quinta-feira-14-12-17/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

amizade, Beatriz revelou para a moça onde escondeu quadros muito valiosos em sua mansão, no Rio de Janeiro. Por isso, ao retornar à cidade em que nasceu, Clara dispõe de uma herança para se vingar dos seus algozes que a declararam incapaz e roubaram 10 anos de sua vida.

Neste ponto da narrativa, é importante ressaltar a incongruência com o passado de abuso verbal e sexual da protagonista. Os comportamentos derivados de pacientes que sofreram traumas nem sempre é o mesmo, mas estudos ao longo dos anos demonstram que tradicionalmente os sintomas de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) podem ser organizados em três grandes grupos: o relacionado à reexperiência traumática, à esquiva e distanciamento emocional e à hiperexcitabilidade psíquica. Mesmo tendo passado 10 anos da experiência, Clara poderia apresentar o quadro geral deste transtorno, ou ao menos alguma característica comportamental que indicasse o que passou.

O indivíduo pós-traumatizado revive o acontecido e o vivencia como experiência contemporânea em vez de aceita-lo como algo pertencente ao passado. Alucinações visuais ou auditivas, despersonalização e/ou desrealização podem ocorrer:

São lembranças fixas, que não se alteram com o tempo, de uma nitidez e vividez distintas, além de carregadas de forte componente afetivo e emocional: a lembrança trazendo angústia e sofrimento intensos. Espontâneas, involuntárias, ao surgirem não são facilmente interrompidas, parecendo ter vida própria (CÂMARA FILHO, José Waldo S & SOUGEY, Everton B, 2001, p. 222).

Uma das importâncias da introdução do TEPT está em reconhecer a condição clínica advinda do trauma psicológico - apesar do elemento individual - sendo essa condição não intrinsecamente temporária, podendo se perpetuar por toda uma vida e se tornar um transtorno crônico. Porém, quando a protagonista decide voltar a Palmas, ela escolhe comprar a antiga casa que morava com o ex-marido, onde sofreu todas as violências no passado. E na primeira vez em que encontra com Gael após os dez anos, Clara o recebe em casa.

No capítulo seguinte, em um segundo encontro, ela desabafa: “Todo o meu sofrimento, Gael, começou logo quando a gente se conheceu naquele campo de capim dourado. Foi lá que começou a minha tragédia. [flashes do estupro na noite de núpcias, dele a jogando da escada, dele puxando seu cabelo e a jogando contra a mesa de centro]”.

É então que ela tem a ideia de se colocar em situação de violência, como nos primeiros dias do casamento com ele, para conseguir provas e prender Gael. Clara combina dele ir a sua casa conversar sobre a guarda do filho. Ele chega e ela oferece alguma bebida

alcoólica. A conversa escala até ele dizer que ela está de “mimimi” e “fazendo doce”, porque “O que um homem vai fazer na casa de uma mulher à noite? Sozinha. Com esse decote todo? Pra quê?”.

Ele a joga e a encurrala no sofá, rasga seu vestido e, quando ela pede para ele parar, Gael dá um tapa no rosto dela. Clara começa a rir e ele dá outro tapa. Radú e Patrick entram na sala e, portanto, agem como testemunhas do crime de tentativa de estupro. E ainda assim Clara não demonstra prejuízos social ou emocionalmente, como sugerido em estudos com indivíduos expostos a combate, prisioneiros de guerra ou expostos a estressores variados – incluindo combate ou abuso sexual.

Essa abordagem escolhida por Waleyr Carrasco para representar uma mulher em situação de violência pode ser considerada irreal. Para ser eficaz e estimular e sustentar mudanças de comportamento nos espectadores, é preciso não invisibilizar o tema da violência contra a mulher, sustentada por uma sociedade patriarcal e machista, com a desculpa de uma possível licença poética novelesca em um assunto tão sensível à maioria dos telespectadores.

Para Souza (2004), é preciso ampliar um conhecimento que ajude a estruturar categorias de análise mais precisas para combater os limites interpretativos postos pelos estudos nesta área, que reforçam o paradoxo inovação-repetição, desconsiderando os traços autorais no âmbito da produção massiva comercial. Neste sentido, é possível e provável que os autores não pensam nos comportamentos do *status quo* que estão reproduzindo em seus roteiros, muito menos em como a semiologia se faz. Essa questão suscita o ponto se a autoria faz parte dos interesses dos envolvidos nas instâncias de produção, distribuição e consumo das novelas.

Se a resposta é positiva ou negativa, não é possível saber sem entrevistar um por um da cúpula de decisões da emissora; mas o que é possível ser feito é procurar entender como essa mensagem chega ao telespectador que comenta ativamente nas redes sociais, tanto nos canais oficiais quanto em suas contas particulares. A repercussão do que é discutido nas novelas é capaz de mobilizar opiniões e muda-las para que a sociedade não aceite mais a normalização da violência contra a mulher – e é o que veremos no próximo capítulo deste estudo.

4 Violência contra a mulher nas mídias

"Tá toda machucada. Sei perfeitamente o que houve. O Gael te bateu, não foi, Clara? Te surrou. A gente vai acabar com isso agora. Tem lei pra te proteger. A lei Maria da Penha que é contra o espancamento de mulheres. Vou ligar agora pra polícia. Você vai denunciar esse crápula. Vai botar teu marido na cadeia"⁷⁶. No quinto capítulo da novela, o médico Renato - interpretado por Rafael Cardoso -, após atender Clara, incentiva que ela denuncie a agressão feita pelo marido.

Gael bate em Clara após sua mãe, Sophia (Marieta Severo) dizer que não gostou da forma como Clara conversou com um garçom durante um jantar. "Acho que você tem que ser mais firme com a tua mulher. Mostra quem manda naquela casa", disse ao filho. A personagem deslocou o braço após o marido agredi-la e empurrá-la de uma escada em casa.

Ao final de cinco capítulos, Gael já havia apresentado quatro crises de ciúmes por causa da esposa. Já a assediara moralmente duas vezes. E fora violento fisicamente com ela em três situações. No final do quinto episódio, a emissora, finalmente, estampou um aviso na tela: "Violência contra a mulher é crime. Denuncie. Ligue 180. Central de Atendimento à Mulher"⁷⁷.

As repercussões trazidas por episódios como os analisados nesse trabalho para o imaginário da audiência em relação a questões como a violência de gênero podem ser analisadas a partir de reportagens⁷⁸, do aumento do número de denúncias após o tema ser tratado em novelas, de talk shows. Neste trabalho, analisaremos dois programas da casa, Rede Globo, e duas redes sociais. Os programas serão *Amor & Sexo* e *Conversa com Bial*, e a netnografia será feita pelo perfil oficial do Gshow no Facebook e pelos comentários no Twitter com as hashtags #OOtroLadoDoParaíso e #OOLDP.

O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes

⁷⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6251617/programa/>. Acesso em: 9 mai. 2019.

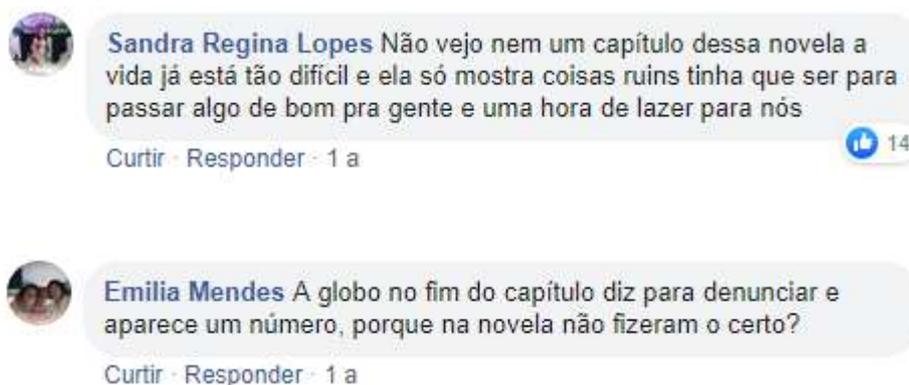
⁷⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6251617/programa/>. Acesso em: 9 mai. 2019.

⁷⁸ Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/famosos/outro-lado-paraíso-bianca-bin-violência-domestica/> e <https://mdemulher.abril.com.br/novelas/espancamento-em-o-outro-lado-do-paraíso-choca-e-conscientiza/>. Acesso em: 9 mai. 2019.

ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores (BRAGA, 2007, p.5)

Há que se ressaltar que, desde 2011, todos os programas da Globo, exceto os de auditório e de jornalismo, exibem uma mesma frase ao final: "Esta é uma obra de ficção coletiva baseada na livre criação artística e sem compromisso com a realidade". Esta advertência, nos dias de hoje, não é mais suficiente. Parte do público parece confundir, de fato, ficção com realidade. Ou ainda, quando não as misturam, se sentem incomodados, como ocorreu quando foi ao ar o segundo capítulo desta novela, quando Clara foi sexualmente violentada na noite de núpcias, o que gerou uma enxurrada de críticas negativas nas redes sociais pedindo temas “mais leves”, pois se vive coisas difíceis diariamente.

Figura 19 – A audiência reage às cenas de violência da novela O Outro Lado do Paraíso (2017)



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁷⁹

Neste ponto, a relação harmônica entre o autor, os produtores e a direção-geral é imprescindível. Por ser uma novela, uma obra aberta, com mais de 150 capítulos, no ar durante mais de seis meses, é difícil manter o mesmo nível de controle da obra e de dedicação de todos os profissionais envolvidos. O processo no total sofre interferências externas que podem alterar os rumos e as qualidades artística e estética da narrativa audiovisual. A parceria Walcyr Carrasco e Mauro Mendonça Filho durou apenas quatro

⁷⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1002426456581546?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

produções: *Amor à Vida* (2013), *Gabriela* (2012)⁸⁰, *Verdades Secretas* (2015)⁸¹ e *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018).

Durante a novela, o diretor fez algumas críticas à história em seu twitter. O primeiro comentário foi sobre a vilã Sophia Monserrat (Marieta Severo), que ela seria uma “vilã linear, sem ambiguidade, dramaturgicamente”, o que foi mal recebido pelo autor⁸². O post continua: “Já viu vilão perder no começo? Acaba a novela [...] eles têm que ter poder, para serem vencidos no fim. Isso é bem antigo”⁸³. Uma delas foi sobre uma cena em que uma personagem era curada de um acidente que a deixaria paraplégica após uma reza, como se vê na figura 20 abaixo. A parceria entre o autor e o diretor acabou após o fim de *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018).

Figura 20 - Diretor fez críticas à narrativa



Fonte: Twitter do diretor⁸⁴

⁸⁰ GABRIELA. Mauro Mendonça Filho, Roberto Talma. Atores: Juliana Paes, Humberto Martins, Mateus Solano. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2012.

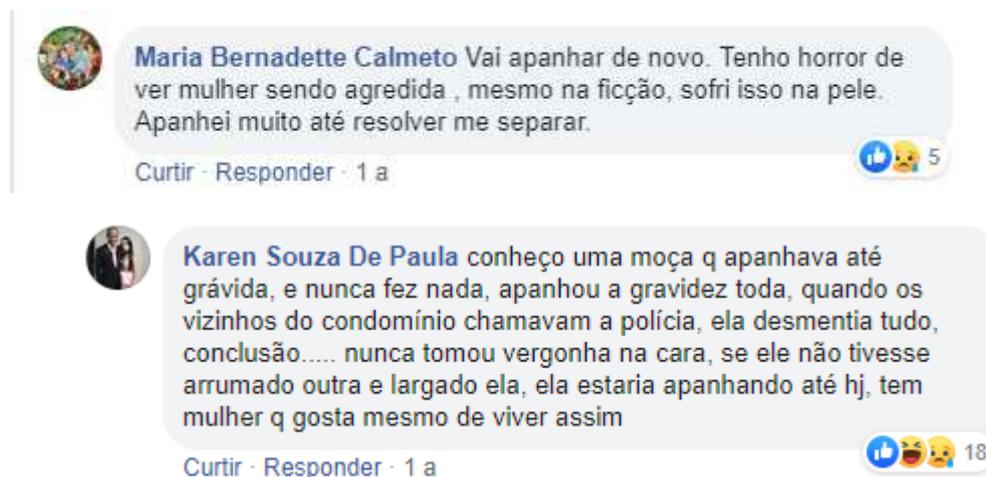
⁸¹ VERDADES SECRETAS. Mauro Mendonça Filho. Atores: Camila Queiroz, Rodrigo Lombardi, Drica Moraes. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2015.

⁸² Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2018/09/apos-4-novelas-walcyr-carrasco-encerra-parceria-com-diretor>. Acesso em: 10 jun. 2019.

⁸³ Disponível em: <https://twitter.com/MauroMendoncaF/status/961719470803898377>. Acesso em: 10 jun. 2019.

⁸⁴ Disponível em: <https://twitter.com/MauroMendoncaF/status/961728334215380993>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Figura 21 - Telespectadora relata vivência parecida



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁸⁵

Na figura 21 acima, apesar de o comentário apresentar algum entendimento de que a violência contra a mulher não é aceitável, a última frase – “tem mulher que gosta mesmo de viver assim” - revela que ainda é preciso percorrer um longo caminho na discussão deste tópico. Por isso, a transmidialidade, quando a estrutura midiática possibilita o livre trânsito informacional entre seus diversos setores, é importante na mudança de comportamento e no impacto das narrativas ficcionais no cotidiano das pessoas.

[...] é importante se perceber que “a presença de temas novelescos em espaços jornalísticos destinados aos relatos do cotidiano está diretamente relacionada à sua factualidade, ou seja, a ancoragem da telenovela em questões atuais do contexto social no qual está inserida” (PIRES, 2009, p. 105)

Após mais um episódio de agressão de Gael, Clara vai parar no hospital e Renato quer denunciá-lo, como dito no início deste capítulo. Os comentários variavam entre piadas e palavras de encorajamento para a denúncia ser feita. E, ao final do parto do filho, Clara corre risco de vida. Entre muitas opiniões de que ela deveria se separar, alguns fizeram graça da situação:

⁸⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1002649313225927?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

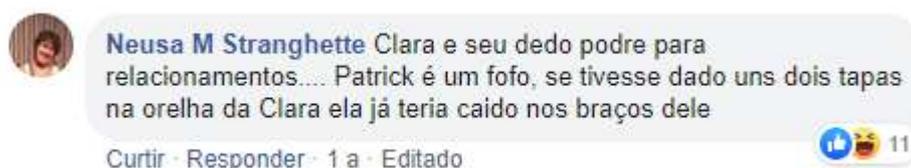
Figura 22 – Uma mulher faz piada com a narrativa apresentada



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁸⁶

Como se pode constatar, o comportamento passivo de Clara quando era agredida virou uma resposta aos que diziam que ela “gosta de levar ‘peia’”. Neste sentido, Beauvoir referia-se aos comportamentos e às diretrizes dadas às meninas como criados cultural e socialmente, já que a passividade caracteriza essencialmente a mulher “feminina”, um traço desenvolvido na primeira infância. Ela rechaça qualquer tipo de origem biológica, “é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p. 21). Na segunda fase, quando a personagem indica estar pensando em voltar ao ex-marido, comentários tipo o da figura 23 abaixo apareceram, inclusive partindo de mulheres.

Figura 23 - Observação feita por uma mulher sobre Clara



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁸⁷

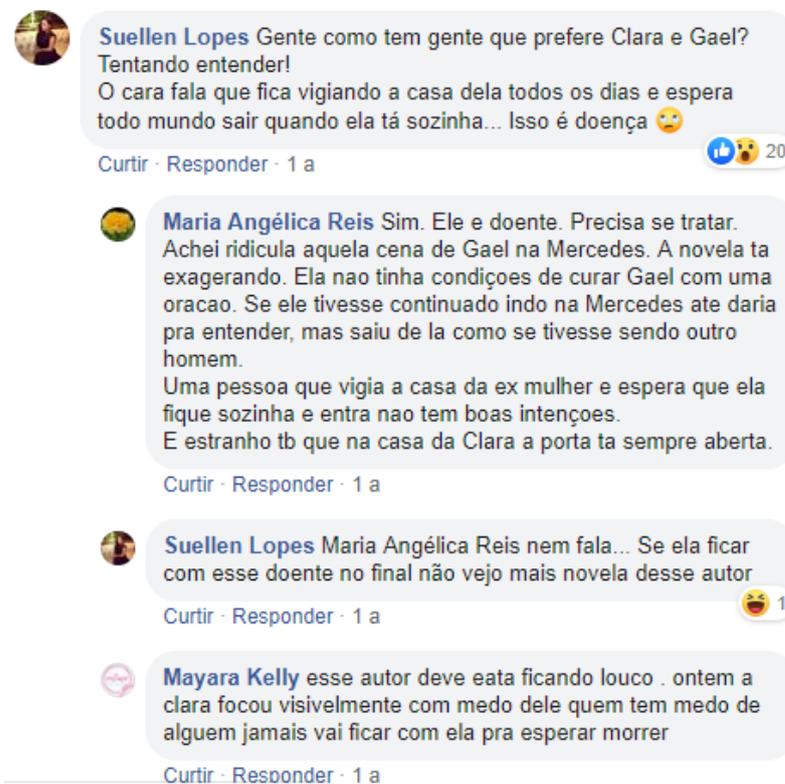
Porém, muitas críticas questionavam a possível atitude da personagem. Além disso, a saída do autor para regenerar Gael recebeu opiniões negativas. Na novela, Gael foi à Mercedes, uma personagem mística que consegue sentir e prever o que está por vir, para

⁸⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1002426456581546?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

⁸⁷ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1076749309149260?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

que ela fizesse uma reza e o curasse de uma doença que o faria bater em suas companheiras.

Figura 24 - Críticas à Clara voltar a se relacionar com seu agressor



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁸⁸

Na figura 24 acima, é claro o elo que os telespectadores fazem entre o roteiro, a criação autoral, e Carrasco. “Se ela ficar com esse doente no final não vejo mais novela desse autor”, disse uma das telespectadoras. Picado e Souza (2018), ao falar sobre séries, diferencia duas noções que, mesmo sendo descritas segundo outro formato, podem ser inseridas quando se fala em novelas, guardando as devidas proporções: estilo e maneirismo.

O termo *estilo* é usualmente empregado para designar os modos próprios dos autores confeccionarem as séries – algo que, na tradição da história da arte, é igualmente significado pela ideia da *maneira* própria dos diferentes criadores (a ponto de gerar uma confusão indesejável entre as noções de *estilo* e *maneirismo*). Como a particularidade estilística de cada autor é pensada como responsável pelos elementos reconhecíveis da composição da série, o termo estilo também se refere às marcas através

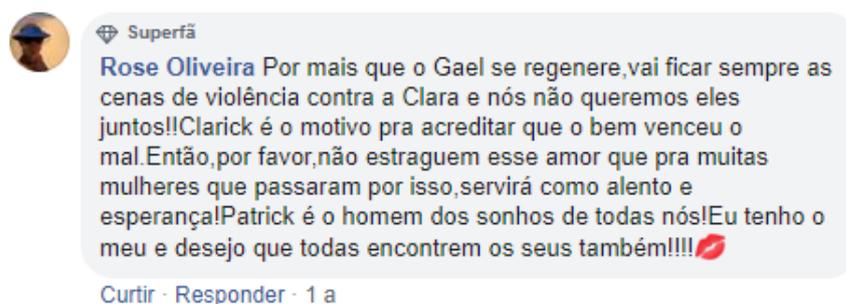
⁸⁸ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1082866678537523?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

das quais o reconhecimento da autoria se origina no interior das obras mesmas. O termo *estilo* designa assim os modos próprios de confecção das séries pelos agentes consagrados como autores (PICADO & SOUZA, 2018, p. 54).

Os telespectadores tendem a formar um imaginário dramaturgo que os faz separar em caixinhas os autores das novelas, dada a pouca rotatividade dos autores no ar. Indicadores da expectativa e do reconhecimento do estilo de escrever por parte da audiência são determinantes para as emissoras produzirem mais chamadas para a estreia, com estratégias de publicidade e de relembrar o vínculo dos telespectadores com as novelas do mesmo autor que já fizeram sucesso.

O reconhecimento da audiência a um autor pode funcionar para o bem, com recordes de audiência – como foi o caso da novela objeto de estudo -, ou para o mal – quando, após a produção termina de ir ao ar, críticas de especialistas e dos telespectadores crescem, como também foi o caso desta telenovela. “Esse é um aspecto que contribui na seleção das obras pelas produtoras/distribuidoras e pelos consumidores, na escolha daquelas que serão acompanhadas, cultivadas e adoradas, objeto de crítica de fãs, jornalistas e estudiosos” (PICADO & SOUZA, 2018, p.55).

Figura 25 - O elo entre a ficção e a justiça que se espera na vida real



Fonte: Página oficial Gshow no facebook⁸⁹

É relevante destacar que a média de idade do público do Facebook é superior à do Twitter, por isso, é possível que a situação e a informação geracional influenciem nos comentários postados. Ao contrário das observações feitas pelos telespectadores no Facebook, a maioria das críticas feitas à novela, sua condução, e as personagens eram

⁸⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/portalgshow/posts/1079238125567045?comment_tracking=%7B%22tn%22%3A%22O%22%7D. Acesso em: 11 mai. 2019.

negativas, condenando as violências e a possível reconciliação de Clara com Gael na parte final da novela.

Assim como a parte do autor é importante, o diretor dá o toque final às cenas de acordo com sua condução no set. Ele, especialmente este – junto a outros nomes, como Luiz Fernando Carvalho e Luiz Henrique Rios – procura desenvolver formas de expressão próprias para a teledramaturgia e para a telenovela, com influências do cinema. Mauro Mendonça Filho é conhecido por dar um ar cinematográfico às produções em que participa, e não foi diferente com esta novela – apesar de, mesmo com esse aspecto mais sofisticado, a história continuar recebendo críticas quanto à história.

Figura 26 - Críticas à romantização de um relacionamento abusivo



Fonte: Hashtag #OO outroLadoDoParaíso no Twitter⁹⁰

A figura 26 acima mostra a relação que os telespectadores fazem ao associar o desenvolvimento da novela apenas ao autor. Os consumidores assíduos das telenovelas tendem a acumular experiências e conhecimento sobre os produtos que acompanham. “Os fãs de telenovelas fazem parte da cena [...] desde meados dos anos sessenta quando as telenovelas já tinham conquistado corações fiéis que foram se mostrando nos bons índices

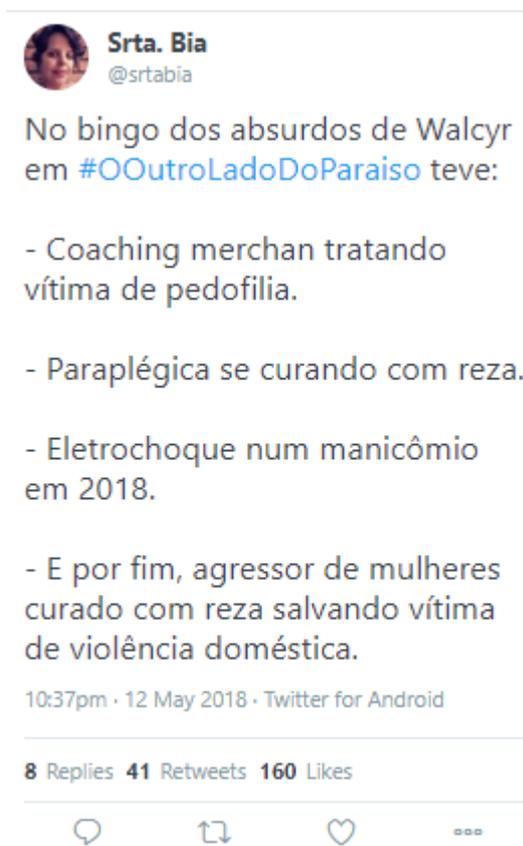
⁹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=vagabunda%20clara%20%23OO outroLadoDoPara%C3%ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai. 2019.

de audiência. Desde então, têm-se notícias de modos variados de expressão dos fãs.” (SOUZA, 2006, p. 2)

Seja por ele ter uma conta no Twitter ou pela ausência de pensamento de ligação ao diretor, a arroba de Walcyr Carrasco foi marcada. Ao analisar obras cinematográficas, é comum observar o nome do diretor como um critério importante para definir a categoria de filme a ser estudado. Para isso, na metodologia inclui-se todos os filmes produzidos no período selecionado de tempo para situá-los em uma corrente ou tendência. A necessidade de contextualizar obras na história procura explicar a relação entre o fundo social, econômico e cultural e a produção.

Assim como na página oficial no Facebook, na hashtag #OOtroLadoDoParaíso alguns internautas confrontaram a escolha do autor de curar Gael por meio de uma reza. Para isso, os telespectadores criaram um “bingo” para as soluções despropositadas do autor para os dramas narrados. Na figura 27 abaixo, a noveleira enumerou as situações consideradas absurdas que foram acumulando até a reta final da novela.

Figura 27 - Lista de alguns problemas na narrativa segundo um perfil

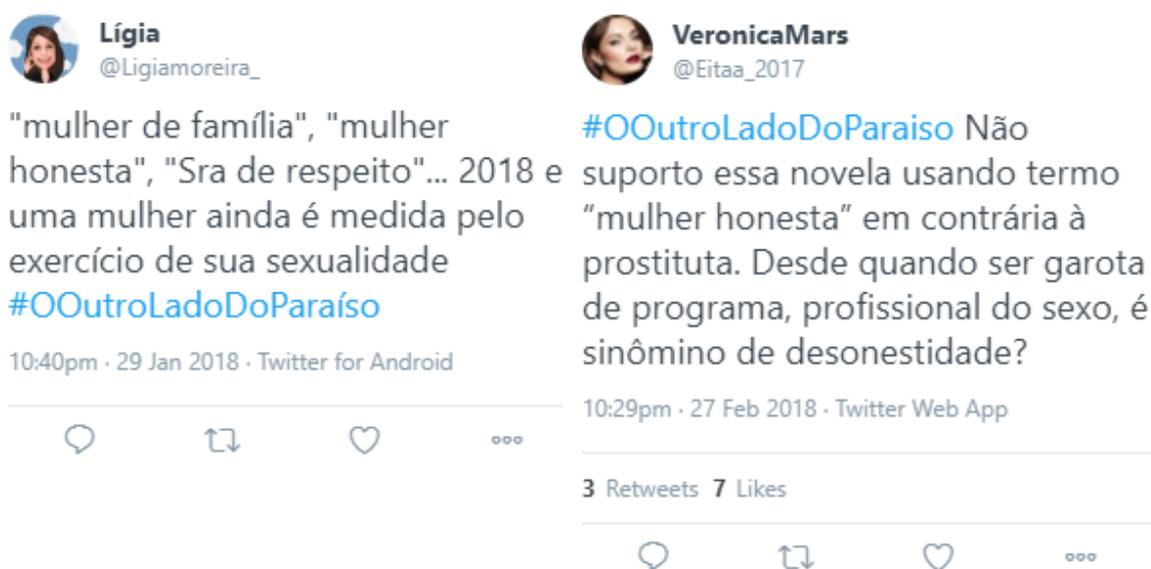


Fonte: Hashtag #OOutoLadoDoParaiso no Twitter⁹¹

O impacto da discussão levantada a partir da violência de gênero gerou outros debates secundários, que ainda são pautas da Quarta Onda Feminista, um movimento associado ao uso das redes sociais, que fez o feminismo chegar a mais pessoas e ressurgir com pautas como o assédio sexual e a violência contra a mulher – mais recentemente, a campanha mais conhecida mundialmente foi a hashtag #MeToo, após as acusações contra Harvey Weinstein em 2017 surgirem e o subsequente Efeito Weinstein, pessoas que trazem a público acusações de abuso sexual perpetrados por homens famosos ou poderosos.

⁹¹ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=vagabunda%20clara%20%23OOutoLadoDoPara%C3%ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai 2019.

Figura 28 - Pautas feministas em discussão



Fonte: Hashtag [#OO outro Lado do Paraíso](#)⁹²

Na reta final da novela, o autor começou a regenerar Gael e, para ganhar simpatia do público, Walcyr Carrasco optou por ele ser o herói de um soterramento na mina com veio principal de esmeraldas. Segundo Umberto Eco, “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO apud PICADO & SOUZA, 2018, p.70). Mas, neste caso, a narrativa parte do autor, o diretor dá o toque audiovisual autoral nas cenas que foram ao ar com o desenrolar dos personagens.

Antes de tudo porque o texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização do sentido que o destinatário ali introduziu [...]. Em segundo lugar, porque, à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade (ECO apud PICADO & SOUZA, 2018, p.70).

⁹² Disponível em: <https://twitter.com/search?q=vagabunda%20clara%20%23OO outro Lado do Para%3ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai. 2019.

Figura 29 - Redenção do agressor é criticada



Fonte: Hashtag #OO outro Lado Do Paraíso no Twitter⁹³

A figura 29 acima toca em um ponto já discutido na literatura sobre telenovelas no Brasil: o reconhecimento autoral e a expressão de estilos. No segundo capítulo deste trabalho, puderam-se analisar as parcerias entre autores e diretores das telenovelas ao longo dos anos e, assim, constatou-se que há um padrão na escolha dos diretores por parte dos escritores. Por exemplo, Manoel Carlos se associava a Ricardo Waddington; Gilberto Braga a Dennis Carvalho; Glória Perez a Marcos Schechtman e Fred Mayrink.

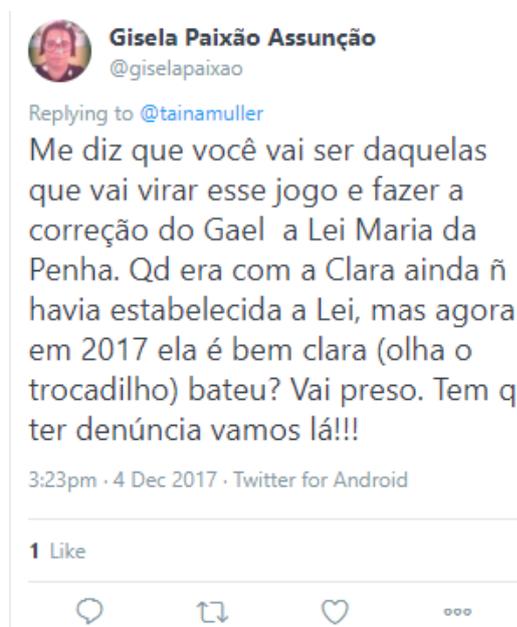
Souza (2004) já dizia que a escolha do autor para abordar certos temas delicados à sociedade implica em como a mensagem é passada, de acordo com o estilo e as direções escolhidas: “[...] sem dúvida, quanto maior o poder sobre o processo, maior o poder para escolher os recursos e as estratégias empregadas”. Ao centrar a atenção nos realizadores ou produtores culturais, transformando-os em um dos vetores-chave da análise, “se tornou uma marca de distinção das emissoras ter no rol dos escritores contratados os mais consagrados autores do gênero” (SOUZA, 2004, p. 20).

Um comentário positivo, ainda que com um engano na data, no meio de várias críticas foi o que lembrou a existência da Lei Maria da Penha, criada em 2006. Porém, entrou em vigor apenas no dia 22 de setembro de 2006. Apesar da narrativa, na primeira

⁹³ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=%23OO outro Lado Do Para%C3%ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai. 2019.

fase, se passar em 2007, com a lei ainda sendo posta em prática, não houve menção a ela em cena.

Figura 30 - A Lei Maria da Penha foi citada



Fonte 1: Hashtag #OOutroLadoDoParaíso no Twitter⁹⁴

As estratégias textuais da telenovela reconhecidas como autorais de Walcyr Carrasco correspondem a decisões estilísticas que foram tomadas num universo de possibilidades de escolhas dadas pela história das novelas, pelo espaço das telenovelas e pelo conjunto das obras do autor, ou posições consecutivas que ocupou ao longo do histórico das produções feitas pela emissora. Os telespectadores tendem a identificar diferenças e semelhanças no estilo dos autores, que definirão as produções que terão a preferência e a expectativa do público. No último capítulo, Carrasco fez Gael viajar para o Rio de Janeiro. Lá, ele salva uma mulher que está sofrendo violência doméstica quando está passando pela casa. Seu final é feliz ao lado desta mulher e, magicamente, a indicação é de que ele não a agredirá. As revistas de fofoca tradicionais já davam este final como certo, o que gerou comentários, como o da figura 31.

⁹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=vagabunda%20clara%20%23OOutroLadoDoPara%C3ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai. 2019.

Figura 31 - O final feliz para Gael não foi bem recebido



Fonte: Hashtag #OOutroLadoDoParaíso no Twitter⁹⁵

4.1 Amor & sexo na violência de gênero: quando o médico é o monstro

Os debates de questões femininas e feministas na TV dependem do horário e da faixa do público telespectador. Jost define três instâncias enunciativas que diferenciam o discurso das redes de televisão: a da própria rede, a da grade de programação e a dos programas. A orquestração desses três pilares suporta a formação da identidade da organização repercutindo na sua imagem e solidez junto ao telespectador (MUNGIONI et al apud ALVES & RUDNICKI, 2016, p.6). Neste tópico, o ponto de vista será o apresentado pelos programas da emissora.

Neste sentido, é possível perceber quando um tema proposto no âmbito de uma telenovela é assimilado pelas instâncias noticiosas, que o ampliam e o contextualizam no espaço social, e pelos programas de infotainment da grade. “É precisamente por assumir a forma de uma rede que a estrutura midiática encontra em si mesma sua própria via de sustentação: a interconexão entre os media faz com que um medium legitime o outro

⁹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/search?q=vagabunda%20clara%20%23OOutroLadoDoPara%C3%ADso&src=typd>. Acesso em: 13 mai. 2019.

(PIRES, 2009, p. 105). Essa reiteração temática é uma constante, já que constitui um gancho natural, que permanece durante a exibição, e retoma, depois de terminada a novela, como que para avaliar os efeitos produzidos por ela.

Uma exceção à liberdade é feita no programa *Amor & Sexo*, apresentado por Fernanda Lima há dez anos, tendo 11 temporadas. O formato talk show com performance e programa de auditório discute masculinidade, corpo, família, feminismo e discussão de gênero e mudou de dia de exibição durante os anos, começando na sexta-feira após o Globo Repórter e passando pelo sábado após a novela e pelas quintas. Chegou em 2018 às terças, após a série *Sob Pressão*.

O episódio exibido em 26 de janeiro de 2017 – ainda com a novela *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018) no ar - tratou da violência contra a mulher, o feminismo e a liberdade sexual da mulher, com as cantoras Carol Conka e Gaby Amarantos, a pesquisadora Djamila Ribeiro e a roteirista Antonia Pellegrino de convidadas. Na bancada fixa, estavam a atriz Mariana Santos, a psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, além da Pablllo Vittar na banda.

O programa começa com uma apresentação musical, como de costume, com a música *Piranha* e seguiu com a apresentadora, as convidadas e as bailarinas “queimando” sutiãs e questionando o machismo que cada uma vivencia no dia a dia. Logo, os questionamentos acerca da sexualidade e da liberdade das mulheres começam com a provocação da apresentadora: “O problema não está nem no ‘bela’, nem no ‘do lar’, mas, sim, no ‘recatada’. Por que a mulher tem que ser recatada? (...) belas e recatadas também são estupradas – por seus maridos, inclusive”.

No decorrer do programa com as opiniões das entrevistadas, Fernanda Lima passa por temas como a liberdade sexual da mulher nas diferentes gerações e o início da masturbação feminina das convidadas e seu tabu, até chegar ao assunto da pílula do dia seguinte. Com uma inserção de informação pública, a apresentadora comunica que desde 2013 a pílula é distribuída gratuitamente nos postos de saúde e funciona como uma contracepção de emergência e não um abortivo.

Ao final do programa, Elza Soares entra no palco, sentada em um trono em forma de salto alto, e é homenageada. Ela conta sua trajetória de vida até vencer, em 2016, o Grammy Latino 2016 pelo disco “A Mulher do Fim do Mundo“. A cantora se apresenta e a apresentadora chega ao tópico de violência contra a mulher: “(...) é uma questão de saúde,

alcançou números que podem ser equiparados ao de uma epidemia”. E avisa sobre o Ligue 180: “É um canal de denúncia. A maior parte das ligações que recebemos é para informações, ‘olha, é o seguinte, onde fica uma delegacia especializada?’, ‘será que esse tipo de situação que eu estou vivendo é um tipo de situação de violência?’, porque muitas vezes ela não sabe se aquilo que ela está vivendo é uma situação de violência e ela também não sabe o que fazer. A ligação é gratuita, 24 horas, de qualquer lugar do Brasil. E o mais importante: qualquer um pode fazer essa denúncia. Em briga de homem e mulher a gente têm aprendido que tem que meter a colher”, diz uma representante do Ligue 180⁹⁶.

O programa acaba com um texto lido por Fernanda: “Não sofra calada! Use seus direitos, porque uma ligação pode realmente salvar uma vida. A gente já caminhou muito na direção da igualdade, isso é inegável. Mas os números da violência contra a mulher ainda são assustadores. A cada 4 minutos, uma mulher dá entrada no SUS vítima de violência. 6 em cada 10 brasileiras dizem conhecer uma mulher que já foi vítima de violência doméstica. A cada 11 minutos, 1 mulher é estuprada no Brasil. 13 mulheres são assassinadas por dia no Brasil. 26% das mulheres que já sofreram algum tipo de violência ainda convivem com o agressor”.

E a apresentadora continua: “37% dos brasileiros acham que mulheres que se dão ao respeito não são estupradas. O homicídio de mulheres negras aumentou 54% em 10 anos no país. 70% dos casos de estupros são cometidos por pessoas que a vítima conhece. 85% das mulheres brasileiras têm medo de sofrer violência sexual. 497 é o número de delegacias da mulher no Brasil, isso é menos de 10% do número de municípios. Reforçando: 180 é o número que você deve ligar para que essas estatísticas mudem”⁹⁷. E Elza Soares canta no encerramento a música Maria da Vila Matilde⁹⁸, do álbum *A Mulher do Fim do Mundo* (2015).

Outro programa da grade que aborda assuntos pertinentes a discussões é o *Conversa com Bial*. A edição que foi ao ar no dia 16 de outubro de 2018 – 4 meses após o término de *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018) e um dia após a primeira exibição em rede nacional do primeiro episódio de *Assédio* (2018) - levou ao palco duas vítimas reais do ex-médico Roger Abdelmassih, condenado a 181 anos de prisão por 56 estupros de

⁹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/p/4715/>. Acesso em: 16 mai. 2019.

⁹⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/p/4715/>. Acesso em: 16 mai. 2019.

⁹⁸ Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/elza-soares/maria-da-vila-matilde/>. Acesso em: 16 mai. 2019.

pacientes após recorrer. Além delas, a autora, a diretora e uma atriz da minissérie *Assédio* (2018) estavam presentes. Ivani Serebenic e Helena Leardini, as vítimas, foram ao talk show para contar seus processos até mostrarem seus rostos como vítimas e, assim, conseguir a condenação do estuprador antes famoso e prestigiado.

No bate papo, Pedro Bial passa por assuntos com as vítimas como os sentimentos ao ver a série, ao entenderem que foram violentadas e como foi o caminho até chegar a denunciar. Com Amora Mautner, a diretora, Hermila Guedes, uma das atrizes, e Maria Camargo, escritora, o apresentador conversa sobre a adaptação do livro para série, o formato e a filmagem da sequência do estupro.

Algumas vítimas, como relatado por uma delas, não conseguiram assistir, passaram mal ao se verem reconhecidas em cena. Ivani Serebenic explicou o que pensou quando teve a certeza de que havia sido violentada: “O sentimento é de culpa. Eu achei que eu tinha feito algo. Eu achei que eu tinha dado margem para aquilo acontecer. [que é um pensamento típico de mulher violentada, intervém Bial] É inconsciente”. Ela chegou a voltar uma segunda vez à clínica, já que havia pagado por três tentativas – só chegou a duas -. “Eu tinha que voltar no quinto dia para fazer a transferência dos embriões para o meu útero. Na sua cabeça, nessa hora, os seus nenéns estão ali. Eu tinha que voltar. Nessa hora não é nem a parte financeira mais. Nessa hora é o teu sonho de ser mãe”⁹⁹.

A entrevista chega à parte ficcional da história e ao processo de produção. Hermila Guedes interpreta Maria José, um mistura criada das vítimas do ex-médico. Nordestina, de origem humilde, junta dinheiro para ir a São Paulo fazer o tratamento para engravidar. “Foram três dias [para gravar a cena do estupro]. A cena ficou editada no ar com 2 minutos. Eu lia o roteiro e pensava ‘meu deus, como vai ser feito isso? O que vai ser mostrado, que tom terá a cena? Porque mesmo de mentira, o sentimento é real”.

Então, Amora Mautner começou a explicar o processo de filmar e dirigir uma cena tão delicada que poderia cair em um tom não desejado e ressaltou o roteiro bem escrito pela autora. “Ela começou escrevendo essas vítimas enquanto vitimas e ela fez muito bonito o processo de potência. Pra mim, essa serie não é sobre um monstro estuprador, é sobre a potência das mulheres e sobre o que as mulheres fazem quando estão inclusive desprovidas de ajuda”.

⁹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7093571/programa/>. Acesso em: 17 mai. 2019.

O desenho do conceito geral da série foi feito para ser mais uma camada que reafirmasse o que estava sendo passado em cena. “é fundamental que a forma esteja criando essa atmosfera para que não só o texto exista, exista tudo reafirmando a dor, a tragédia, o filme de horror que era. Por isso que a gente conduziu um pouco a série para ir para um thriller. O tempo todo a gente para dentro da cabeça dessas mulheres”.

E, na hora de dirigir câmeras e pontos de vista, a diretora decidiu por nunca direcionar o olhar pela mente desejante do estuprador, para não descambar para uma possível erotização do estupro e realizar um desserviço. “Eu fui pelo caminho de morte, IML, mulheres cortadas, mortas, porque, pra mim, depois desse estupro, elas todas tiveram uma morte simbólica e renasceram. Isso é, pra mim, a maior meta da história”.

Para o final da conversa, Bial pergunta se o mundo em que vivemos é diferente ao mundo de 20 anos atrás, a década quando Abdelmassih começou a praticar os abusos. Maria Camargo comenta que as condições que formam a nossa sociedade – a forma como as pessoas são criadas, a cultura do estupro, as instituições, a cultura do machismo e do silêncio – ainda permitem que isso aconteça nos dias atuais. Mas ela faz uma ressalva: “O fato de essas mulheres terem virado isso teve muito a ver com o lado bom das redes sociais. Diz muito também sobre uma mudança que está acontecendo nesse mundo. Os crimes continuam acontecendo, mas nunca se falou tanto sobre assédio, violência contra a mulher”¹⁰⁰.

4.2 Spoiler de novela: explorando a violência contra a mulher

Dos anos 2000 até 2018 houve oito telenovelas exibidas em horário nobre que trataram a violência de gênero, principalmente a doméstica, como algo mais que corriqueiro. Ao criar núcleos específicos voltados à apresentação e ao debate do problema, as que se destacam são *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Senhora do Destino* (2005), *A Favorita* (2008), *Fina Estampa* (2012), *Amor à Vida* (2013/14), *Em Família* (2014), *A Regra do Jogo* (2016) e *O Outro Lado do Paraíso* (2017/18) – desta afirmação foram excluídas novelas que apresentaram o tema, mas não aprofundaram, como *Segundo Sol* (2018), por exemplo.

A violência discutida neste trabalho pode ser entendida a partir da definição feita por Zizek de que há três tipos: a subjetiva, a sistêmica, e a objetiva (ZIZEK apud

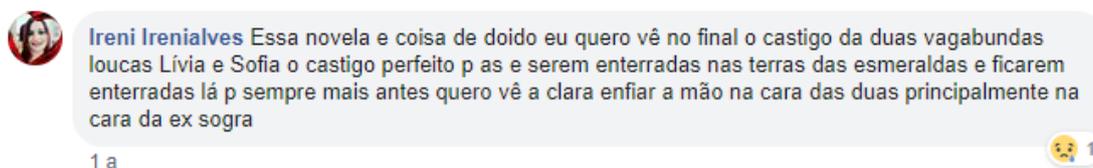
¹⁰⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7093571/programa/>. Acesso em: 17 mai. 2019.

ALBUQUERQUE, 2016, p. 12). A subjetiva é quando temos certeza de estamos sendo violentados e os agentes estão identificados. A violência sistêmica é a que teria origem no funcionamento normal dos sistemas econômico e político. A que estamos discutindo na maior parte do estudo e neste tópico especialmente é a violência objetiva: A homofobia, o racismo, o machismo e outras formas de opressões históricas contra grupos minoritários são exemplos. É uma violência naturalizada, muitas vezes despercebida e frequentemente reproduzida e mantida pelo discurso.

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência [...] daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p. 07).

A análise, motivada por dois comentários feitos por telespectadores da novela enquanto ela ainda estava no ar, será feita a partir da naturalização da violência contra a mulher. Além disso, mais um comentário feito no Twitter entrará para corroborar. As críticas foram as seguintes:

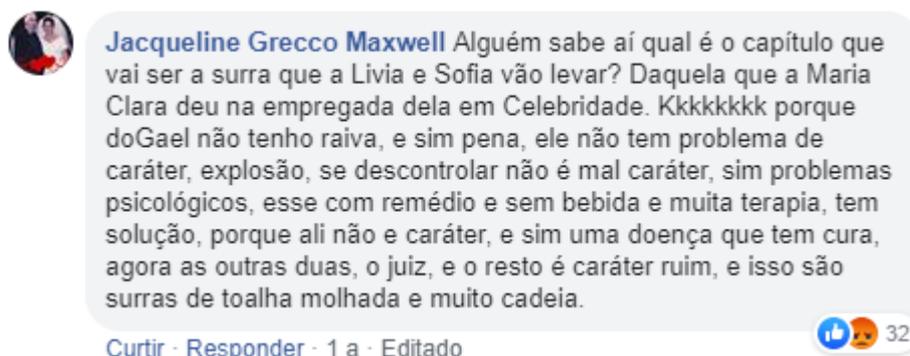
Figura 32 - Público torce por uma cena de briga entre mulheres



Fonte: Página oficial do Gshow no facebook¹⁰¹

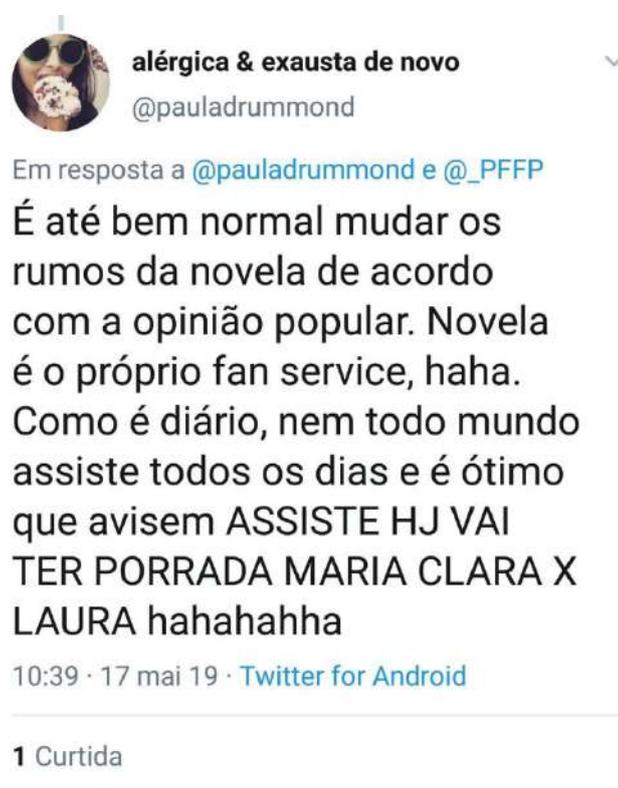
¹⁰¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/portalgshow/videos/1009703509187174/>. Acesso em: 11 mai. 2019.

Figura 33 - Opinião e sugestão de uma telespectadora



Fonte: Página oficial do Gshow no facebook¹⁰²

Figura 34 - Mais uma lembrança da clássica cena de Celebridade (2003)



Fonte: Twitter¹⁰³

Na figura 32, além de categorizar a vilã Sophia e Livia, sua filha, como “vagabundas”, há também o desejo de justiça por meio de agressão. Na figura 33, assim como na figura 34, a cena de agressão entre as personagens Maria Clara Diniz e Laura Prudente da Costa no chão do banheiro ficou no imaginário popular e virou referência

¹⁰² Disponível em: <https://www.facebook.com/portalgshow/posts/voc%C3%AAs-n%C3%A3o-imaginam-o-prazer-que-%C3%A9-estar-de-volta-/1024390234385168/>. Acesso em: 11 mai. 2019.

¹⁰³ Disponível em: <https://twitter.com/pauladrummond/status/1129380946883559426>. Acesso em: 17 mai. 2019.

quando se pensa em vingança da mocinha contra a vilã. A violência está tão banalizada a ponto de telespectadores torcerem para acontecer – e não apenas torcerem para este rumo no roteiro, mas torcem para as chamadas e teasers da novela avisarem quando vai acontecer.

Na maioria das novelas, o arco para chegar a uma grande cena de agressão de repercussão ao ponto de os telespectadores – até mesmo os não assíduos – quererem saber quando vai ao ar pode ser dividido em dois. O arco da violência contra a mocinha é fruto de relações violentas (constantemente as mulheres apanham, por longos períodos de tempo), as cenas de espancamento e xingamento no contexto da violência doméstica são apresentadas ao longo da trama, as mulheres da violência doméstica estão sempre enquadradas nos padrões morais das telenovelas (que as apresentam como boas esposas e batalhadoras) e as mulheres da violência doméstica amam seus maridos e são fiéis a eles.

Para o arco da violência contra as vilãs, trata-se de uma violência pontual - são violentadas apenas algumas vezes, quando estão no auge de suas maldades e precisam ser contidas, em situações conjunturais. Elas são o oposto da moralidade: promíscuas, inescrupulosas, ardilosas e mentirosas. Considerando a diferença entre os dois arcos, uma violência é considerada justificada – dar uma lição nas vilãs é necessário, mesmo que seja humilhante e violento – e outra é injustificada – nem o contexto, nem a personalidade da mulher são atenuantes.

Os padrões de relativização da violência de gênero estão tão arraigados na percepção cotidiana dos brasileiros, que, em 2014 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹⁰⁴ publicou um estudo sobre a relativização da violência contra a mulher. Dos entrevistados, 58% afirmaram concordar com a frase: “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros”. Outro dado essencial é a divisão clara entre “mulheres para casar” e “mulheres para a cama”: 34% concordam com essa separação.

As narrativas das telenovelas estão inseridas cotidianamente nos lares brasileiros, fazem parte das vivências diárias de seus telespectadores. Elas não compõem mensagens alheias à realidade e às concepções daqueles que as assistem, mas trocam num fluxo de retroalimentação com eles os sentidos e as representações sobre o mundo social. Por meio da construção da narrativa, as novelas constroem um mundo no qual é possível distinguir

¹⁰⁴ Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf. Acesso em: 17 mai. 2019.

as violências e relativizar seu peso. Se por um lado essas produções ficcionais pretendem educar a respeito de tal problema social, de outro modo elas reforçam possibilidades de agressão e humilhação de mulheres.

5 Considerações finais

A urgência do tema da violência de gênero no Brasil aparece todos os dias nos lares brasileiros – e não é apenas nas novelas. A gravidade deste assunto é tamanha que é esperado que as narrativas ficcionais tratassem e discutissem essa realidade brasileira, já que elas se tornaram um dos veículos que captam e expressam padrões legítimos e ilegítimos de comportamento. Ao se aproximar do cotidiano, criou-se uma área para se discutir sua função de reprodução e de transformação.

Se por um lado, a reprodução é a tendência à manutenção do *status quo* por meio da ênfase à hegemonia de pensamentos morais e culturais de uma sociedade - que naturaliza a violência contra a mulher, por exemplo. Por outro, há o conflito com o discurso dissidente, de contestação, visando à mudança social.

O objetivo deste trabalho era essencialmente entender como se estruturam as discussões sobre as pautas que impactam a vida das mulheres com as novelas como meio entre a teoria, a prática e a recepção - ainda mais após o início da Quarta Onda Feminista em meados de 2012. E, mais, entender como a violência contra a mulher estava sendo tratada e discutida ao longo dos anos nas telenovelas e o porquê de ainda ser naturalizada, já que o padrão é contínuo desde 1969. Para tal, o objeto de estudo foi a novela *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018), quase 50 anos depois de *Verão Vermelho* (1969) apresentar ao público uma cena de surra de chicote de um marido na esposa.

A hipótese central levantada antes de se começar o estudo era de que a representação da mulher em situação de violência – doméstica ou não – estava longe de se parecer com o que passa uma vítima real. Ela se sustenta, em alguns termos. No percurso, pôde-se observar que a violência de gênero mostrada no objeto de estudo acontece com Clara, a personagem principal – diferentemente da maioria das outras 30 novelas incluídas na metodologia de pesquisa. Este já foi um grande passo para a visibilidade proporcionada no horário nobre da TV.

As cenas das agressões, com cores, foram uma mescla de delicadeza – quando a personagem foi estuprada na noite de núpcias e a direção optou por recortar a imagem mostrando o rosto da protagonista durante e, no meio, cenas dela se afogando em um rio – e realidade – quando, em outra situação, o marido a puxa pelos cabelos, joga objetos nela e a atira da escada.

Outro ponto positivo do objeto é que Gael, o agressor, não é estereotipado. Ele poderia ser seu vizinho, o marido da sua amiga. Não é o louco que aparece à noite num beco escuro e nunca mais é visto. Rico, branco, de classe alta, teve acesso a uma boa educação, ele é o “príncipe gentil”, como Clara o chamava. Apesar de, na narrativa, a mãe de Gael ser amiga das autoridades da cidade do interior (o delegado, o juiz, o chefe de psiquiatria do maior hospital) e, por isso, sua denúncia não ser registrada, é importante dizer que a personagem foi à delegacia denunciar com base na Lei Maria da Penha. É necessário mostrar que a vitimização da mulher é uma experiência multidimensional: a mulher que sofre a violência tem tendência a ser vítima novamente ao ser desacreditada por uma equipe médica, pela polícia que a questionam sobre sua culpa e a justiça que demora e a faz reviver esse episódio em algumas audiências – embora a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio sejam um marco.

Porém, não foi isso que aconteceu na novela. Se o público não é constantemente lembrado das consequências da violência contra a mulher, mulheres continuarão a ser objetificadas e vistas como mães, filhas, esposas de alguém. Guardadas as devidas licenças poéticas, Clara só conseguiu que Gael fosse preso 10 anos após o primeiro episódio de violência. O padrão de representação de violência doméstica visto nesta novela não é o mesmo de muitas outras dentre as 30 pesquisadas no segundo capítulo: Clara é estuprada já no segundo capítulo da telenovela. Há três modos de se pensar este ponto. Um é que no primeiro capítulo há a construção muito rápida da história do casal, quando, ainda namorados, Gael já demonstra ciúmes excessivo e briga com Clara – sem agredir, mas fala agressivamente. O segundo modo é pensar que a violência mais extrema já é mostrada aos telespectadores no segundo capítulo da novela, portanto, revelando de início a situação vivida pelo casal.

O terceiro modo é pensar que houve duas construções do padrão já conhecido. Clara reviveu o mesmo modelo duas vezes: há uma recorrência de cenas da rotina de agressões “leves” (empurrões, ameaças, puxões), como quando se conheceram e começaram a namorar; um episódio é selecionado como extremo, como o estupro na primeira noite e, depois, quando Gael joga Clara, grávida, da escada de casa; o resultado da agressão fica no corpo da vítima como marcas roxas e tristeza no olhar da mulher; o marido bate na esposa por ciúmes; o homem está bêbado ou louco quando comete o crime; a mulher é incapaz de trair o marido, é uma boa esposa, membro respeitável da sociedade

da trama; a esposa não reage à agressão e sempre precisa de um longo tempo para realizar uma denúncia formal. Essa sequência de comportamento é apresentada antes e depois do casamento acontecer.

A representação contemporânea da violência contra a mulher nas narrativas midiáticas sugere que se trata de um problema que transcende raça e classe, sendo de natureza física e psicológica. Como se pode observar em *Segundo Sol* (2018) e *Assédio* (2018). Em *Segundo Sol*, há uma exceção: em dois dos três episódios examinados, um personagem rico, negro, é falsamente acusado de estupro – e, mais tarde, expõe a noiva no altar na frente de convidados e jornalistas, rasgando seu vestido e a humilhando após saber que havia sido traído. O tratamento dado às agressões, considerando que o personagem era o único negro bem sucedido numa novela que se passava na Bahia, é, no mínimo, problemático. Já em *Assédio* (2018), o agressor é um médico renomado e rico, acima de qualquer suspeita, com apelido de “Doutor Vida”. Juntando as três narrativas, compreende-se que o problema extrapola raça e classe.

Após examinar as retratações das agressões, é óbvia a observação de que a série é uma narrativa fechada, gravada a partir de um roteiro previamente definido, já com aval de ir ao ar. Já a novela depende da aprovação do público e, embora elas tenham um serviço social de merchandising e pedagógico, os autores e sua equipe são motivados pela mensuração de audiência e de faturamento da produção, pois elas são um produto comercial. O que pode explicar a continuação da mesma condução do autor da novela-objeto, já que a novela estava quebrando recordes de audiência constantemente.

Para corroborar com a ideia de que as produções audiovisuais podem exercer o papel de *agenda-setting* e se tornarem fontes de notícias, a análise de programas da TV e de redes sociais foi bem sucedida. A partir dela, compreende-se que as abordagens são diferentes entre novelas e programas da mesma emissora. Embora a abordagem da violência contra a mulher tenha tido seus defeitos no objeto de estudo, contata-se a problematização da violência, de como dirigir e escrever cenas de estupro, de como ela pode ser mal abordada, no programa Amor & Sexo e Conversa com Bial e em alguns comentários da página oficial do Gshow no Facebook e da hashtag #OOutroLadoDoParaíso e #OOLDP.

Uma das perguntas iniciais motivadoras deste trabalho foi a de que modo novelas impactam uma sociedade que apresenta uma cultura do estupro e está constantemente

vendo notícias de feminicídios e agressões contra mulheres nos noticiários. Não é possível delinear uma linha direta entre a compreensão social da violência de gênero e sua representação nas novelas, mas é possível observar uma circulação de sentidos entre essas duas áreas de discussão. A novela faz seu papel social ao proporcionar gancho para pautar programas e telespectadores nas redes sociais – mesmo quando se equivoca ao, como na novela-objeto, não mostrar algum tipo de seqüela psicológica (geralmente Transtorno de Estresse Pós-Traumático) na vítima. Apesar de alguns posts do público terem teor condenável – como piadas, diminuição do impacto da violência, interpretar que a vítima gosta de apanhar -, houve ideias e pensamentos sensatos, lembrando das leis aplicáveis na situação, de que mulheres não precisam se submeter a um casamento violento para ser feliz e que violência contra a mulher acontece todos os dias nos lares de muitos telespectadores.

Tal pesquisa levou ao questionamento da desigualdade de tratamento das violências – em algumas circunstâncias elas são reconhecidas, enquanto que em outras são meros corretivos – e da vontade de ver chamadas e cenas de violência contra mulheres. Geralmente, elas são o ápice da reviravolta das mocinhas próximas do núcleo central, como em *Avenida Brasil* (2012), *Amor à Vida* (2013), *A Força do Querer* (2017) e *Segundo Sol* (2018), só na década de 10 deste século. O contraste e a relativização da violência contra a mulher ora consideradas justificáveis e ora condenáveis – dependendo do caráter da personagem, mocinha ou vilã -, precisa ser posteriormente abordado em estudo para entender as consequências morais e éticas do impacto na realidade brasileira.

Outro tópico levantado ao longo do presente trabalho é o da mudança da construção dos mocinhos que se tornam vilões – às vezes temporariamente, como em *O Outro Lado do Paraíso* (2017-2018) – após agredirem mulheres. É importante que se explore o porquê desta mudança, as implicações no imaginário do público – um mocinho que bate em uma mulher deixa de ser uma boa pessoa? -, já que, na novela analisada a fundo, Gael teve final feliz e, em sua transformação, ainda salvou uma vítima de agressão doméstica.

Durante a pesquisa e retornando ao fator motivador inicial, uma questão presente é: O que pode ser considerado, por meio de uma crítica feminista, uma representação positiva em termos de violência contra a mulher? Como reescrever uma mulher nesta situação, ainda complementando a ideologia feminista no sentido de ensinar pedagogicamente o que se passa e como se deve proceder? É preciso outro esforço de trabalho para esmiuçar estas perguntas.

A análise deste estudo, após reconhecer o lugar central da telenovela na conjuntura nacional na capacidade de discutir, apresentar e rechaçar padrões éticos e morais, legítimos e ilegítimos, se encerrou por aqui, porém demonstrou que é preciso ir além. Como um projeto exploratório inicial, os resultados são limitados. A fomentação da discussão, de um vocabulário comum, e da quebra do tabu de falar abertamente a outras pessoas sobre agressões que já se passou é uma evolução, vista nos comentários no Facebook, por exemplo.

A conclusão a que se chega é as novelas, no contexto brasileiro, são agentes de debate sobre a sociedade. Elas *per se* não mudam a estrutura sociológica e cultural em que estamos inseridos, mas é capaz de apresentar o tema ou minimizar irresponsavelmente o problema. Por fim, a imagem da violência de gênero fundamentada leva a compreender que as agressões contra mulheres continuarão existindo nas telenovelas até que se pense em uma alternativa aos chavões de narrativa aos quais estamos acostumados. Ou que se coloque mais mulheres à frente destas produções. Virginia Woolf (1929) no século passado já falava que, quando se discute “mulher” e “ficção”, tudo que uma mulher precisa é dinheiro e um quarto.

When you asked me to speak about women and fiction I sat down on the banks of a river and began to wonder what the words meant. They might mean simply a few remarks about Fanny Burney; a few more about Jane Austen; [...] But at second sight the words seemed not so simple. The title women and fiction might mean, and you may have meant it to mean, women and what they are like, or it might mean women and the fiction that they write; or it might mean women and the fiction that is written about them, or it might mean that somehow all three are inextricably mixed together and you want me to consider them in that light. [...] All I could do was to offer you an opinion upon one minor point—a woman must have money and a room of her own if she is to write fiction; (WOOLF, 1929, p.4)

Em quase 50 anos analisados, o número de mulheres escrevendo e dirigindo as narrativas vem aumentando, mas é preciso que ele cresça. O ponto de vista feminino – como visto em *Assédio* (2018) -, partindo do enfoque da vítima, pode ser uma saída para o público perceber o que se passa sendo vítima e entender a não mais naturalizar a vitimização da mulher. Que o futuro seja melhor que o presente.

Referências Bibliográficas

AHMED, Sara. **Living a feminist life**. Durham: Duke University Press, 2017.

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. **As Capas do Meia Hora e a Violência Simbólica de Gênero**. Orientadora: Raquel Paiva de Araujo Soares. Rio de Janeiro, 2016: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo. 50f.

ALVES, Denise Avancini & RUDNICKI, Carlise Schneider. Bandeira arco-íris e violência doméstica nas novelas *Insensato Coração* e *Fina Estampa*: limites do merchandising social na disputa por espectadores. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 91-100, jul./dez. de 2016.

ASSÉDIO. *Amora Mautner*, Joana Jabace, Guto Arruda Botelho. Atores: Adriana Esteves, Fernanda D'Umbra, Antonio Calloni. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2018.

ASSIS, Mercicleide Ramos de Almeida. Resenha sobre A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. **Revista Temática**. Paraíba, v. 11, n. 8, ago. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II – A Experiência Viva**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BAITELLO, Junior Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo, Editora Paulus, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGA, Adriana. **Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica**. IN: Anais do XVI Encontro da COMPÓS. Curitiba: UTP, 2007.

CÂMARA FILHO, José Waldo S; SOUGEY, Everton B. Transtorno de estresse pós-traumático: formulação diagnóstica e questões sobre comorbidade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Pernambuco, 2001, v. 23, p. 221-228.

CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. **Violência de gênero ou punição necessária? As narrativas de telenovelas sobre agressões contra mulheres**. IN: XXVI Encontro Anual da Compós, 2018, Belo Horizonte. Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica. 19f.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-65.

KRISTENSEN, Christian Haag; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta; KASZNIAK, Alfred W. Transtorno de estresse pós-traumático e funções cognitivas. **Psico-USF**, São Paulo, 2006, v. 11, p. 17-23, jun 2006.

LENNING, Emily & KOWITZ, Darrin. Running Out of Oxygen: Is “Television for Women” Sufocating Women?. IN: **Women, Violence and the Media – Readings in Feminist Criminology**. Boston: Published by University Press of New England, 2009. P. 111-117.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Por que estudar Avenida Brasil? A importância estratégica dos estudos de televisão. IN: CAMARGO, Ricardo Zagallo (org). **Brasil: múltiplas identidades**. São Paulo, Alameda, 2016. p. 158-167.

MARTINEZ, Monica & JOYCE, Samantha Nogueira. Representação da violência doméstica em produções seriadas brasileiras. **Revista Rumores**, São Paulo, v. 11, n. 22, jul./dez. 2017.

MARTINS, Simone. **A construção da identidade das telenovelas brasileiras: o processo de identificação dos telespectadores com a narrativa ficcional televisiva**. IN: Congresso Nacional de História da Mídia, VI, 2008. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

OLIVEIRA, Gabriel Jácome. **Babilônia em crise: uma análise do impacto do Social TV na programação televisiva**. Orientadora: Lucimara Rett. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em Publicidade) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 89p.

O OUTRO LADO DO PARAÍSO. André Felipe Binder, Mauro Mendonça Filho. Atores: Bianca Bin, Sérgio Guizé, Marieta Severo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2017.

PICADO, Benjamim & SOUZA, Maria C. J. Dimensões da autoria e do estilo na ficção seriada televisiva. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 2, mai/ago 2018, p. 53-77.

PIRES, Welkson. Em pauta a violência contra a mulher: da instância ficcional à mobilização midiática e social. **Revista Café com Sociologia**, Alagoas, v. 5, n.2, mai./ago. 2016.

QUINAN, Julia Augusto. **Abuso ou sedução? Uma análise da cultura do estupro em novelas brasileiras**. Orientadora: Suzy dos Santos. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 53p.

SEGUNDO SOL. Cristiano Marques, Noa Bressane, Marcelo Zambelli, Ricardo Spencer, Carla Bohler e André Barros. Atores: Deborah Secco, Giovanna Antonelli, Emilio Dantas. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2018.

SILVA, Amanda Martins Avelino. **O que é ser mulher? Uma análise sobre a (re)produção da identidade feminina na mídia**. Orientadora: Maria Helena Junqueira. Rio de Janeiro, 2016. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 57p.

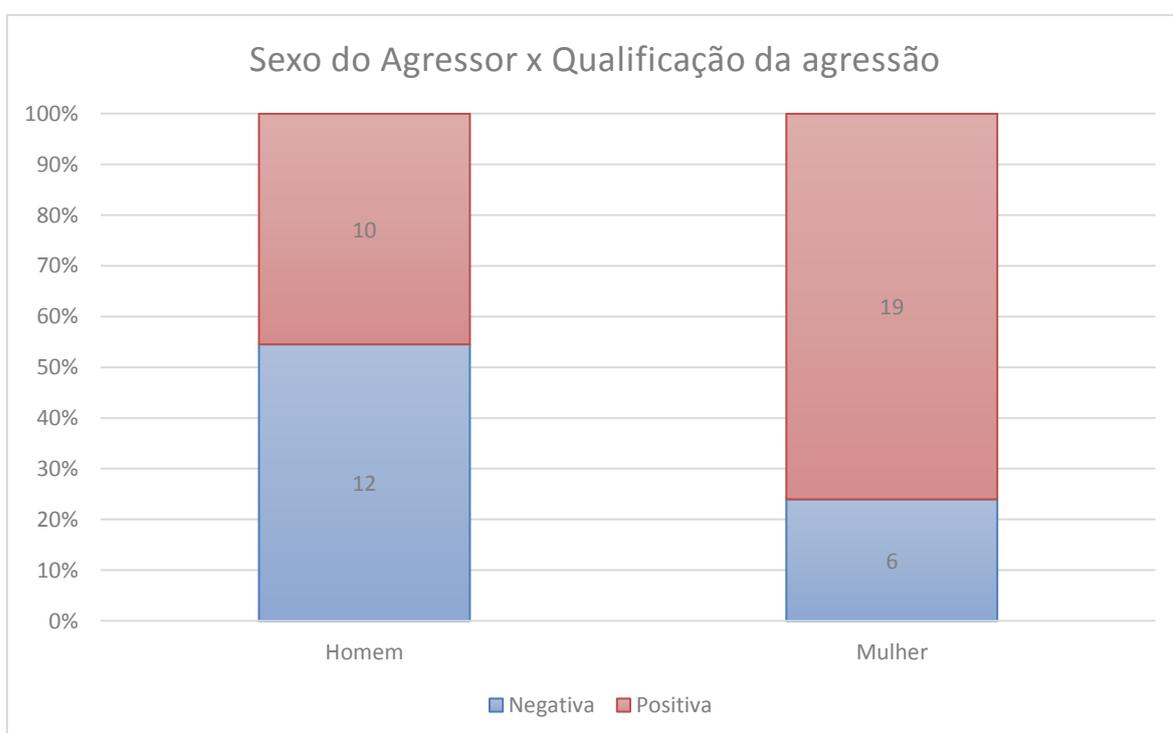
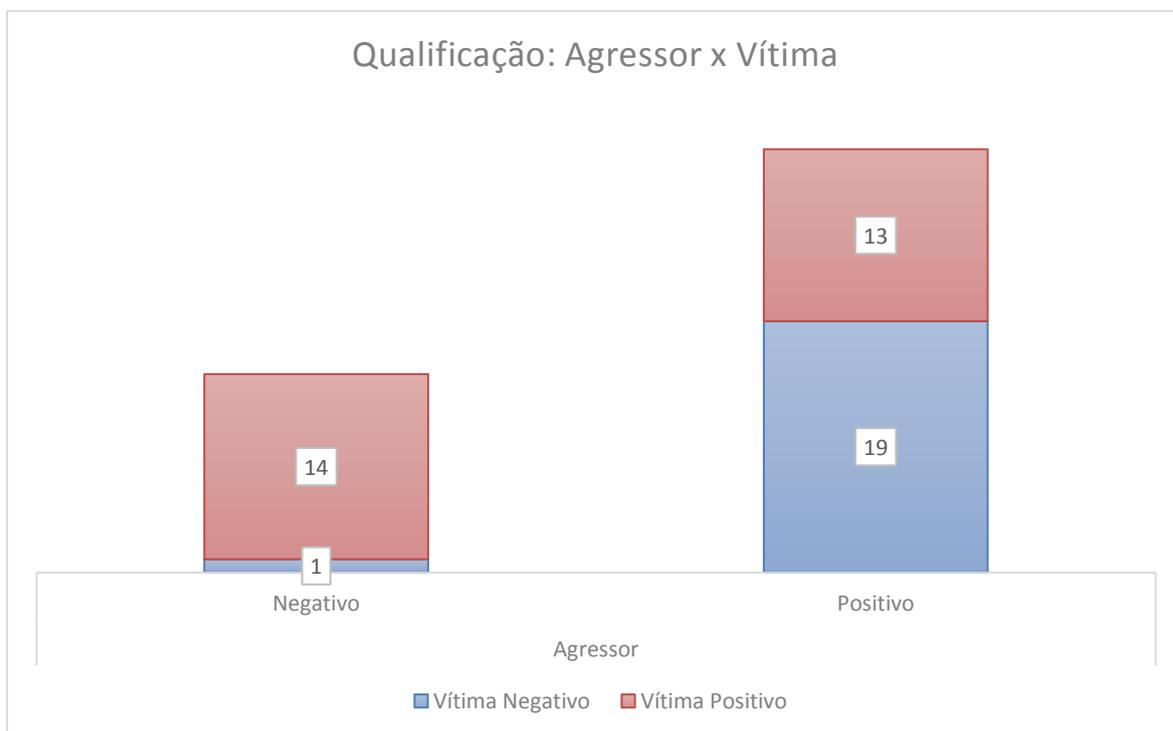
SILVA, Cristiane Valéria da. **Telenovela e sociedade contemporânea: apontamentos acerca das possibilidades de identificação**. Orientadora: Claudia Mariza Braga. São Paulo, 2010. Monografia (Mestrado em Artes Cênicas) – UNICAMP. 92p.

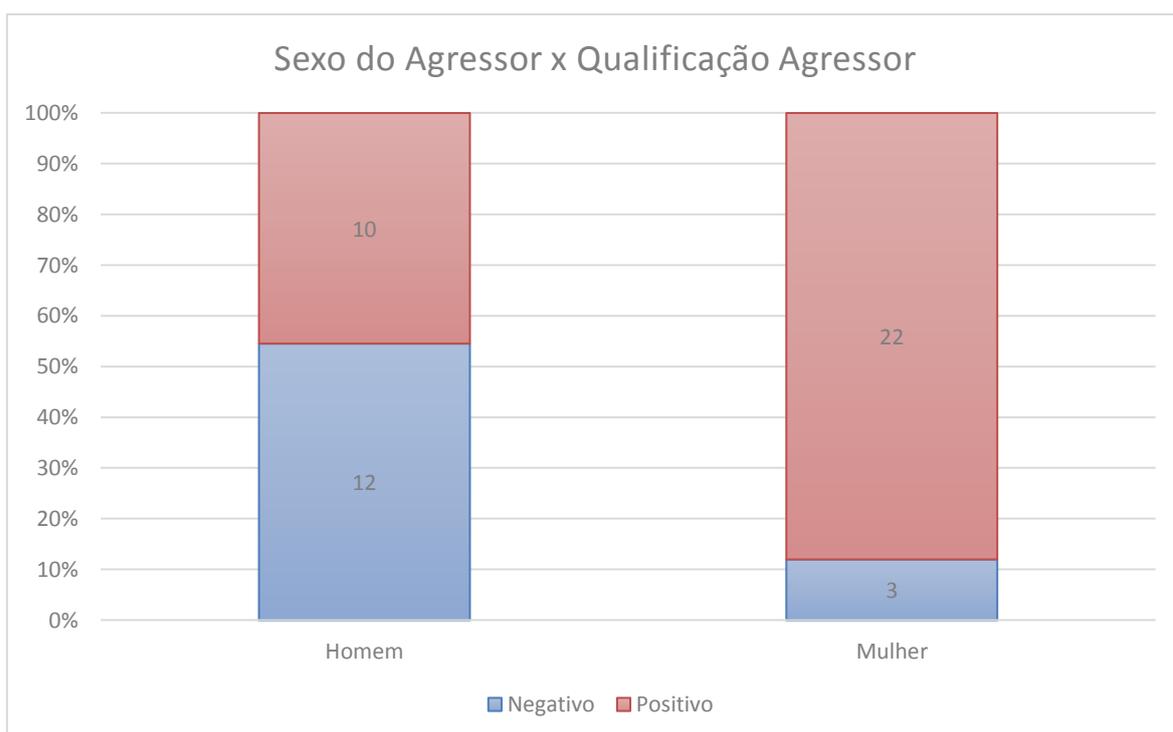
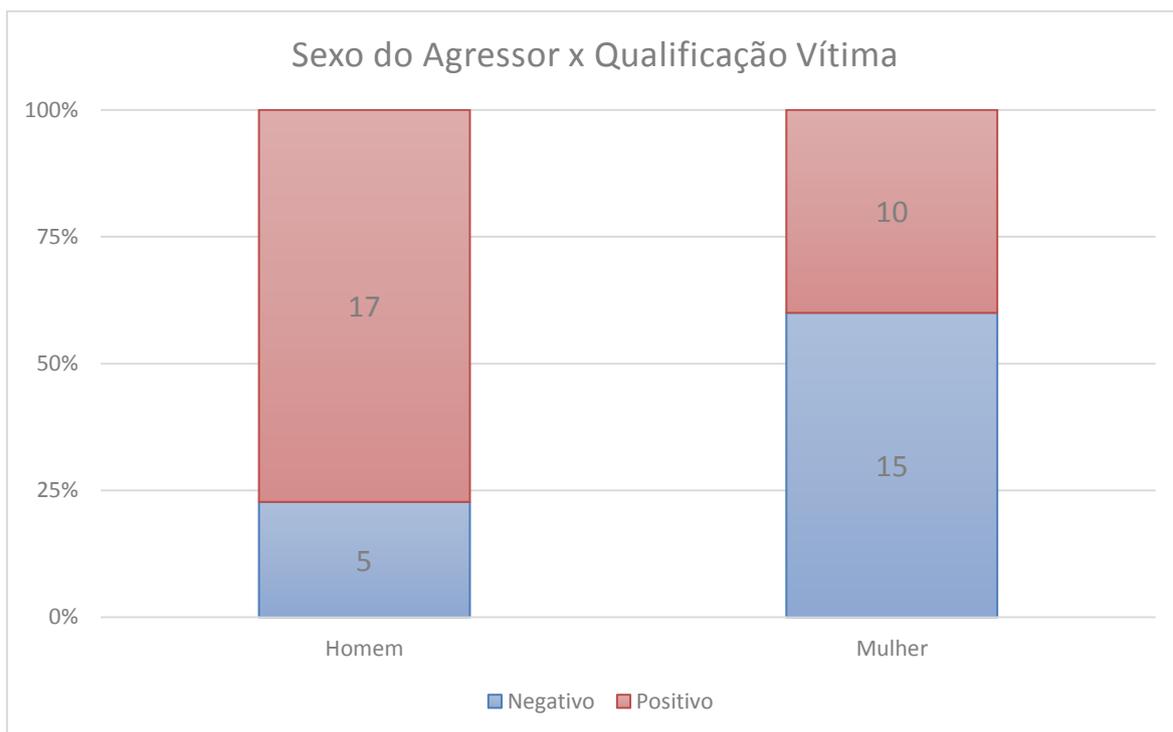
SOUZA, Maria C. J. **Analisando a autoria das telenovelas**. IN: SOUZA, Maria Carmem Jacob de (org.) *Analisando telenovelas*. Salvador, E-papers Serviços Editoriais Ltda, 2004, p. 11-52.

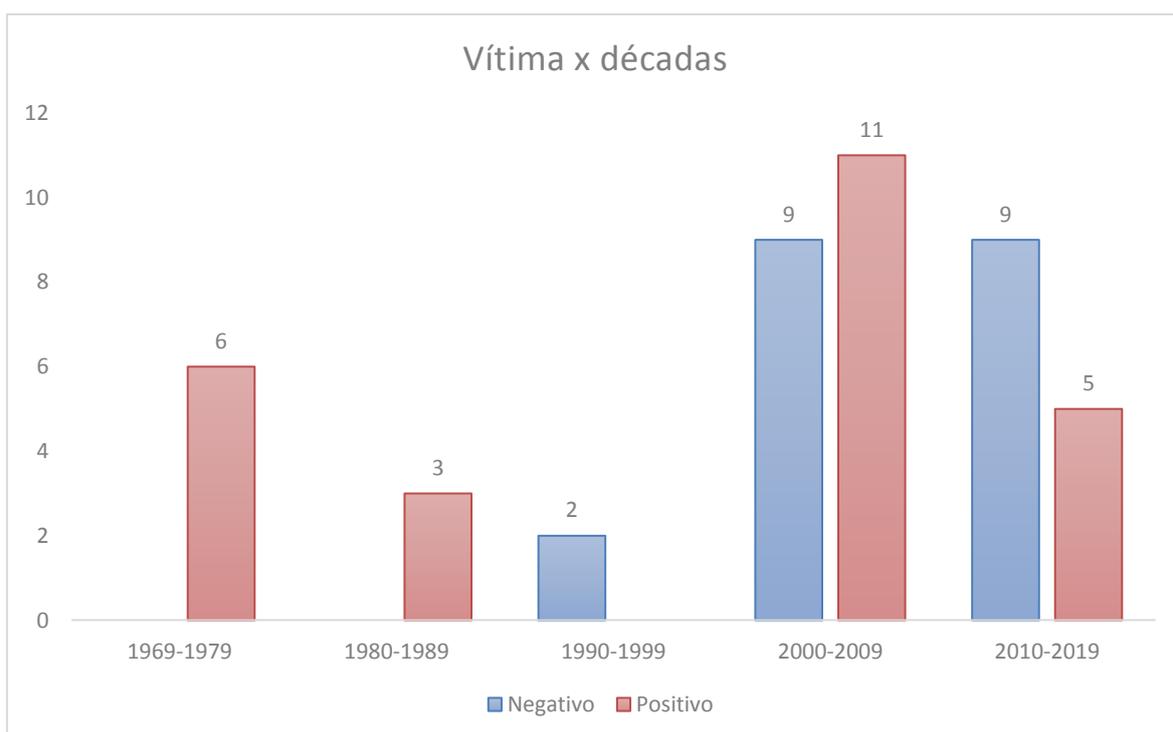
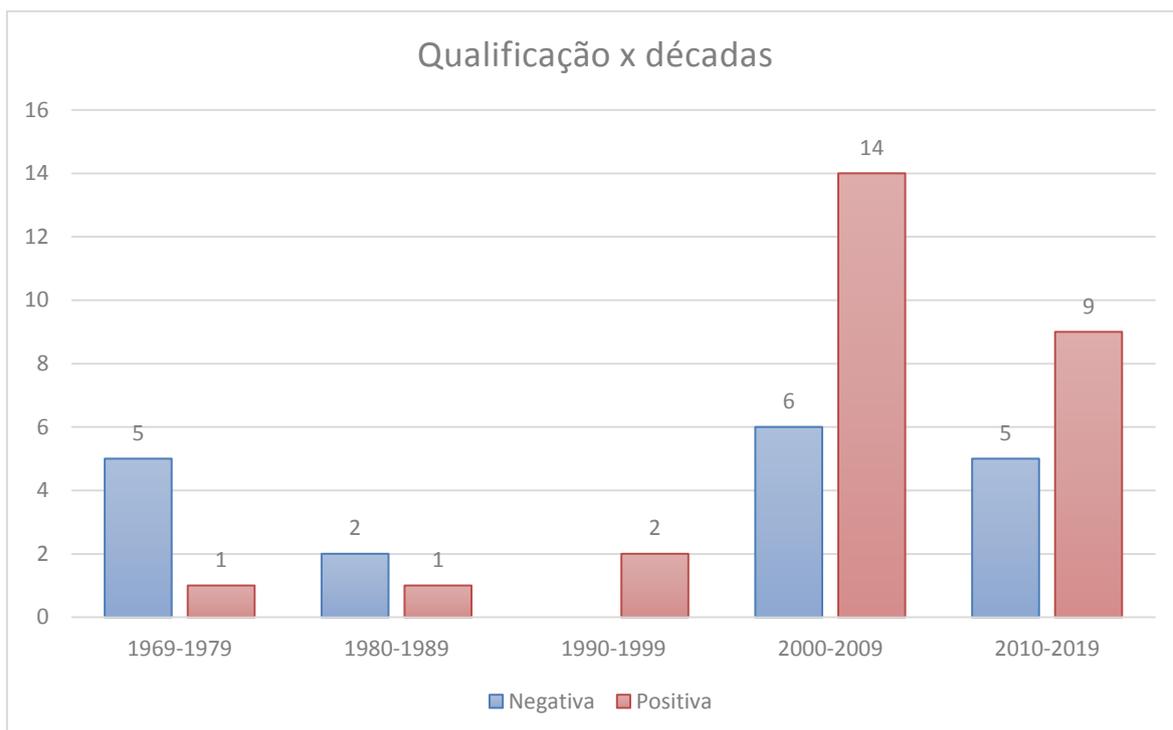
SOUZA, Maria C. J. **Fãs de autores de telenovelas brasileiras**. IN: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006, Bauru. São Paulo: UNESP. 12f.

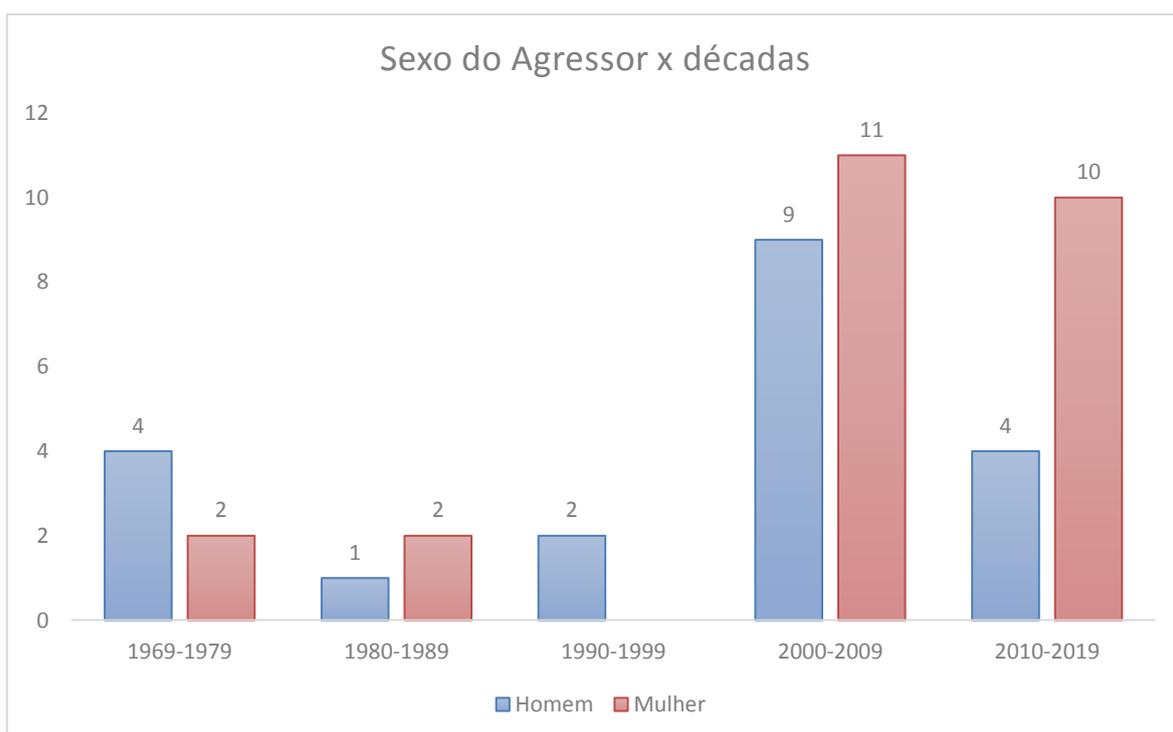
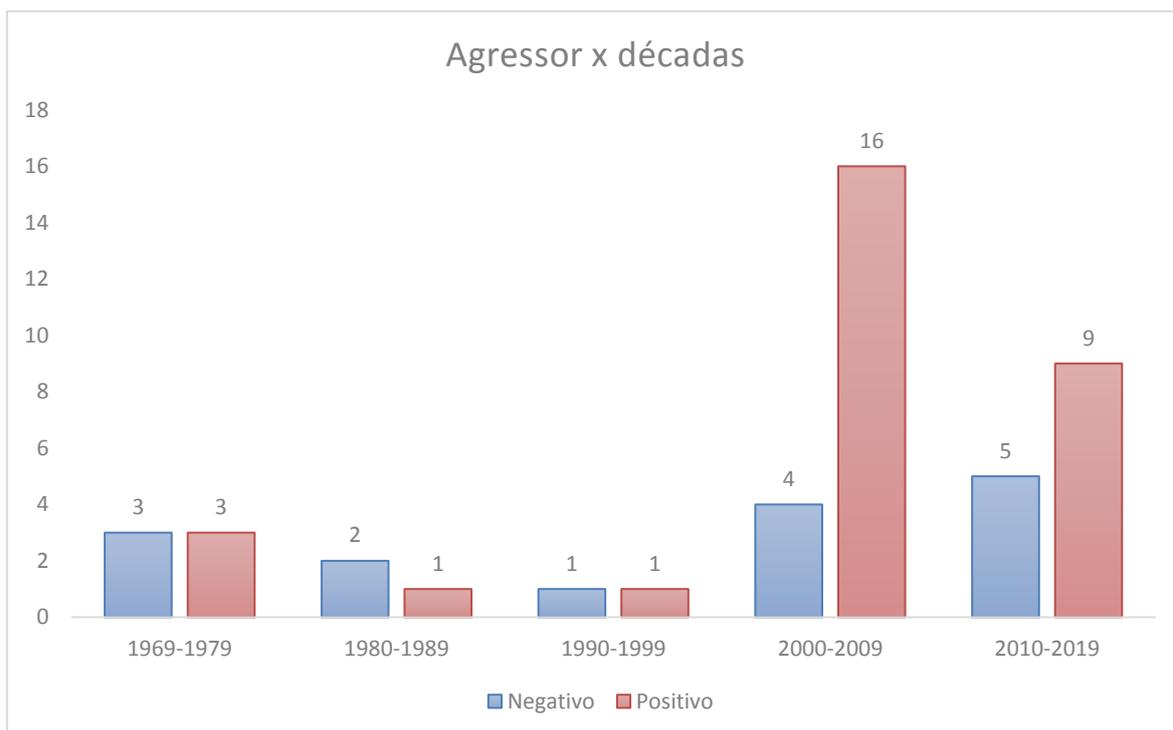
WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. Inglaterra: Hogarth Press, 1929.

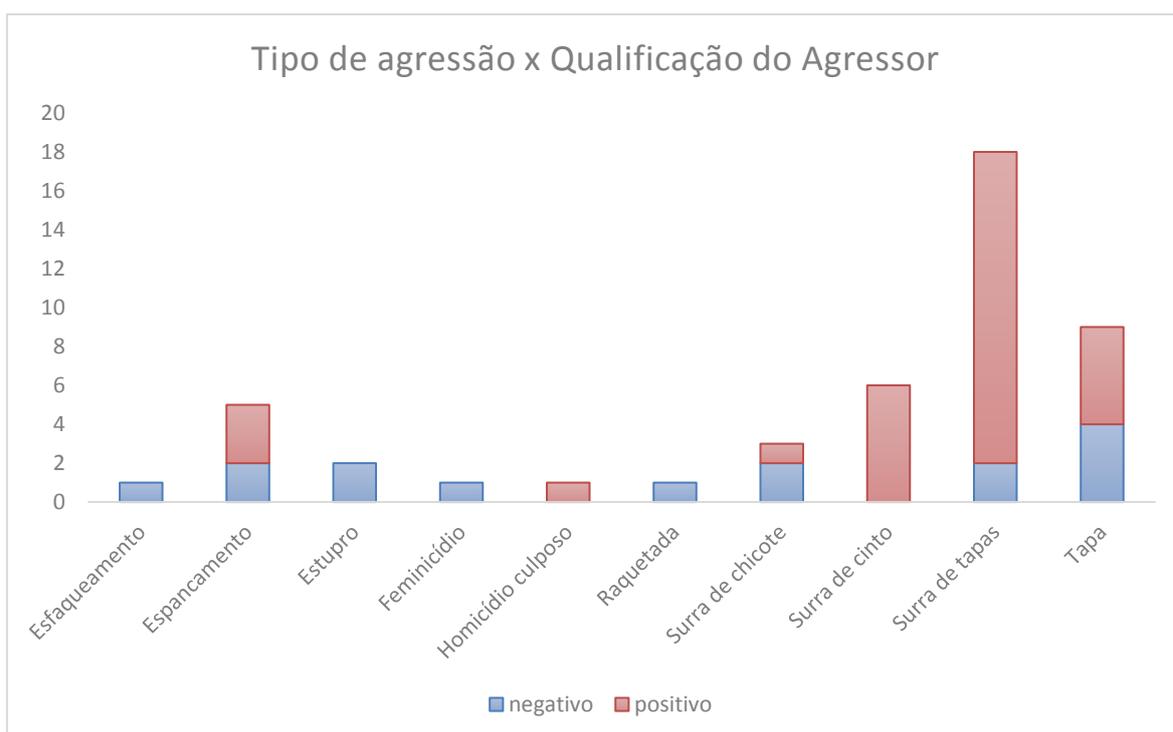
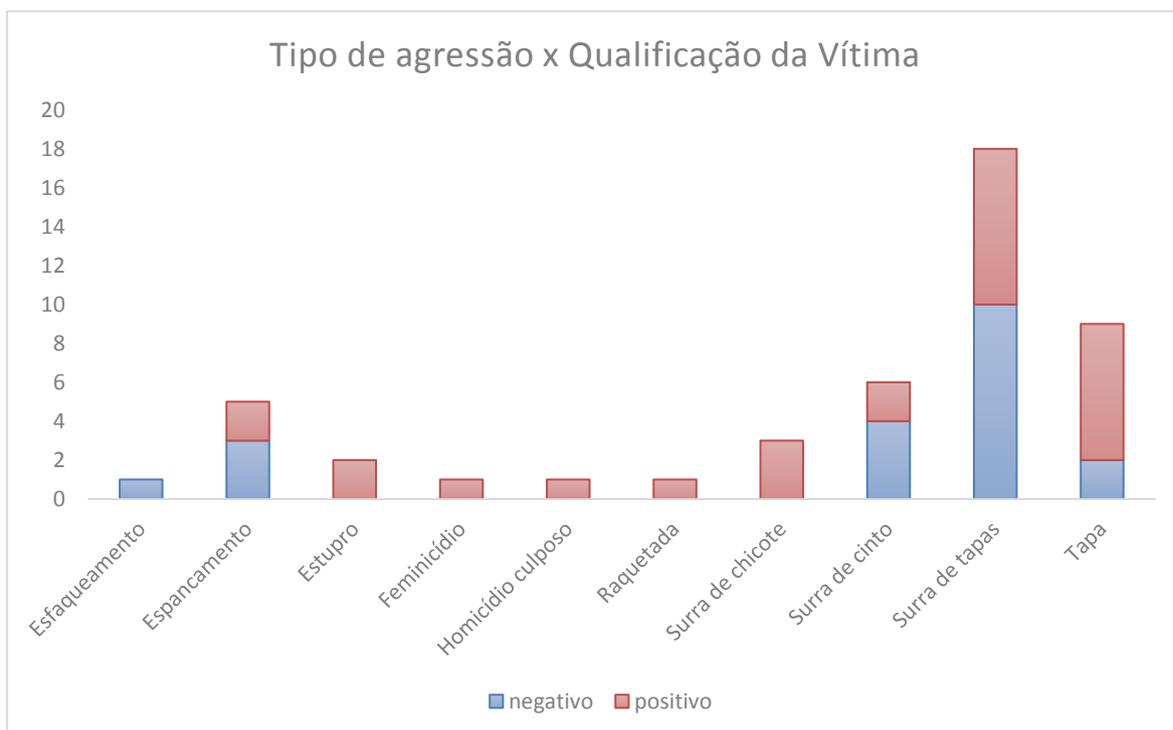
APÊNDICE A – Gráficos feitos para a pesquisa do segundo capítulo

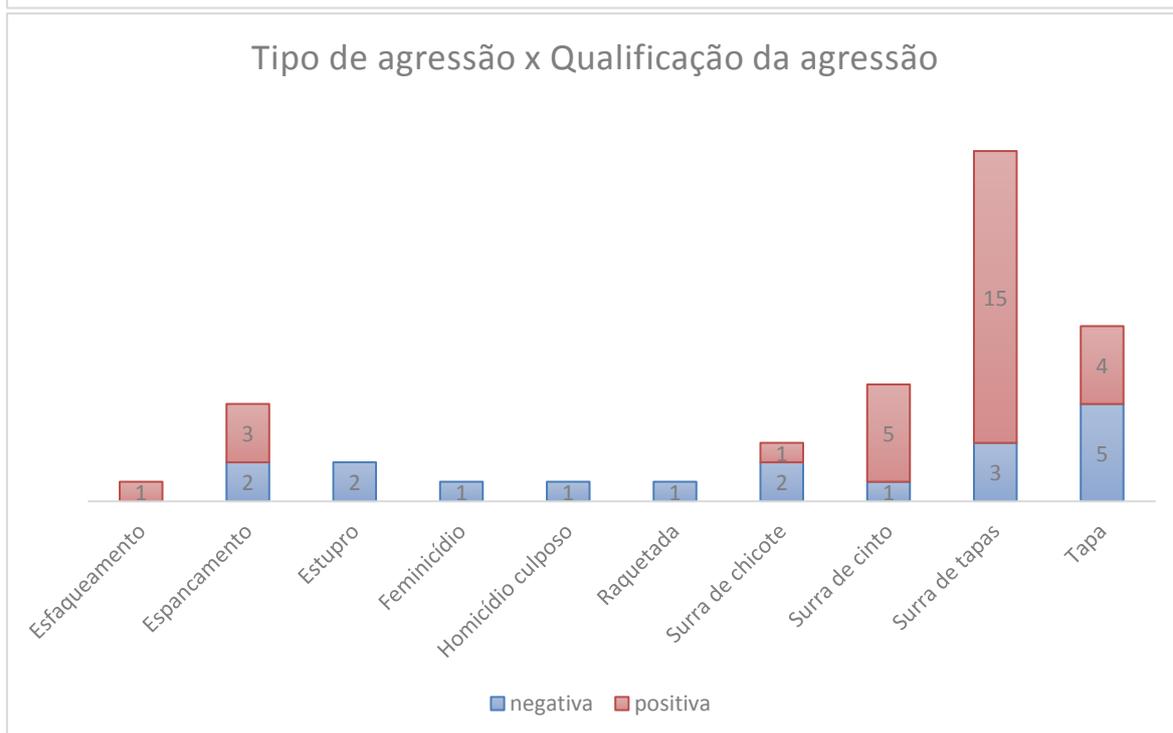
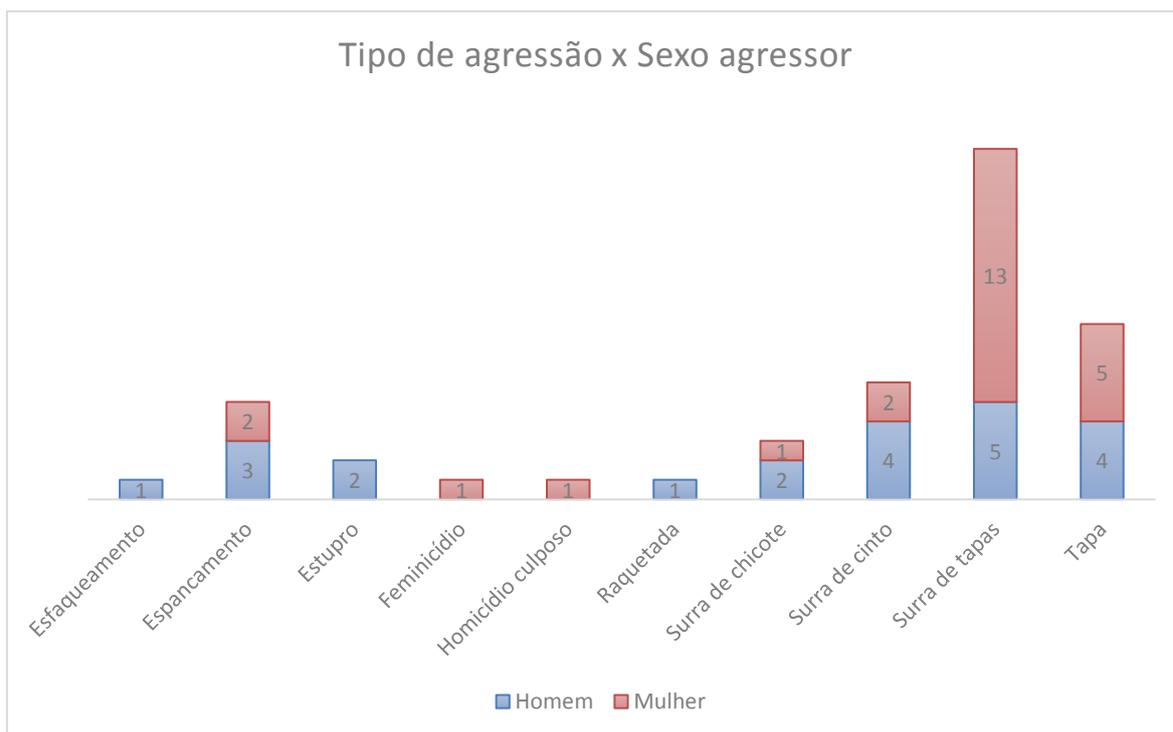




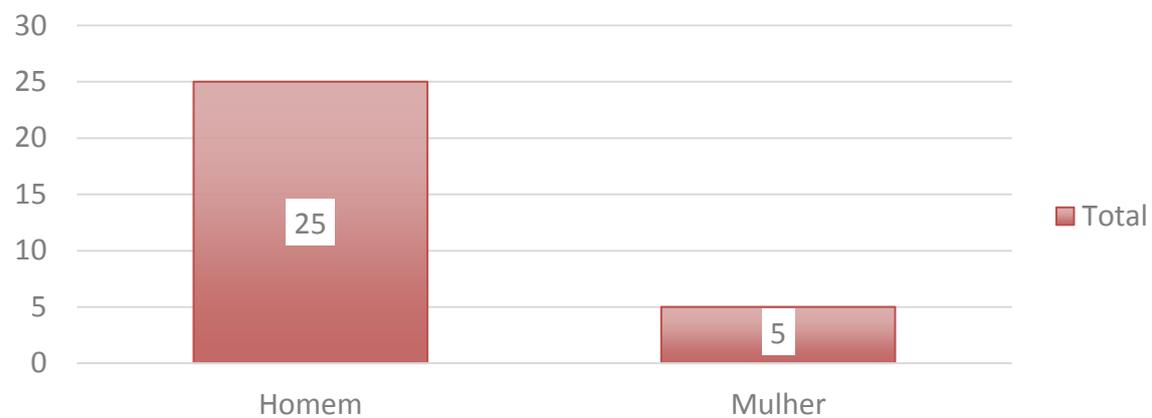








Autores



Diretores

